Revista da Semana

CR$ 1,50 EM TODO O BRASIL

ANO XLV :: N.º 10

4 DE MARÇO DE 1944

A Sra. já conhece a nova Secção de Modas no Sub-Solo da Casa Lú? Visite-a e veja o lindo sortimento que oferecemos.

VESTIDOS — CHAPÉOS
COSTUMES — LINGERIE
"SPORT" E PRAIA
BOLSAS — LUVAS
MEIAS — BIJOUTERIE

Casa Lú Modas

Assembléia esq. Gonçalves Dias

NOTICIARIO ELEGANTE

ENLACE RICCO'-GIORDANO — Realizou-se em São Paulo o enlace matrimonial do sr. Alberico Riccó, com a senhorinha Diva Giordano. Paraninfaram o áto no civil, por parte do noivo, o sr. Jerônimo Cilento e dona Aurora Riccó Cilento; por parte da noiva o sr. Francisco Finamore e dona Angelina Giordano Finamore; no religioso, por parte do noivo, o sr. Atilio Riccó e dona Maria Isola Coli Riccó, por parte da noiva o sr. Francisco Giordano e dona Conceição Finamore Giordano.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

5 — Senhoras: D. Annita Cunha Guimarães, D. Maria Camargo de Almeida, menina Maria Helena Lopes. Senhores: Dr. Gastão de Carvalho, Dr. Fernando de Azevedo Milanez, Dr. José Antonio Flores da Cunha, Sr. Otto Soares de Almeida, Dr. Epaminondas Martins, maestro Vila-Lobos, jornalista Mario Domingues, Dr. Raul Penido.

6 — Senhoras: D. Iveta Ribeiro, D. Maria Bezerra da Silva, D. Dulce Pinto Dantas, D. Eugenia Alvaro Moreira, D. Dila Josetti. Senhores: Dr. Porto D'Ave, Dr. Carlos Guinle, desembargador Pires Sexto, Sr. Edmundo Siqueira, professor José Marques de Azevedo.

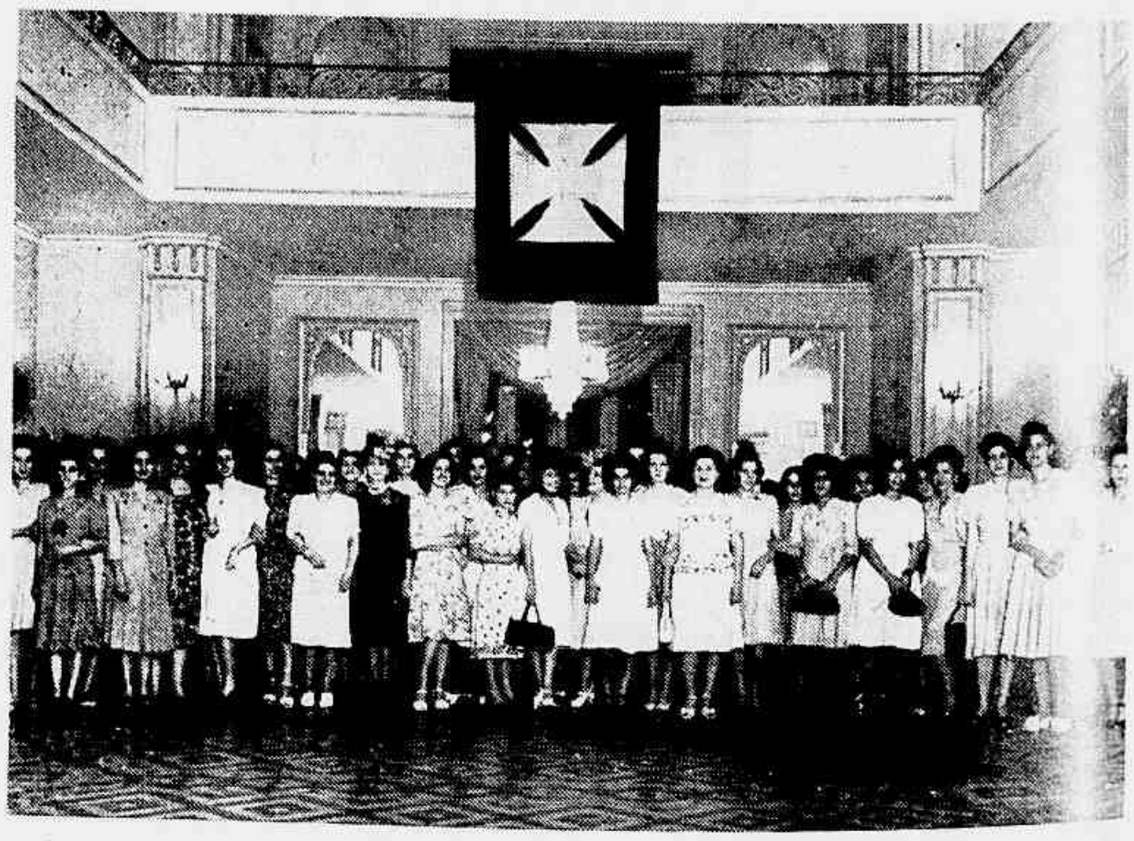
7 — Senhoras: D. Maria da Gloria Carvalho, D. Guiomar Gomes Pereira, meninas: Maria Madalena Moses, Neusa Miranda Reis. Senhores: Dr. Jair Romano Milanez, Dr. Guilherme Romano, Dr. Americo Caparica, Sr. Bolivar Souza.

8 — Senhoras: D. Christy Beltrão, D. Julieta Faria Teixeira, D. Anita Valim Cezar. Senhores: Dr. Heitor Beltrão, Sr. Danton Jobim, almirante Raul Tavares, Sr. Waltrudes Maciel, Dr. Alfredo Americo Pinto.

9 — Senhorita Dulce de Paula. Senhores: general João Gomes Ribeiro Filho, Dr. Antonio Bento Vidal, Sr. Antenor Barbosa Corrêa, Dr. Artur Marques Lins de Albuquerque, comandante Gastão Moutinho, Dr. Martins de Oliveira.

10 — Senhoras: D. Isabel Simões Veiga, D. Jurema de Albuquerque, D. Darlik Vieira. Senhores: Dr. Ivan de Oliveira Lima, Dr. Heitor de Faria, Sr. Eurikino de Almeida Pires.

11 — Senhoras: D. Amalia do Prado Matoso Caminha. Senhores: Dr. Tasso da Silveira, Dr. João Carlos Vidal, Dr. Deolindo do Couto, Sr. Maranho Segreto.



Flagrante do baile comemorativo da festa de fundação da Associação dos Auxiliares da Administração da Organização Henrique Lage.

A MULHER QUE PASSA NA AVENIDA

GENOLINO AMADO mantém pelo microfone da Rádio Mayrink Veiga, de longa data, um interessante programa literário — "Biblioteca do Ar" — falado por Cesar Ladeira. E' da série dessas apreciadas crônicas a que oferecemos aos leitores, publicada com a devida autorização.

MILHARES e milhares de mulheres desfilam diariamente pela Avenida Rio Branco... Moças e velhas, bonitas e feias, louras e morenas... Mas, entre tantas e tantas criaturas femininas, há sempre uma que se destaca das outras, prendendo, atraindo todos os olhares no instante fugitivo em que aparece e vai embora... Seja pela beleza, pela elegância, ou mesmo pela esquisitice do seu tipo, ela fica então representando imagem "da mulher que passa..."

Em torno dessa encantadora figura simbólica, muitas e muitas páginas literárias já foram escritas. Algumas são apenas cronicas ligeiras, fixando a graça de um momento. Outras, porém, constituem verdadeiros estudos de psicologia. Há quem veja toda a alma de Eva no pequeno vulto esquivo que passeia pela Avenida.

A propria poesia não permaneceu indiferente a esse tão leve e sedutor assunto. E assim, "a mulher que passa" vem sendo comentada em prosa e em verso.

Um dos primeiros a escrever sobre ela foi Gilberto Amado, quando o autor de "O Grão de Areia" lançava pelas velhas colunas d'*O Paiz* os seus artigos de tão ruidoso sucesso. Era ainda em 1910. A Avenida tinha somente quatro anos... Mas é claro que lindas criaturas já costumavam desfilar pelas suas calçadas... E eis o belo estudo que Gilberto Amado publicou, tomando a imagem fugitiva como tema para uma comparação, entre a formosura e a elegancia:

"Vendo-a passar ontem, na Avenida, toda leve, em florescencias de carne petulante, fresca e sempre moça, dei-me a pensar no ultimo livro de Gomez Carrillo "A Psicologia da Moda", que está fazendo um sucesso ruidoso em Paris e que tão injustas e leviamas coisas contém. Porque esse livro proclamou o *krack* da beleza e é todo calcado nos ensinamentos do Sr. Marcel Prévost, que é hoje o doutor oficial em assuntos femininos e segundo cujas conclusões: — A beleza foi destronada pela elegância.

E' um alto problema este de estética e de sociologia. Sabe-se o barulho que suscitou em Paris esta afirmação violenta.

Foram chamados á discussão pelas revistas e jornaes febricitados de reclame os mais competentes no assunto, em todas as possiveis especialidades que o atinjam: anatomistas da escola de medicina, fisiologistas de laboratorio, pintores, esculptores, poetas romancistas os mais nomeados e de mais responsabilidade na questão, e, como era natural, Mme. Paquin, a famosa costureira tão deliciosamente sábia na sua juventude permanente, dominando o mundo do seu atelier com um despotismo que iguala o dos reis absolutos e cuja opinião corre mais rapidamente os ventos da publicidade de que as profecias de Tolstoi.

Mme. Paquin... Mas eu não lhes venho perpetrar a biografia dessa Aspasia erudita dos ateliers. Todos a conhecem e a adoram pela benemerencia das invenções da moda bizarra, e os maridos de finanças periclitantes odeiam-na de mais para desconhecê-la...

Abençoêmo-la e voltemos ao assunto. Ela passou ontem na Avenida (este Ela não é o dos romanticos) com um vestido branco, chapéo de palha tufado de rosas claras, um sorriso agressivo e um facil andar de rìtmo leve e agil, que dava ao longe a imagem ondulante de uma sucessão de vôos frus-

trados... Nem posso descrever-lhes a singular maravilha da sua figura tão complexa e tão simples a um tempo. A curva do corpo, um tanto intensa, pois que ainda perduram estes nefandos saltos altos, que os anatomistas justamente condenam e que, entretanto, segundo um historiador, são o melhor sinal que nós possuímos para apurar o gráo de uma civilização. Um elançado de colo que violentam os modelos classicos e que se aligeiram na garridice tafulante, na graça pecaminosa, que só começou a aparecer na arte depois que os pintores elegantes de França pegaram nos desenhos dos prerafaelistas, animaram-lhe a magreza mistica de voluteios satânicos e como lhe enriijeram a diafaneidade de um olegar de saude nervosa e chamejante...

Vendo-a, dei-me a escogitar na memoria os trechos do livro de Carrillo, as tafularias pitorescas, as erudições casquilhas com que se vem negar a existencia da beleza na elegancia ou a morte da beleza...

Detive-me, ainda uma vez, na meditação esmerilhadora do semblante. Certo, o nariz nada tem da linha serena, da firmeza de arquitetura que nas deusas antigas indicavam o triunfo da autoridade e o desejo obedecido. E só das deusas nos ficaram estatuas. A boca, um pouco vi lenta, tumescida numa ameaça de beijo permanente, nada relembra do grave desenho, da sobria concisão dos arquetipos; a fronte, que já o Leonardo respeitava na mulher mais do que no homem, não evocava nenhum dos simbolos legendarios da estatuaria divina. E' curta, límpida, livre da razão que contrai e devasta. Todo o corpo tinha um voluteio facil, uma pressa de musculaturas histericas e os sapatos brancos pareciam conter azas invisiveis ou eletricidades ocultas, de onde jorrassem os impulsos que a vaporizavam.

Era, entretanto, bela, maravilhosamente bela. A sua passagem foi uma apoteose. Todo o mundo estremeceu. Não sómente eu, que tenho o entusiasmo crepitante, não só os elegantes que se garantem conhecedores sábios das subtilezas da formosura... Não só as outras mulheres, sobre cuja curiosidade maniaca não ha, creio, divergências. Vi cidadãos carregados de responsabilidades, cabelos brancos e austeridades oficiais, alvoroçados no alarme daquela maravilha, seguirem-na de olhos incendidos, com tremuras no labio.

A Avenida, ontem, a essa hora da tarde, deslumbrava. O sol tenuzava-se na diluição do ocaso; a abundancia de perfumes depurava o ambiente e, como o Rio vai tornando-se uma cidade menos convencional, havia gente alegre com ruido e desembaraço. O vento, tão leve que se poderia, sem escandalo lírico, chamá-lo zéfiro, levantava pó, que, por vir das mulheres e ser tenue, pode merecer a designação, já desmoralizada tambem, de poeira de *boulevard*.

Na tarde, que estava verdadeiramente estimulante, todos diziam, vendo-a: "Que bela!" E era realmente maravilhosa, sem as linhas perfeitas, sem a proporção, sem a ordem, sem a harmonia. A beleza dela, porem, é a verdadeira, assim arbitraria, incoerente, nervosa e desigual, como a época em que vivemos. Ela é bem a filha do tempo, com as suas febres, os seus cansaços, as suas alegrias vibrantes.

Tal mulher moderna, que nos parece bela, mesmo sem a perfeição classica, é, na verdade, absolutamente bela.

A beleza não tem linhas precisas nem fixas. E' uma virtude que, como as virtudes morais, varia com o tempo. Em nossos dias a forma classica é muito boa para ser contemplada no museu. Na Avenida, num salão, a Venus grega, com o seu passo hieratico, o seu torso quasi recto, a simetria equivalente das espaduas e dos quadrís, faria uma figura mediocre.

A verdadeira beleza é a que nós chamamos elegancia, a que resume na sua indefinida complexidade de encantos, de graça, de atitude, de animação, os sentimentos tambem complexos da época.

Gomez Carrillo viu, aliás muito bem, que nós adoramos hoje este conjunto de artificio, de capricho, de vibrações, de fórma imprecisa, ilogica, antes que a regularidade antiga.

A elegancia é uma irradiação natural da graça, e que tão influente foi sobre a forma no tempo de Fidias como é hoje.

Porque, com efeito, se o demônio de vestido claro e chapéo florido, toda leve e espandida em alegrias de carne, que ontem fulgenteou pela Avenida é apenas elegante, a elegancia então é que é a pura beleza, a que nós devemos adorar.

A moda, de que Gomez Carrillo fez a psicologia boêmia, nasceu para servir á beleza. Nós devemos concluir com essa ilustre Mme. Paquin, simbolo de civilização, creadora genial, que a beleza e a elegancia são uma só e que onde não ha elegancia a beleza não existe."

*

Foi assim que Gilberto Amado escreveu em 1910 sobre "a mulher que passa na Avenida..."

"Foi numa esquina da Avenida, entre essas mesinhas e cadeiras de vime que se derramam ao longo do passeio..."

Mais de trinta anos já correram desde então... E nesse longo tempo, quantas e quantas criaturas bonitas não passaram pela principal artéria caricca? Sobre elas escreveram muitos outros cronistas... E, entre estes, Genolino Amado. Seria, pois, interessante observar que semelhanças ou diferenças de estilo, de modo de ver as coisas, de sensibilidade e inteligencia existem entre os dois irmãos que trataram do mesmo assunto. Eis uma crônica de Genolino Amado, escrita há poucos dias:

"Embora eu não seja correspondente de guerra e não me pareça que o Rio figure entre as frentes de batalha, posso afirmar, com absoluta certeza, que a invasão europeia foi resolvida ontem, às cinco e meia da tarde, após longo debate de todos os planos militares, aéreos e navais. E dou a noticia com tal segurança porque tive a honra de assistir, por acaso, a essa decisão memoravel.

Foi numa esquina da Avenida, entre essas mesinhas e cadeiras de vime que se derramam ao longo do passeio, para a delicia dos que não têm o que fazer. Reuniam-se ali, na hora mansa da tarde, tres estrategistas de café, fundamentalmente caiccas, desses que constituem os estados-maiores na elaboração de grandes ofensivas. E os tres estavam empenhados em escolher definitivamente o ponto exato em que se deve processar a gigantesca operação. Não chegavam, porem, a nenhum acôrdo e eu temia que uma nova conflagração rebentasse naquele trêcho alegre da cidade. A polemica trovejava, sob o olhar filosofico do "garçon". Um deles pretendia que a invasão do continente fosse realizada pelos caminhos do Atlantico, através da França ou da Noruega. Um outro fazia questão fechada que ela se desenrolasse pela costa mediterrânea. E o terceiro, inflexivel no seu ponto de vista, queria por força evitar o problema do transporte maritimo, exigindo que a invasão se iniciasse pela Espanha ou pela Turquia.

Horas a fio, os tres inspiradores estrategos discutiram, berraram, sem que se pudesse prever o menor entendimento entre eles. Eu já desanimara, padecendo o receio de ver sacrificados para sempre tão belos e heroicos planos. Mas, de repente, um milagre aconteceu...

E' que ela passou. A mais bela talvez de todas as moças do Rio, num dos instantes mais bonitos da vida. A última tarde de Janeiro era uma festa da natureza. Entre os olhos dos homens e as coisas da terra rolava uma cachoeira de tremulas transparencias. O ar era doce e bom como um elogio. A luz macia atenuava, na sua caricia, a forma agressiva dos arranha-céos. Andava em toda a gente uma alegria difusa, uma vontade generosa de admitir qualquer coisa.

E nisto, ela passou. Esbelta, ligeira, certa do seu destino de encantar. No seu vestido leve, parecia um fruto sumarento em papel de seda. No corpo, toda a graça dos passaros. No andar, a elegancia dos felinos. E no resto de linhas sutís, o contentameto de existir, a aprovação facil de si mesma, como alguem que se sente em harmonia com a natureza.

Mas essa harmonia do mundo não era completa, porque os tres desagradaveis sujeitos quebravam a concordancia das coisas e das criaturas naquele momento de beleza. E foi com subito azedume que me preparei a escutar a continuação do debate, quando a linda imagem da rua se perdeu ao longe, na multidão que a envolvia.

E que surpresa a minha! A controversia cessara. Havia agora uma feliz e ruidosa unanimidade de opinião. Enquanto eu me distraira, vendo a moça passar, estabelecera-se a paz entre os estrategistas. A invasão ficou decidida com assombrosa presteza. E creio que tambem com integral eficiencia porque havia abraços e felicitações orgulhosas entre os heróis da mesinha de café.

Que teria acontecido para que a terrivel desinteligencia se destizesse como uma bolha de sabão soprada no ar? Que estalo de cabeça, que inspiração repentina, que faiscar de genio encontrara, tão vertiginosamente, a solução procurada?

Só compreendi o prodigio quando ouvi um deles exclamar, com assentimento dos companheiros: — "Que bonita essa pequena!"

Fôra ela! Ela só, com o seu encanto fugitivo. Porque não há no Rio convicções que resistam á graça de um corpo jovem e á esperança de um olhar feminino. No bom humor geral, produzido pela formosura festiva da moça, cairam as resistencias, cederam os pontos de vista obstinados. E às cinco e meia da tarde, precisamente, a invasão europeia foi decidida.

Como se trata, evidentemente, de segredo militar, não posso dizer qual foi o ponto escolhido. Creio, porém, que deve ser bem diferente daquele que os estados-maiores estão em via de fixar. Porque os estrategistas de café têm, alem de outros méritos, a virtude profundamente humana de errar."

A' esquerda: elas continuam passando enquanto êles olham...
A' direita: a "elegante da Avenida", em 1910, através uma "charge" de Bambino para a REVISTA DA SEMANA.

Escragnolle Doria

Memoria a Memoria

EFEMERIDES

Não ha mistér encarecer prestimos incessantes dos dicionarios de toda especie, uteis a estudiosos, sobretudo se querem verificar ou saber de pronto. Amontoados os dicionários de todo genero e de todas as linguas formariam montanhas de especial sistema orografico.

Editado no Rio de Janeiro, surge á luz, de conhecer mais um repositorio de efemérides, o *Dicionario Brasileiro de Datas Históricas*. Para compô-lo o autor de livro de mais de 600 paginas consumio anos de ardua investigação. Só quem pesquiza e reune, no desejo de não errar, póde aferir o que a José Teixeira de Oliveira custou trabalho da monta daquele que emprehendeu levando-o a cabo. Dicionaristas e dicionarios ficam não raro a meio caminho, tal sucedendo a dicionario academico interrompido logo no verbo azurrar.

Não admira que ao novo dicionario brasileiro acudam apontadores de senões, de lacunas, nem todos animados só do desejo de completar livro justamente passivel de reedição. Seja como o fôr, o recente *Dicionario de Datas Históricas*, a exemplo das *Efemérides* de Rio Branco, de Teixeira de Mello, de Xavier da Veiga, prestará muitos e bons serviços a não poucos, mormente àqueles que, escrevendo ou não, patrioticamente tratem de dizer a outrem ou dizer a si mesmo o passado do Brasil.

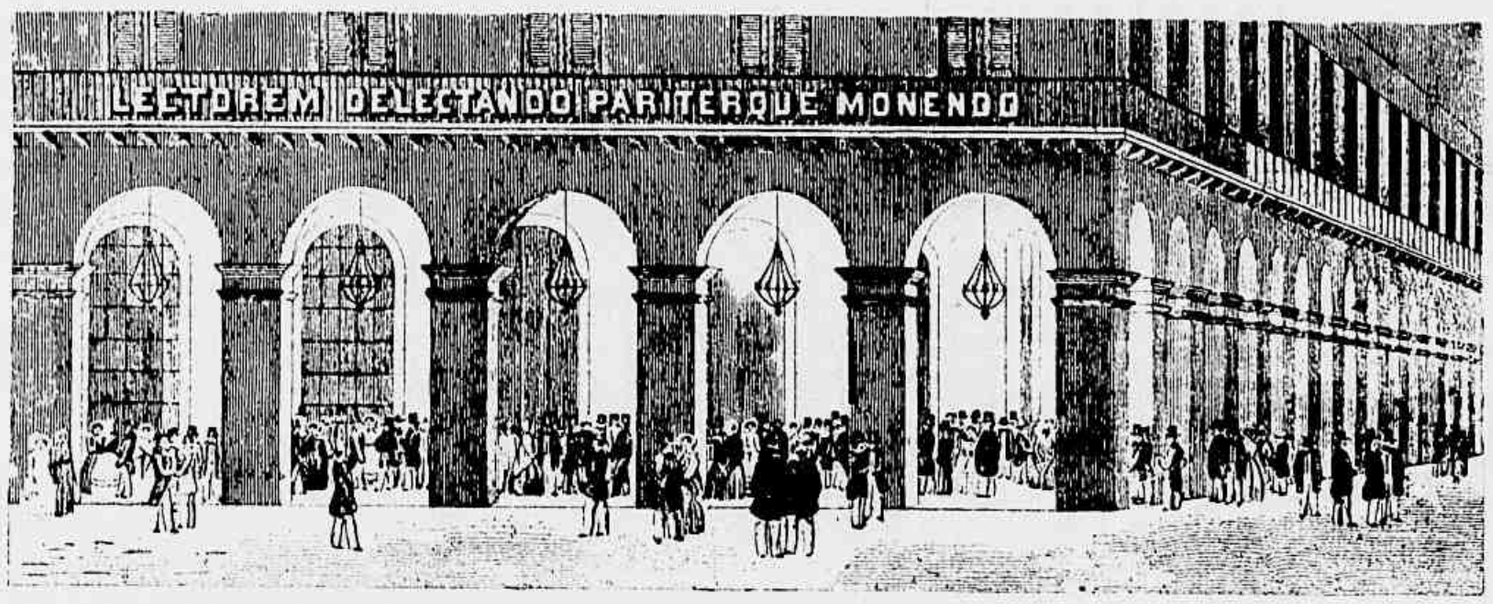
Em nós o dicionario de Teixeira de Oliveira despertou desejo de trazer a publico umas ou outras lembranças de Brasil que se foi. Maiores ou menores, eis tais lembranças.

TRATADO DE 1858

Brasil Colonia, Brasil Reino, Brasil Imperio existiram de vista alerta para os paizes da espanholisada America do Sul, paizes chamados irmãos de continente da terra brasilica. Nas familias politicas como nas de sangue a harmonia é muito esquiva.

Carlota Joaquina sonhou reunir alguns irmãos de continente num vice-reinado do Prata, o lusitano marido da infanta espanhola pondo peias ao projeto.

A colonia do Sacramento no Brasil por sua vez colonial, a guerra cisplatina no Primeiro Reinado, as guerras do Uruguai e do Paraguai no Segundo atestam desharmonia entre os proclamados irmãos de continente desfraternisados. Pois se até imaginariamente a Discordia, furiosa por não convidada ás bôdas de Thetis e Peleu, na mesa dos deuses atirou o pomo que máos dias daria a Troia pelo julgamento de Páris no concurso do monte Ida, primeiro concurso de beleza!



Cabeçalho do *Bazar Volante*, revista publicada no Rio de Janeiro de 1856 a 1863.

Quem mais ajudou a visão do Brasil no tratar irmãos de continente foi a nossa diplomacia, no observatorio das legações e consulados.

Em 1854 o Brasil reclamava do Paraguai a remoção de obstaculos opostos á sua navegação e ao seu comercio nas aguas do Paraguai.

Para apoiar militarmente as reclamações entrou transitoriamente na diplomacia o chefe de esquadra Ferreira de Oliveira. O plenipotenciario e Solano Lopez assinaram tratado de Amizade, Comercio e Navegação, e uma convenção adicional adiando solução de questão de limites. Tratado e convenção foram desaprovados pelo Brasil.

Ingressou então na diplomacia um parlamentar que nela entraria e dela sahiria bastante: Paranhos. Lá se foi a Assunção, a recomeço de negociações, a vêr o que se podia obter para nós nas aguas fluviais do Paraguai nas quais naufragara diplomaticamente um chefe de esquadra.

Discute e discute, adianta e retrograda, cede para obter, nem é outra a historia dos tratados, Paranhos, em Fevereiro de 1858, conseguio assinar convenção franqueando as aguas do Paraguai aos navios de qualquer nacionalidade. Quebrava-se assim uma das barreiras de Francia, isolador por excelencia do Paraguai.

Dois foram os signatarios do tratado de 1858, Paranhos e Francisco Solano Lopez, general de então trinta e um anos, que com oficiais brasileiros praticara a arte da guerra. Sem tinir de espada, em 1858 cultivava, só de emergencia, o Direito das Gentes.

Em Assunção o tratado de 1858 ecoou festivo. Ratificado o ato, explicador e ampliador do tratado anterior de 1856, foi o mesmo ato anunciado ao povo de Assunção por um bando, isto é por grupo que correndo ruas dava conhecimento publico de acontecimentos solenes.

Após o transito do bando o vapor de guerra paraguaio *Tacuari* salvou em honra da paz entre Brasil e Paraguai, seus 21 tiros correspondidos pelo vapor brasileiro *Paraguassú*.

Diplomacia e coregrafia são de velha amizade, haja vista celebre o Congresso de Viena de 1815 no qual tanto se negociava como se dansava.

O tratado de 1858 motivou baile em Assunção, na festa o logar do presidente do Paraguai, Carlos Antonio Lopez, ornado com a nossa bandeira auriverde e com a tricolor paraguaia. Fineza pede outra, Paranhos retribuio o baile.

Remate de tratado, a 4 de Maio de 1858, um decreto concedia a Francisco Solano Lopez a nossa grã-cruz da ordem de Cristo, o irmão do recente plenipotenciario, Benigno Lopez, comendador da mesma ordem.

Outro decreto mandou à casaca de Paranhos, com a qual ele se apresentava até no parlamento, a dignitaria do Cruzeiro. Não consta haja Paranhos comparecido à festa da Ordem do Cruzeiro, na Capela Imperial, festa marcada para 1.º de Dezembro de cada ano, e a principio muito solene e concorrida. Davam-lhe presença os agraciados do Cruzeiro de espaduas cobertas por alvo manto flutuante de ornatos azul-celeste, de insignias bordadas no hombro esquerdo do manto. Com o manto, grão-mestre da Ordem, se apresentou D. Pedro II, na Capela Imperial quando juvenilmente ali sagrado e corôado.

E' interessante verificar na história o amanhã dos acontecimentos ou o seguimento dos sucessos. Exemplo transcorridos sete anos, o vapor paraguaio *Tacuari*, de salva ao Brasil em Assunção de 1858, a 11 de Junho de 1865 apresentava-se como navio chefe para tiros ao Brasil nas aguas de Riachuelo.

Poucos anos depois, em Aquidaban, tombava o grão-cruz de Cristo de 1858, antes assinando ultimo decreto, o da nomeação de S. Francisco Solano protetor dos exercitos da patria pelo antigo grão-cruz de Cristo.

ESPADA DE HONRA HISTORICA

A 28 de Julho de 1873, D. Pedro II recebia um presente. Os fabricantes de armas em Solingen, na Prussia Renania, ofertavam-lhe uma espada de honra, com lamina do famoso aço de Damasco rival do de Toledo em lembrança hispano-arabe. Tinha, porém a espada de 1873 cunho de originalidade e brasileirismo. O desenho provinha de um nosso então na Europa, o engenheiro Gallino Pimentel. Na folha da espada inscrevera-se uma data — 28 de Setembro de 1871 — e talvez a muitos já seja mistér dizer a data, a da Lei do Ventre Livre.

O ANJO DA VITORIA

Na lista dos monumentos antigos do Rio de Janeiro que saibamos, não tem figurado um inaugurado a 8 de Março de 1874. Posto no morro de S. João, no Andarai Grande, representava o Anjo da Vitoria, e 1874 era época proxima da terminação da guerra do Paraguai.

A *Memoria* do morro de S. João era de granito, cerca de 22 palmos, formando quatro planos, escadaria sobre base de forma oitavada. De um lado estava a corôa Imperial do Brasil, do outro o retrato em relevo do Iperador. No restante, em relevo haviam folhas de carvalho, circulando um Anjo. A inauguração da *Memoria* foi presidida pelo ministro da Agricultura, conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, membro do gabinete Rio Branco, e presenciada por gente grada entre a qual Freire Allemão.

No antigo Andarai Grande era principal via publica a rua Barão de Mesquita, o Andarai Pequeno indo da Fabrica das Chitas, pela rua Conde de Bomfim, até a raiz da serra da Tijuca de tão imponente fecho ao bairro.

Andarai Grande e Pequeno denominações hoje quasi esquecidas, naquele ha bem mais de meio seculo, o *Anjo da Vitoria* hoje tão esperado pelo mundo inteiro.

O BAZAR VOLANTE

Para amigos de vêr e lêr os domingos de 1866 em Rio de Janeiro sossegado, eram abençoados dias da semana oferecendo horas aprazíveis, cessadas obrigações de cada um, dono pois do seu tempo bem ou mal empregado.

Nos domingos de 1866 aos amigos de jornais ilustrados chegava uma revista da especie, com o titulo de *Bazar Volante*, a primeira palavra orientalisando a segunda sabido quão pitorescos e pinturescos são os bazares.

O *Bazar Volante*, de bem curioso frontispicio iniciou publicação em 1863. Da sua redação era melhor alma um funcionario publico da repartição dos Telegrafos, e de nome extenso Ernesto Augusto de Souza e Silva Rio, nascido no Rio de Janeiro.

Estudára na Escola Central, depois exercendo cargo técnico na sua repartição. Silva Rio dava-se ao verso, à prosa, ao desenho, mas em qualquér dessas manifestações de inteligencia o que sobresahia era o pendor para a satira e para a caricatura. Satira e caricatura, se de venenos dosadas, podendo realisar o que em latim se lia no cabeçalho do *Bazar Volante*: deleitar aconselhando. Entre ser ironico ou viperino vai espaço. Silva Rio, armado de pena e lapis, era simplesmente ironico.

O sobrinho de Joaquim Norberto usava o pseudonimo de Flumen Junius já escrevendo já desenhando.

A caricatura indigena, de traço fino ou grosseiro sempre se alimentou nos sucessos politicos representando-lhe as principais figuras. O *Bazar Volante* acompanhou o século, tendo por aprovisionador de caricaturas o desenhista Mill. Não é facil, hoje, descobrir todas as alusões do seus desenhos no *Bazar Volante* como neste todo o venefico de Flumen Junius. Funcionario publico, gozava de ampla liberdade ao completar com legendas os desenhos de Mill, em geral nos seus retratos em caricatura dando vera-efigie a personagem da epoca.

O *Bazar Volante* mantinha sobretudo seções de cronica mundana e revista de palcos. Nesta a proposito da reaparição do tenor Ferranti no *Elixir de Amor*, Sesostris — diga Simões dos Reis de quem o pseudonimo — lembrava que Ferranti vinha recordar "aquelas noites deliciosas que os amadores de Madame Charton jamais poderão esquecer, porque ha momentos na vida que valem por uma eternidade".

O mesmo *Sesostris*, na mesma ocasião, em seção diferente, descrevia concorrido baile do *Club Fluminense*. A's vezes davam-lhe presença luzida oficiais de marinha estrangeiros, mormente francêses e inglêses com aquela correção dos membros da classe no mundo inteiro.

Nem faltavam, no testemunho de *Sesostris*, aos valsistas do *Club Fluminense* pares graciosos vestidos de tarlatana branca, sobre os ombros transparente véo de filó que por suas pontas no voltear da valsa, mais alígera tornavam a dama aos olhos de quem lhe seguisse os passos ao rítmo da valsa ligeira ou lenta.

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 63,00; Seis meses — Cr$ 32,00
Registrada:... Um ano — Cr$ 80,00; Seis meses — Cr$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 170,00; Seis meses — Cr$ 90,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 4-3-1944 --- N. 10

sumário:

	Pag.
LITERATURA	
A mulher que passa na Avenida	3
Memoria a Memoria (Escragnolle Doria)	6
Livros Novos	10
As Duas Estrêlas — Novela	19
A Cartomante — Conto de Machado de Assis	23
Alma Protetora — Conto de Pontsavres	43
REPORTAGENS	
Por que se candidatou á Academia? — Entrevista com Bastos Tigre	8
Anésia — a pioneira do azul	25
FOTOGRAFICAS	
Flagrantes da Guerra	12
Ainda o Carnaval de 44	14
Jóckey Clube	36
CINEMA	
Um casamento em Hollywood — e outros assuntos, a começar da pagina	29
FEMININAS	
No Teatro da Moda — e outros assuntos a começar da pagina	37
AVULSAS	
Noticiário Elegante	2
Gráfico do Rio	21
A Familia Bronte	32
CARICATURAS	
De Bom Humôr	18
"Charge" de Raul	22

A nossa capa

Quando a Alemanha se abalançou na sua mais tremenda e desastrosa aventura, as atenções do mundo inteiro voltaram-se para o oriente da Europa na espectativa das mais espantosas e sangrentas batalhas. Não sofreu desilusão o sensacionalismo da imprensa, pois nunca o mundo presenciou alguma coisa parecida com o morticinio das estepes geladas.

Nosso pensamento era levado irresistivelmente ás campanhas anteriores, em que o território russo fôra invadido pelos conquistadores dos séculos passados.

Carlos XII e Poltava, Napoleão e Borodino. Principalmente o Grande Corso, que pela sua ambição desmedida e a extensão de suas conquistas lembra o homem responsável pela catástrofe que desabou sobre o mundo, embora tão superior em certos aspectos.

A última guerra mundial surpreendeu a Russia no fim de um regime em decomposição, sem chefes militares capazes de arcar com a responsabilidade de uma luta de grandes proporções, sem exércitos e praticamente sem industria.

Hitler anunciava um passeio de 56 dias e o completo aniquilamento das fôrças Soviéticas. Entretanto, uma grande surpresa o esperava. A formidável indústria russa, estendendo-se até o centro da enregelada Sibéria, espantou o mundo inteiro. Pela primeira vêz as hordas nazistas se defrontaram com um exército preparado.

O que mais surpreendeu, porém, ao mundo, foi o grande número de chefes militares de que dispõe esse exército de 19 milhões de homens, prontos para vencer ou morrer.

A capa dêste número apresenta a fotografia do General Rokossovsky, um dos mais brilhantes estrategistas da União Soviética, que já infligiu aos nazistas sangrentas derrotas.

Atualmente está lançando nova ofensiva no setor central em direção da Russia Branca.

Suas tropas estão atacando justamente ao norte de Zhoblin, forçando assim o último setor do Dnieper ainda em poder dos alemães.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* **Gesteira.** Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* **Gesteira**

HA TRINTA ANOS

Tenho um amigo cuja mania consiste em folhear coleções antigas de jornais e revistas. O homem é, afinal, um inofensivo. Outros dão para coisas piores... Pois foi êsse amigo que resolveu mandar-me, de sete em sete dias, um recorte do que tenha sido publicado, nesta mesma semana, há trinta anos passados, aqui mesmo, na REVISTA. Não quero comprometer-me a satisfazer-lhe a pretensão de divulgar essas velharias, mas também não posso, hoje, furtar-me à tentação de reproduzir um soneto de outro venerando amigo — o poeta Olegario Mariano. Foi estampado em página inteira do número 669 de 8 de março de 1913:

O MEU RETRATO

Sou magro, sou comprido, sou bizarro,
Tendo muito de orgulho e de altivez.
Trago sempre nos lábios um cigarro,
Mixto de fumo turco e fumo inglês.

Tenho a cara rapada e côr de barro,
Sou talvez meio excêntrico, talvez.
De vez em quando da Memória varro
As saudades de Alguem que assim me fêz.

Não pareço dos mais extravagantes...
Sou o velho arcabouço de um suicida
Que hoje ainda vive do que fôra antes.

E vou assim perambulando a êsmo...
Todas as sensações que acho na vida
São sensações que nascem de mim mesmo.

◆

E já passaram trinta e um anos, hein, "mestre" Olegario? — TÉO.

NOITE NUPCIAL

— Não me lembro de ter vivido um dia tão agradavel, queridinho. Muito obrigada e bôa noite!

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

TEM A PALAVRA BASTOS TIGRE — UM HUMORISTA PARA O PETIT TRIANON — "SEMPRE ASPIREI ENTRAR PARA ÊSTE CENÁCULO" — QUARENTA ANOS DE COLABORAÇÃO NO "CORREIO DA MANHÃ" — D. XIQUOTE, MATEMÁTICO — SEU PRIMEIRO JORNAL: "O VIGIA". PREÇO DE VENDA AVULSA: BOLACHAS E BANANAS DA MERENDA — BASTOS TIGRE E O TEATRO — DOZE PEÇAS EM PREPARO — "GRAÇA E' DINHEIRO"...

— OUTRAS CURIOSIDADES

Por que apresentou sua candidatura à Academia Brasileira de Letras?

O reporter lançou à queima-roupa a pergunta. Estavamos no gabinete de trabalho do poeta e humorista, em sua residência.

— Minha condição de candidato coloca-me realmente numa situação dificil para falar sobre a Academia. Entretanto, mesmo que não o fosse, teria a mesma opinião. Faço sobre o Petit Trianon, sua finalidade e funções o melhor juizo possivel. Sempre aspirei a entrar para este cenáculo. Aliás, isto é muito compreensivel num país em que o homem de letras não pode aspirar a uma grande celebridade. Todo escritor almeja a sua entrada na Academia, como a obtenção do mais alto posto que pode atingir. E' uma espécie de marechalato das lêtras. Núcleo de cultura, verdadeira expressão da elite intelectual do Brasil, cenáculo de homens de lêtras que devem justificar a imortalidade conquistada, acrescentando o patrimônio cultural do Brasil, é preciso que ela seja um verdadeiro centro literário capaz de efetuar um movimento saneador nas obras que se publicam anualmente, procedendo a constante exumação dos valores literários que pouco a pouco vão caindo no olvido pois são tudo iniciativas que competem à esfera acadêmica".

Bastos Tigre já teve o grande prêmio de poesia na Academia, com o livro "O meu Bêbê", o que lhe trouxe uma grande satisfação.

Um cafésinho interrompe a pergunta que iamos fazer. Tivemos vontade de elogiar a rubiácea, mas preferimos observar o entrevistado. Veio à nossa memória a quadra de Bastos Tigre:

"Vem, com a velhice, esta serenidade
Que nos faz ver o mundo sem rancor,
Ter um suave sorriso de piedade
Para quem no ódio viva, odiando o amor"

Não descobrimos nele a velhice mas apenas a serenidade "que faz ver o mundo sem rancor".

Bastos Tigre tem a fisionomia bondosa e acolhedora, um geito simples e afavel, sem exagêros, que nos põe imediatamente à vontade como se já o conhecessemos ha muito. E realmente, qual o carióca que não o conhece? Todas as manhãs, antes do trabalho, ao lado das notícias de guerra, de mortes, desastres e roubos, ali está êle, bem humorado, derramando um pouco do bom humôr, como o azeite da alegria no mar encapelado da vida. Nos seus labios ha sempre um sorriso. Não é o ritus da ironia... mas um riso bom e tranquilo.

Seus olhos, onde ainda ha o brilho da mocidade, parecem por vezes um pouco cançados de olhar a vida.

Preparavamos nova pergunta., mas é ele mesmo que reata a conversa:

— Sou pernambucano. Nasci em Recife. Fiz os meus preparatorios no Colégio Diocesano de Olinda. Com 16 anos terminava-os no Rio, em 1898. Comecei então meu curso na Politécnica, tendo terminado em [illegible]

Eis aí uma coisa que poucos sabiam: Bastos Tigre, o "Cyrano" dos "Pingos e Respingos", é um engenheiro civil. E, diga-se de passagem, cultivou as matemáticas com brilhantismo, tendo feito bonita figura como estudante.

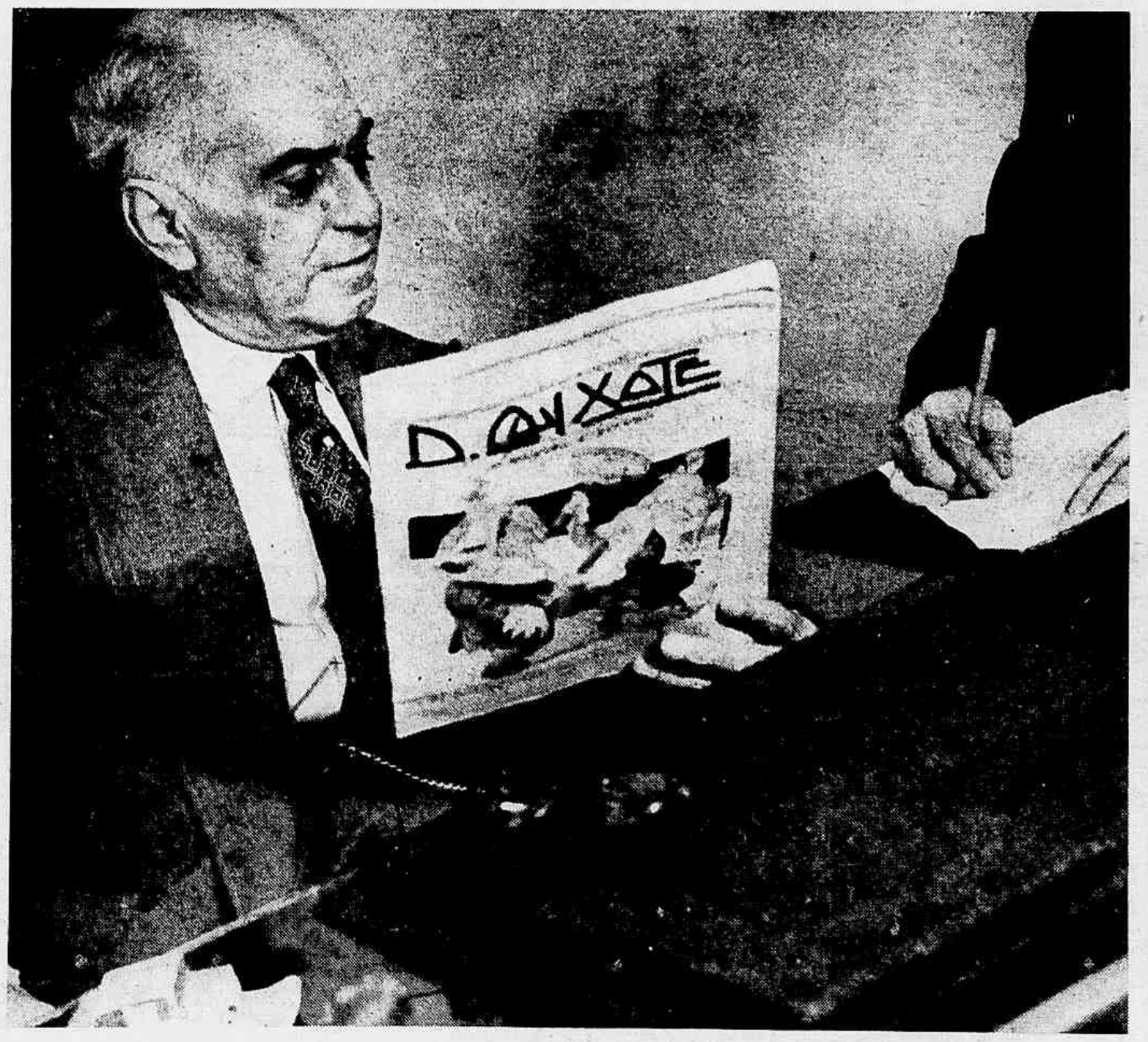
— Mas você gostava realmente da matemática? perguntamos.

— Para falar com franqueza, sempre fui, antes de mais nada, humorista. Meu pai, entretanto, queria que me formasse. Certa vez, tendo passado com "simplesmente" numa matéria, fui obrigado a repetir o ano, por vontade de meu pai. Embora tivesse passado com "plenamente" em todas as outras, ele não transigiu. Pairava sobre mim a tremenda ameaça de "contar preços" em Recife, no estabelecimento comercial de um seu amigo. Evidentemente era apenas uma ameaça formal, a que por certo não daria cumprimento. Era melhor, entretanto, botar as barbas de môlho. Os professores, reconhecendo o meu sacrifício, procuravam amenizar o castigo, incumbindo-me de lecionar as classes mais atrasadas.

As eleições para preenchimento das duas vagas no Petit Trianon, que terão lugar a 18 de maio, agitam os nossos meios intelectuais. Quem preencherá os claros surgidos com a morte de Pereira da Silva e Fernando Magalhães? Uma pléiade de escritores, representantes da mais alta expressão de nossas letras, candidatam-se à imortalidade. São ao todo treze, sendo nove para a cadeira n.º 18, que tem como patrono João Lisbôa, e quatro para a n.º 33, cujo patrono é Raul Pompéia, tendo sido inicialmente ocupada por Domicio da Gama, a quem Fernando Magalhães sucedeu em 22 de julho de 1926. Como candidatos à primeira, inscreveram-se: Arnaldo Damasceno Vieira, Raul Machado, Jorge de Lima, Afonso Schmidt, Vinicio da Veiga, Bastos Tigre, Martins de Oliveira, J. G. de Araujo Jorge e Porto da Silveira. São candidatos à cadeira n.º 33: Luiz Edmundo, Carneiro Leão, Tasso da Silveira e Silvio Julio. Sem dúvida, faz-se necessário que a Academia Brasileira de Letras se torne uma legítima expressão da elite intelectual do país. Os nomes indicados para preenchimento daquelas duas vagas são, felizmente, os de verdadeiros intelectuais. Eis porque, valendo-se da evidência maior em que se colocam êsses expoentes, a REVISTA DA SEMANA resolveu entrevistar, sinão todos — o que seria impossível dada a curta distância que nos separa da data das eleições e o número elevado dos candidatos — pelo menos alguns dêles, na "enquête" que hoje iniciamos ouvindo Bastos Tigre. O lançamento da candidatura de cada um dêsses Homens de letras será, assim, um amável pretexto para nossa reportagem localizar o candidato à Academia. A pergunta que serve de título às entrevistas, um ponto de referência. À margem dessa pergunta inicial, muita coisa interessante, inédita, curiosa será dada a conhecer ao leitor.

No próximo número: JORGE DE LIMA.

BASTOS TIGRE QUANDO USAVA OS SEUS FAMOSOS BIGODES — POR MARQUES JUNIOR.



BASTOS TIGRE TEM SAUDADES DO "D. QUIXOTE"...

O Jornalista e o Humorista

— Como começou sua carreira de jornalista?

— Sou, como já disse, um humorista nato. Desde criança, ainda no ginásio, com apenas 12 anos, fazia versos satíricos causticando os mestres. Fundei então o meu primeiro jornal humorístico — "O Vigia". Eu, então, homem de letras embrionário, enfrentava os meus problemas econômicos. Como vender o jornal, se nenhum dos leitores tinha dinheiro? Para resolver essa dificuldade creámos uma curiosa moeda: bananas e bolachas das merendas. Passámos a usar um sistema de loteria, cujos prêmios eram pagos pelo mesmo processo.

Vindo para o Rio, no primeiro ano da Escola Politécnica, com 16 anos, Bastos Tigre compõe uma série de sonetos satíricos.

Continuava sua carreira de caricaturista de palavra. Estes sonetos foram publicados formando um pequeno volume.

Bastos Tigre vai à estante e apanha um pequeno volume encadernado.

— A publicação deste livrinho tem uma história curiosa. Foi preciso fazer uma subscrição para conseguir levá-la a cabo. Guilherme Guinle, meu colega, assinou um cifrão: podiamos determinar a quantia. Se cobriramos o nosso Mecenas. Muitos colegas, [illegible] do do fato, retiraram a doação. Parece que o dinheiro era bem escasso. Raul Pederneiras encarrega-se de [illegible] trar a capa.

Na primeira página, à guisa de prefácio, [illegible] ando o lêma positivista, uma divisa:

"O riso por principio.
A troça por base.
A trepação por fim".

— O pseudonimo "D. Xiquote" chamou-nos a atenção. Indagamos a sua origem.

— Não parece evidente que todos os que se [illegible] cam ao humorismo tenham admiração pelo herói de Cervantes?

Fiz o meu primeiro contato com o verdadeiro "[illegible] mour" através das passagens do D. Quixote, que li a edição "ad usum delfini". Senti desde então a influência desta obra admiravel, das maiores já [illegible]

sidas pelo gênero humano. A cada leitura descobria um sentido novo mais profundo na vida desse D. Quixote, que a princípio me parecia apenas ridículo. Deixei-me tomar de grande admiração pelo herói que sabia afrontar o ridículo e lutar pelos seus ideais. Ele assumia para mim um sentido cada vez mais humano. Não era apenas o cavaleiro da Triste Figura", mas um símbolo. Ele parecia destinado a fazer rir. Entretanto era apenas um idealista. Seus ideais não podiam ser compreendidos e por isso provocava a gargalhada estulta das turbas. Mas os nomes daqueles que o punham em ridículo caíram no olvido enquanto que o dêle imortalizou-se.

E Bastos Tigre prossegue:

— Tenho encontrado na vida muitos moinhos de vento e acometido de lança em riste contra muitos dêles. Foi principalmente entre os estudantes que encontrei o idealismo e o entusiasmo quixotescos. Justamente na época em que frequentava a Politécnica, o ensino tornou-se obrigatório. Os estudantes rebelaram-se contra Epitácio Pessôa, então Ministro, e verdadeiras batalhas foram travadas entre eles e a policia, cujo chefe era Edwiges de Queiróz sendo as forças comandadas pelo "alferes" Costa.

Na falta de melhor arma usavam contra a cavalaria rolhas de cortiça, nas quais os cavalos escorregavam emprestando à luta um aspecto cômico.

O "D. Quixote"

Bastos Tigre apanha sobre a mêsa um numero amarelado do "D. Quixote". Quem não se lembra desse jornal humoristico?

— Fundei-o juntamente com Luiz Pastorino. Nele creámos uma seção dos néo-humoristas. Pagavamos 3$000 por piada publicada: "Graça é dinheiro, dinheiro não é graça", era a divisa. Apareceram numerosos colaboradores entre os quais Terra de Sêna (Lauro Nunes), alguns dos caricaturistas mais conhecidos até hoje: Julião Machado, Calixto, Raul Pederneiras, Romano, Yantok, Storni, J. Carlos. Entre os colaboradores lembro-me de Humberto de Campos, Domingos Magarinos, Oscar Lopes e Wadimir Bernardes. Parodiei três "cantos" inteiros dos Lusiadas, nas "Bromiliadas". Isto talvez fosse uma vingança contra Camões, que me fizeram decorar e analisar no colégio...

E respondendo a outra pergunta:

— Iniciei a minha carreira jornalistica colaborando no "Tagarela", de propriedade de Raul Pederneiras, Calixto e Perez Junior. Nessa época fiz a minha aproximação com os literatos do grupo da "Colombo": Bilac, Guimarães Passos, Emilio de Menezes, Pedro Rabelo, Henrique Holanda... todos mortos...

Seu olhar afasta-se acompanhando o pensamento. Quantas recordações!

O reporter rala-se de curiosidade para saber o que Bastos Tigre está recordando... Todos aqueles mortos ilustres que fizeram a cidade rir ou chorar, interpretando as suas alegrias, as suas dores e as suas paixões...

Recordações do Rio de outros tempos, sem guerra, sem racionamento, sem filas...

Mas o escritor reata o fio da palestra:

— Começo então a escrever para o "Correio da Manhã", uma página e meia em verso — "O pesadelo do Pavão". "O Pavão" era Campos Salles; Raul fazia as ilustrações. Entretanto, porém, só em 1905 Bastos Tigre ingressou em carater definitivo para esse matutino, redigindo os "Pingos e Respingos" onde bateu um verdadeiro record jornalistico — 40 anos na mesma seção do mesmo jornal. Dificilmente no Brasil ou em qualquer outra parte esse record terá sido superado.

Ossos do Oficio

O autor do Entardecer lembra a sua carreira de escritor.

— São muitas as dificuldades a vencer. Não é facil fazer os outros rir durante quarenta anos. Muitas vezes é preciso fazer espirito com a alma amargurada.

"E' sempre a velha historia do palhaço:
Alegre, a gargalhar, sem que no rosto
Se lhe note qualquer vestigio ou traço
Do que a alma oculta, de intimo desgosto.

Eu, meus amigos, muitas vezes faço
As contrações de um riso a contragosto...
Riso protocolar, feito a compasso,
Segundo um metro previamente imposto.

Tristezas, guardo-as para mim somente:
Que tem o mundo a ver com a dor alheia
Se lhe não dá consolo e simpatia?

E eu rio; faz-me bem que toda gente
Raive de inveja do meu riso e creia
Que em mim h'alma há tezouros de alegria".

◆

Entretanto, olhando agora para o autor desses versos, parece que em sua alma ha realmente tezouros de alegria. Essa alegria simples e pura de quem vive rodeado pelo carinho de uma familia que o compreende e respeita.

— Muitas vezes fui obrigado a atacar homens e ideias contra os quais nada tinha. E' que muitas vezes o escritor deve submeter-se à orientação do jornal em que colabora.

E continua:

— O maior remorso de minha vida foi ter atacado Oswaldo Cruz. E' um grande brasileiro que merece a admiração e o respeito de todos os seus patricios. Um homem que elevou o renome cientifico do Brasil no mundo inteiro não merecia nenhum ataque...

Teatrólogo e Revistógrafo

Todos sabem que entre as multiplas atividades que Bastos Tigre desenvolveu e desenvolve estão as de teatrólogo e revistógrafo.

Pedimos-lhe que nos dissesse alguma coisa sobre sua carreira nesse setor. E êle responde:

— Minha primeira revista foi escrita em 1906 — "O Maxixe", de colaboração com Batista Coelho, o "João Fóra", e lançada no então Teatro Santana, hoje Carlos Gomes. Entretanto, de todas as minhas revistas — cento e trinta e tantas — a que obteve maior sucesso foi "Excelsior", levada no Fênix pela Companhia Staffa. Algumas outras de que me recordo são: "Grão de Bico", "Rapadura", "De Pernas para o ar" e "Zig-Zag".

Entre as comédias: "Sorte Grande", "Microbio do Amôr", "A Ceia dos Coroneis", "Viagem ao redor das Mulheres", "Senhorita Vitamina", etc. Como sabe, fui um dos fundadores da "Sociedade Brasileira de Autores Teatrais", onde desempenho atualmente o cargo de bibliotecário, sendo ainda diretor da seção da Imprensa.

— Que pensa do gênero comédia no Brasil?

— Evidentemente ele não tem, aqui, o desenvolvimento que seria de esperar.

— Falta de artistas?

— Não, não creio que seja este o mal: o problema é dos emprezarios que teimam em montar de preferência peças estrangeiras traduzidas, prejudicando os autores nacionais. Acreditam êles que o sucesso obtido em outros países garantirá êxito de bilheteria e não se arriscam a levar à cena peças nacionais. Mas a verdade é que as estatisticas que possuimos na S. B. A. T. provam que as nossas peças têm obtido sempre muito maior sucesso de bilheteria.

(CONTINUA NA PAG. 42)

O HUMORISTA EM FAMILIA, AO LADO DE DONA CONCETTA, SUA ESPOSA, E DE SEU FILHO HELIO. APOIADAS NO DIVAN, A' ESQUERDA, SILVIA, UMA DAS FILHAS DO ESCRITOR. A' DIREITA, A ESPOSA DE HELIO BASTOS TIGRE.

SÃ MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da **REVISTA DA SEMANA** continúa sendo Cr.$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o *preço da capa*.

Livros

LUIZ LAMBERT. — Balzac. — *S. Paulo*.

O romantismo foi, sob certo ponto de vista, uma doença da vontade. O mal romântico por excelência, o *spleen*, o tédio, nada mais era que uma hipertensão das faculdades intelectuais, da imaginação, sobretudo, e uma atrofia da vontade, incapaz de modelar o destino humano, de plasmar as diretrizes da existência. Daí essa interiorização, essa análise a que os homens da época submetiam todos os seus movimentos espirituais.

E' êsse o mal de que sofria Luiz Lambert. Sendo uma das maiores criações de Balzac, êle é também um dos tipos mais representativos do romantismo. Isso porque, mais do que qualquer outro personagem daquele artista fabuloso, Lambert contém muito do próprio Balzac. Como êle, o criador da Comédia Humana começou por escrever um "Tratado da Vontade"; como êle, cursou o famoso colégio de Vendôme e foi repudiado pelos colegas aos quais sua genialidade fazia mal. Não lhe eram estranhas as leituras de Swendeborg nas quais o iniciara sua mãe, criatura de alma nórdica, versada numa literatura de esoterismos e mistérios.

Lambert é uma alma caracteristicamente romântica. Reflete um pouco a confusão filosófica de seu criador que não recuava ante pesquisas extra-terrenas. E' o produto de um grande gênio, um dos maiores criadores de tipos, "plantador de homens" como lhe chamou alguém — na literatura européia. Simboliza Lambert uma tendência inata do homem moderno: a ânsia de experiência, tomada esta palavra no sentido mais geral, abrangendo o mundo físico e o mundo psiquico. Lambert é um herdeiro direto de Fausto. Fausto foi a maior expressão da humanidade moderna que brotou do cérebro de um homem. Nada mais típico nos homens do nosso tempo do que êsse anseio de novas emoções e sensações diferentes. Goethe e Balzac anteviram com a intuição, às vezes inconsciente, do gênio — um dos principais males dessa civilização que se ergueu sôbre as ruinas da Idade Média. Basta ver, para constatar êsse fato, o valor que adquiriu a palavra *experiência* na literatura moderna, e, principalmente, no romance, que é o gênero que melhor reflete as ângustias da alma moderna.

A experiência de Luiz Lambert termina na loucura. O mundo que êle tentara despertar com seu exorcismo acabou por devorá-lo. Vemo-lo sentado no quarto sombrio ao lado da mulher que o amou a murmurar palavras ininteligiveis, em estreita comunicação com aqueles anjos cuja existência tanto ansiava conhecer. Estranha figura que lembra um pouco D. Quixote. Em vez de arremeter contra moinhos de vento ou ressuscitar a cavalaria andante, investiu contra a muralha do desconhecido que cerca o homem. E' uma das mais admiráveis criações do gênio humano. Nesse livro o realismo escrupuloso e o arrojado idealismo de Balzac dão-se as mãos para compôrem uma obra perfeita. As cenas do colégio são admiráveis de realidade e vida. Balzac nada mais fez que transpôr para o papel algumas das recordações que seu cérebro incomparável armazenára. Mas o livro encerra também a dose de idealidade sem a qual não é possivel construir-se uma obra artistica perfeita. Luiz Lambert pertence áquela galeria onde se enquadra *Seraphitus-Seraphita*, livros em que Balzac, cansado de gravar em figuras vigorosas o mundo que o cercava, pretendeu ir mais além, penetrar os arcanos do universo extra-terreno. E' claro que o fez munido dos parcos materiais que lhe fornecia a filosofia de seu tempo. Nessas reflexões de Lambert encontramos muito absurdo, nascido das crenças pseudo-cientificas do tempo (é sabida a fé que nutria Balzac na fisiognomônia e na frenologia) mas aí encontramos também concepções admiráveis sôbre o homem e suas relações com Deus.

Por tudo isso, reputamos Luiz Lambert uma das mais arrojadas criações do titã que concebeu a *Comédia Humana*, um dos livros que mais nos dão que pensar, coisa que raro acontece com romances modernos.

Unamuno, numa de suas diatribes contra a estética francesa, acusou-a de ser por demais intelectual. "Pueblo de grandes geómetras y matemáticos — rugiu êle — que en puro arte llegan a falsificar hasta la emoción". Ao dizer isto o grande pensador espanhol tinha em mente, por certo, o teatro clássico francês. Não cremos que o tivesse dito ante a figura de Balzac, plasmador de emoções, criador de sentimentos, cuja obra é um dos maiores monumentos humanos do século XIX.

* * *

ATLANTES — Sílvio Figueiredo — *Rio*.

O Sr. Sílvio Figueiredo é poeta e parnasiano. Canta o espetáculo da vida, as dôres, as alegrias que o mundo lhe proporciona, as grandes cenas da história, mas tudo isso êle o faz sem desvarios cubistas, em versos ordenados e corretos. Houve quem acusasse o parnasianismo de transformar o verso num mármore, de formas perfeitas, não há duvida, mas de uma frigidez cadavérica.. Não é verdade, pois Bilac, o mais ardente dos nossos poetas, foi parnasiano. E' uma grande verdade que não há escolas, há poetas. As escolas se fizeram para as individualidades apagadas, para os que amam seguir um trilho já aberto e não têm fôrças para construir a sua própria estrada, iluminada de sol e batida dos ventos. Os processos que determinada escola põe em voga são, para o poeta de raça, mero instrumento que a todo instante êle procura superar. O poeta

Novos

tismo quebrou de uma vez por tôdas a escravização do artista a regras de qualquer espécie. O caminho estava aberto a todas as formas de arte, embora também a tôdas as formas de desvario. Não importa. Os poetas, como o Sr. Sílvio Figueiredo, saberão guardar o meio têrmo. Vemos mesmo que, por vezes, seu êstro se deixa levar por outras influências. Quem não vê o influxo de Mário Pederneiras nestes versos:

O meu ideal era habitar um dia
um ríspido recanto modorrento,
e que, amigo dos homens, apresento
uns fortes laivos de misantropia.

Todo o conjunto está por assim dizer umedecido por aquela ternura humana, aquela intimidade suave que foram o apanágio do grande poeta da cidade carioca. Mas, em geral, o tom dos poemas do Sr. Sílvio de Figueiredo é outro, recortado, nítido, bronzíneo:

Sim! E' doce atingir a culminância
em perigosa, em rápida subida,
e contemplar, na bruma da distância,
tôda a extensão da senda percorrida!

Foi tudo isso um milagre de constância
no esfôrço pela glória apetecida:
homem, lograste, na insofrível ânsia,
com rijos braços abarcar a Vida!

Eiba, portanto, o generoso vinho,
canta o epinício na tua alma em festa,
Mas não te esqueças que, no teu caminho,

da vitória mais cara, o que te resta,
vê é um tassalho de alma em cada espinho
e um farrapo de carne em cada aresta!

SYLVIO FIGUEIREDO

ATLANTES

❁ ❁ ❁

O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DE LUIZ EDMUNDO — A. A. de Covello — *São Paulo*.

Luiz Edmundo é nome em evidência no momento, pois foi levantada, há alguns dias, sua candidatura á Academia Brasileira de Letras. Por isso êsse estudo do Sr. A. A. Covello vem a calhar, revelando ao nosso público quem é o autor de *O Rio de Janeiro do meu tempo* e suas credenciais de escritor e historiador. Dono de um estilo vivo, que não esconde as lições dos melhores ironistas franceses, Luiz Edmundo não é apenas um jornalista, um reporter do passado, como já o chamaram malignamente. Evocou a alma de uma cidade que desapareceu, o Rio de D. João VI e de 1900, e o fez com graça insuperável. Prestou um serviço histórico e sentimental. A nenhum carioca que de fato ame sua cidade êsses livros poderão permanecer desconhecidos. E foi tal o sucesso da obra que um crítico chamou a seu autor "cidadão honorário do Rio antigo".

O Sr. A. A. Covello, revidando as críticas injustas que se fizeram a Luiz Edmundo, conclue sintetizando-lhe dêste modo a obra: "Reportagem talvez. História, sem dúvida alguma. Obra de pesquisador e artista, incontestavelmente." •

❁ ❁ ❁

ESTE PEDAÇO DO NORDESTE — José Leal — *João Pessoa*.

Raramente as letras provincianas se ornam com um livro tão inteligente como o do Sr. José Leal. Pretendeu êle escrever a história de sua província, embora não a apresentando como tal. Num estilo ágil, agradavél, de quem está afeito ás lides jornalísticas, êsse jovem paraibano apresenta-nos, numa bela síntese, os principais acontecimentos da história de sua gleba natal. Através de capítulos breves, nada maçudos, sem citações eruditas, o autor sumariou tudo o que encontrara nos cronistas, nos antigos viajantes, nos polpudos historiadores. Consegue fazê-lo vivificando essas páginas que o tempo embalsamou e que só a espécie de gente chamada erudita é capaz de ler com deleite.

Somos dos que pensam que a história do Brasil terá de começar por um laborioso trabalho monográfico, iniciado pelos historiadores da província, e fundamentado na meticulosa exploração dos arquivos locais. Sem isso, não se poderá fazer grande coisa. Na historiografia de todos os tempos a análise precedeu à síntese. E' preciso o trabalho paciente dêsses homens para que o Taine, o Carlyle, o Spengler do futuro possa construir a obra definitiva, a síntese panorâmica, o grande painel histórico onde se possa constatar essa obra extraordinária que é a criação de uma pátria. Esse amor à terra que ainda encontramos em algumas almas é um consolo para nós que roçamos diáriamente êsse cosmopolitismo desintegrador das capitais. O livro do Sr. José Leal é um atestado de patriotismo, de verdadeiro patriotismo, sem xaranga e sem o "Porque me ufano do meu país". Poderão acusá-lo de localismo. Mas que é o patriotismo si não êsse amor ao torrão onde nascemos, amplificado á comunidade dos que falam a mesma língua e partilham as mesmas crenças? Não podemos conceber que se ame uma abstração, uma idéia pura. Os homens só se deixam matar pelas realidades. E é bom que seja assim.

Esperamos que o Sr. José Leal continue a produzir e que seu nome, dentro de alguns anos, possa ser colocado ao lado dos nossos grandes historiadores. Não lhe falta talento para isso.

Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois êle não suporta a coceira e não se pode impedi-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfigurarão por toda a vida o sua fisionomia.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que penetra rapidamente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Si o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

FLAGRANTES DA GUERRA

(1) — A VERDADEIRA estrada para a Vitória. Centenas de tanques concentrados no páteo de uma fábrica de Detroit, momentos antes de serem embarcados para os campos de batalha na Europa ou no Pacífico.

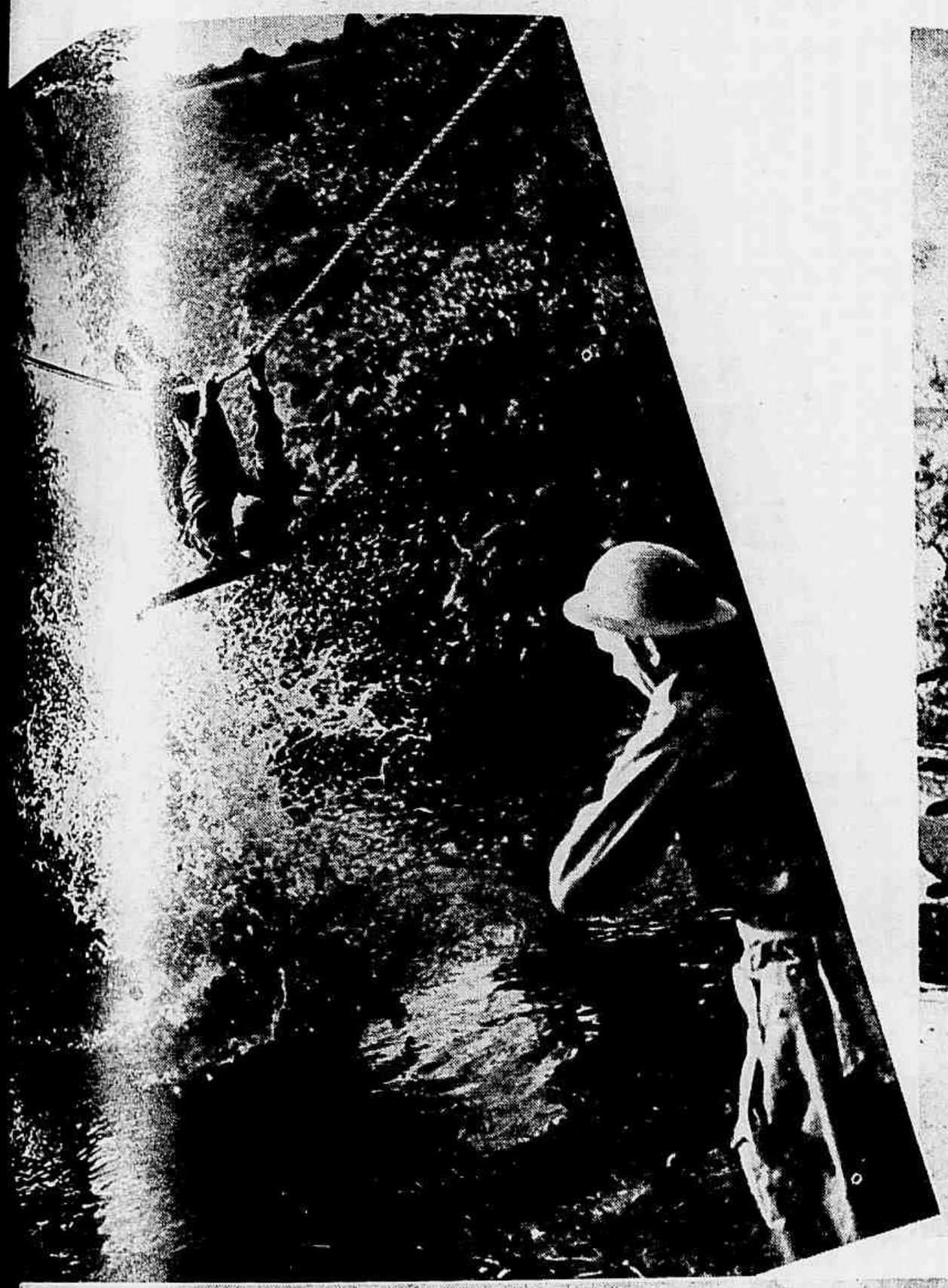
(2) — NAVEGANDO a toda velocidade, em pleno oceano Pacífico, esta lancha-torpedeira americana prepara-se para entrar em açío contra um navio japonês que foi localisado pela aviação. E a caça vai começar...

(3) — QUARENTA homens, espalhados com grandes intervalos de ponta a ponta das azas deste gigantesco aparelho, mostra as suas verdadeiras proporções. Depois, visto no espaço, parece um ponto quasi minúsculo...

(4) — OS SOLDADOS da guerra atual teem de possuir noções de equilíbrio. Aí vêmos um combatente americano atravessando um precipício pendurado em possante corda, enquanto outro o vigia contra qualquer surprêsa.

(5) — SAPADORES armados de detetores elétricos, localisam minas deixadas pelos alemães ao longo de uma estrada na frente de batalha da Italia. Os nazistas, em sua retirada utilizam essas minas em grande número.

(6) — ESTADO em que ficou um depósito de munição dos japonêses na ilha de Tarawa, no Pacífico, após receber um impacto direto de um bombardeiro de mergulho americano. Com a explosão, até as arvores, em redor, foram desfolhadas.



5

6

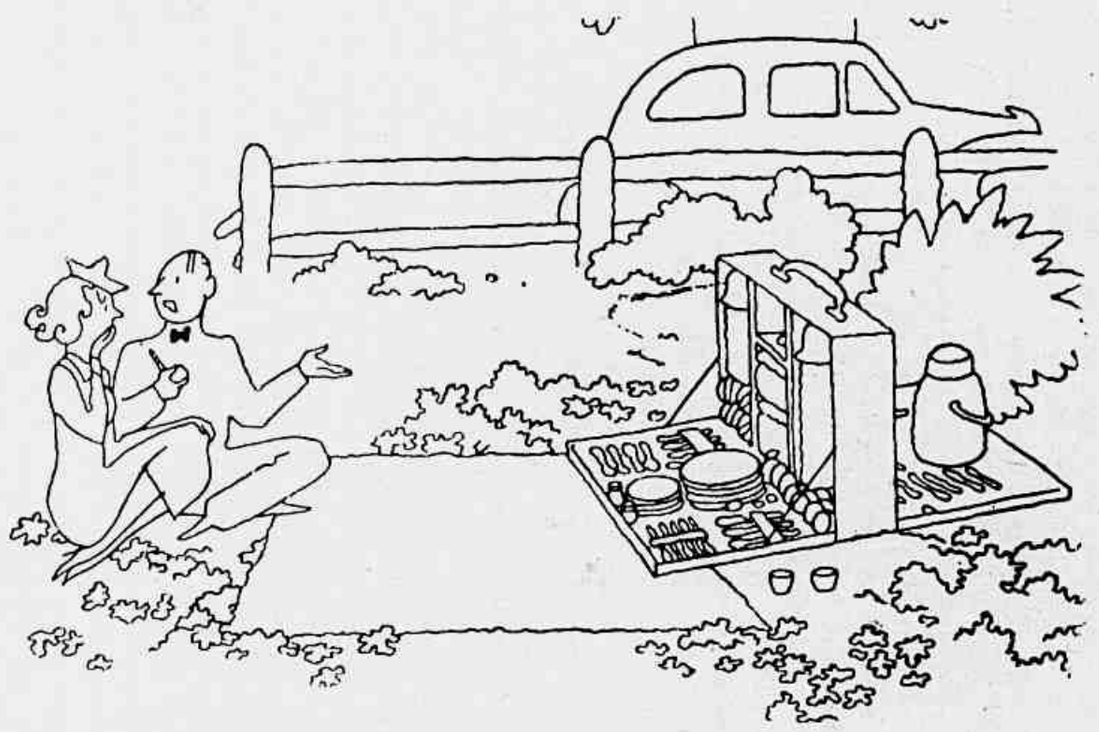
AINDA O CARNAVAL DE 44

Os bailes infantis deram a nota de maior alegria este ano. A petizada, em vistosas fantasias, distribuiu-se pelos clubes elegantes da cidade, para satisfação dos papais. Aqui estão mais alguns grupos animados e pequenos foliões avulsos.

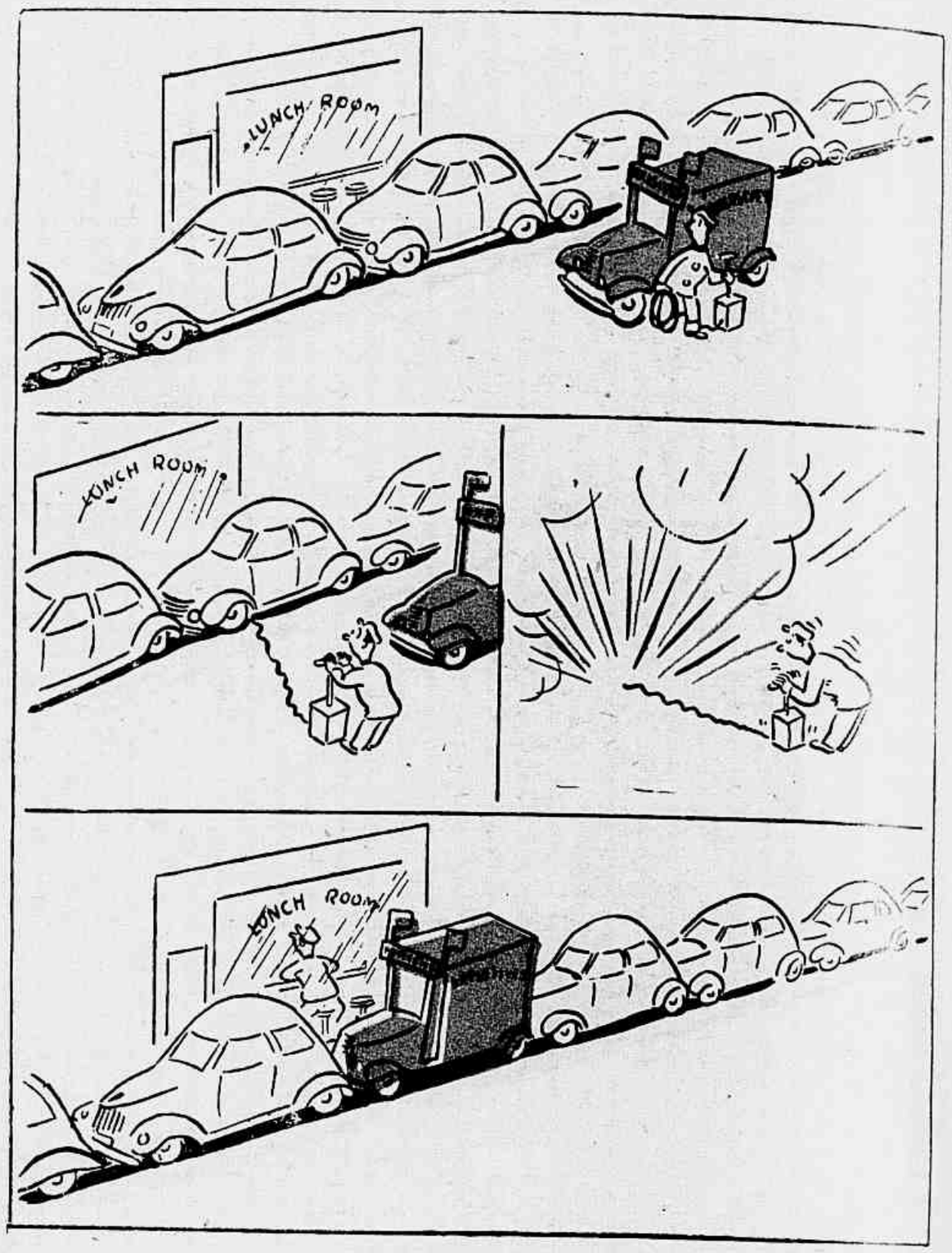
BAILES INFANTIS DO ULTIMO CARNAVAL As crianças tivéram um Carnaval como sempre. Para elas não houve "racionamento" nos folguêdos, como se vê nestas páginas — outros flagrantes colhidos nos salões do Tijuca, America, Ginástico, Clube Militar e Automovel Clube.

RECORDAÇÕES DO CARNAVAL DE 44 Ao alto, foliões no baile da Bola de Ouro. Ao centro, á esquerda, no Automovel Clube; á direita, baile no Canto do Rio (Niteroi). Em baixo, á esquerda, no Clube Central, e á direita, no Icaraí, dois outros bailes animadissimos.

DE BOM HUMOR

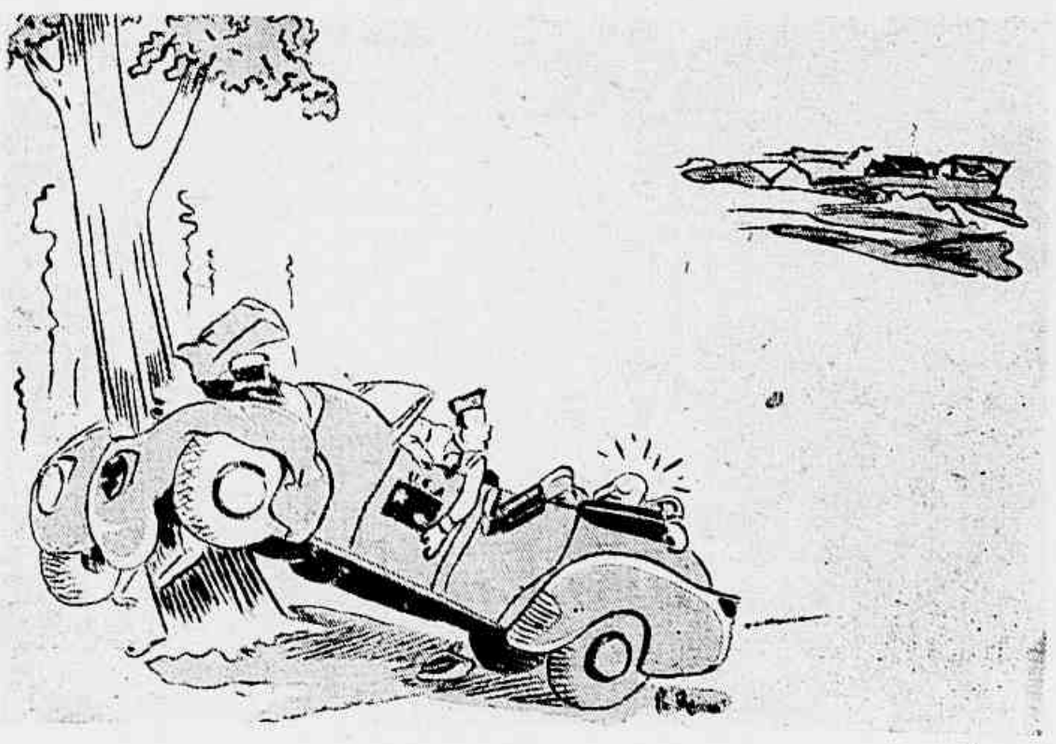


Foi uma pena termos esquecido a comida.

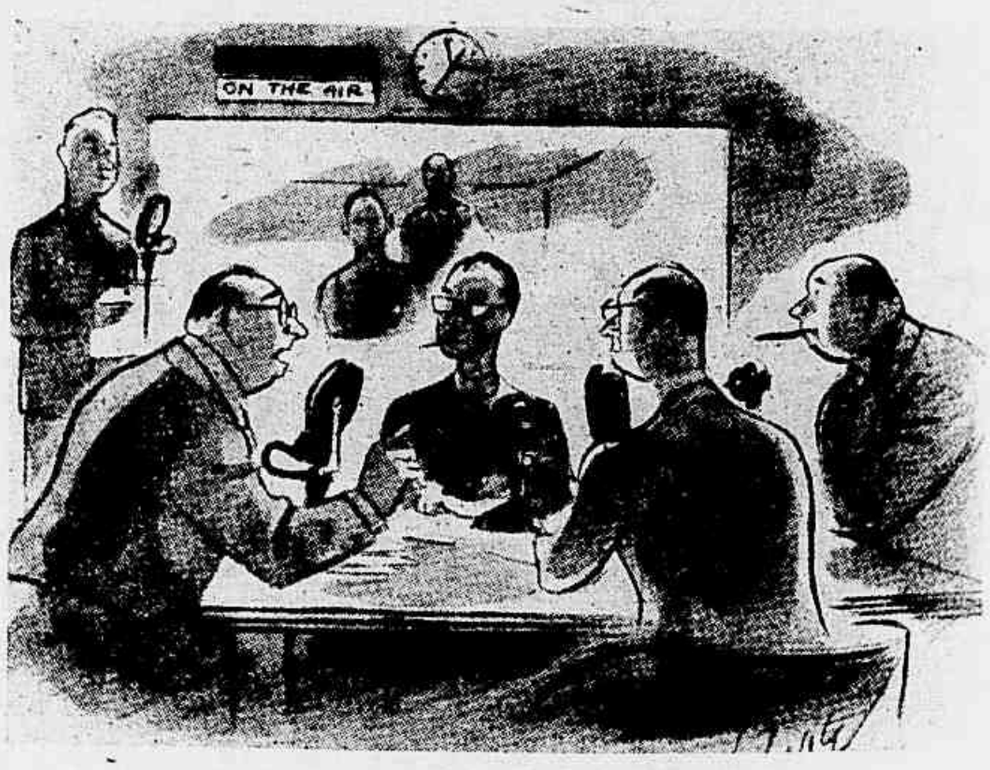


Se a defêsa civil é o que eu penso, ha muito que a venho praticando.

Não sei como começar a descrevê-la, Sr. Delegado.



Perdão meu General, estou tão habituado a dirigir tanks.



"e, terminando esta conferencia, acredito que estamos de acordo em que no fim desta guerra, como nas anteriores, haverá um periodo de paz".

AS DUAS ESTRÊLAS

Novela de AGATHA CRISTIE

Tradução especial para a REVISTA DA SEMANA

De pé, perto da janela do apartamento de Poirot, eu apreciava o movimento, lá em baixo, na rua.

— Estranho! — murmurei, de repente.

— O quê, meu amigo? — perguntou, placidamente, Poirot, das profundezas de sua confortável cadeira.

— Deduza e descubra o mistério, Poirot. Veio daqui uma jovem, muito bem vestida — chapéu à última moda e peles que devem ter custado uma fortuna. Sobe a rua, procurando ver o número das casas. Seguem-na, sem que disso se aperceba, três homens e uma mulher de meia idade a quem se veio reunir, nesse instante, um menino, que aponta para ela e gesticula. Que drama se desenrola aos nossos olhos? Será a jovem elegante uma ladra seguida por policiais para o flagrante? Ou serão êles malfeitores, premeditando um ataque à moça? Que diz o grande detective?

— O grande detective, meu caro amigo, vai ver tudo isso com os seus próprios olhos. — Êle chegou à janela, olhou para baixo e, imediatamente, parecendo achar muita graça em tudo aquilo, voltou-se para mim.

— Como sempre, meu caro, você relata os fatos mais simples deformando-os com o seu incurável romantismo. Aquela é Mary Marvell, a estrêla cinematográfica. Seguem-na admiradores que a reconheceram. E, além do mais, ela já o percebeu.

Ri.

— Explica-se tudo. Mas não é caso para orgulhar-se. Você a reconheceu simplesmente.

— E você não o fez, apesar de tê-la visto no cinema bem umas dez vezes, enquanto eu só a vi uma única vez.

— Ela está diferente — desculpei-me.

— Ora, meu caro, você queria que ela saisse pelas ruas maquillada como aparece na tela? Você está sempre a iludir-se pelas aparências e nunca retém o que interessa.

Encolhi os ombros.

— Mas console-se, meu amigo — disse Poirot. — Nem todos podem ser como Hercule Poirot. Eu bem sei disso.

— Você é muito cabotino! — exclamei, entre risonho e aborrecido.

— Pois é. Mas tenho razões para isso. E outros são dessa opinião. Mary Marvell, por exemplo.

— O que?!

— Claro. Ela vem cá.

— Como sabe disso?

— Muito simples. Esta rua, meu amigo, não é nada aristocrática. Não há nela consultórios de médico ou de dentista da moda, mas há a residência de um detective da moda. O "dernier cri" em matéria de investigação. Diz-se: Perdeu sua caneta-tinteiro? Procure o velho belga. E' extraordinário. Todo o mundo vai lá! E êles veem. Fazem fila, meu amigo. E com os problemas mais estúpidos que um detective já teve de resolver. — Soou a campainha. — Aí está Mary Marvell.

Como era natural, êle tinha razão. Levantamo-nos, quando a atriz entrou na sala. Chegara recentemente a Londres com o marido, Gregory B. Rolf, também ator. Tinham casado um ano antes nos Estados Unidos, e faziam sua primeira viagem à Inglaterra. A recepção fôra maravilhosa. Todos estavam encantados com Mary Marvell, seus lindos vestidos, suas peles caríssimas, suas joias e, sobretudo, uma de suas joias: a "Estrêla Ocidental". Muito se escrevera sôbre esta pedra; alguma verdade, muito exagêro, fantasia em profusão. Uma coisa, entretanto, era certa: o valor, soma fabulosa — cêrca de 50.000 libras.

Lembrei-me de tudo isso, enquanto a cumprimentávamos.

Mary Marvell era baixa, magra, loura e com um ar de criança, acentuado por uns olhos grandes e azues.

Poirot ofereceu-lhe uma cadeira. Ela foi direta ao seu assunto.

— O senhor, com certeza, vai me achar muito tola, sr. Poirot, mas conheço-o muito de nome e preciso de um conselho. Talvez seja uma brincadeira de mau gôsto. Gregory diz que é. Mas ando preocupada.

Fez uma pausa.

— Continue, minha senhora. Não tenho a menor idéia do que se trata.

— São estas cartas. — Mary Marvell abriu a bolsa e tirou três envelopes que entregou a Poirot. Êste examinou-os cuidadosamente.

— Papel barato. Nome e endereço em letra de imprensa. Vejamos dentro.

Tirou a carta do envelope.

Por cima do ombro do meu amigo, li a carta que constava de uma única frase, escrita também em letra de fôrma.

"O grande diamante, que é o ôlho do Deus, deve voltar para o lugar de onde veio."

A segunda carta era exatamente igual, mas a terceira era maior.

"Fostes avisada. Não obedecestes. Por isso o diamante vai ser roubado. Ao chegar a Lua Cheia, os dois diamantes, que são os olhos direito e esquerdo do Deus, voltarão para o lugar de onde vieram."

— Eu achei que a primeira carta era uma pilhéria — explicou Mary Marvell. — Quando chegou a segunda, comecei a ficar inquieta. Hoje veio a terceira.

— Vejo que não vieram pelo correio.

— Não. Foram entregues por um chinês. Por isso assustei-me. Meu marido comprou a pedra há três anos. Comprou-a de um chinês. O dono não quis dizer nada sôbre a pedra a não ser que se chamava Estrêla Ocidental. Parecia aterrorizado e cedeu a joia por preço ínfimo.

Poirot estava pensativo.

— A história parece incrível. E, no entanto, quem sabe? Hastings, o meu almanaque.

Entreguei-lho.

— A Lua Cheia é na próxima sexta-feira. Daqui a três dias. Pois bem, minha senhora. Meu conselho é êste: Pode ser tudo uma brincadeira ou não. Portanto, peço-lhe que me confie a pedra, que prometo guardar em lugar seguro até sexta-feira próxima. Depois, veremos.

Ela recusou.

— Impossível!

— A senhora traz a joia consigo?

Ela hesitou um pouco. Decidiu-se, por fim. E tirou do seio uma corrente fina da qual pendia uma pedra: A Estrêla Ocidental!

Poirot exclamou: — Maravilhoso! Permite, madame? — Examinou cuidadosamente a pedra. — E a senhora traz sempre consigo esta pedra tão valiosa?

— Nada disso. Sou muito cuidadosa. Em geral, a pedra está guardada no cofre do hotel. Trouxe-a para que o senhor a visse.

— E vai confiá-la ao velho Poirot? — perguntou meu amigo.

— Não pode ser. Quer dizer... Bem, na sexta-feira iremos para Yardley Chase passar uns dias com Lord e Lady Yardley.

Lembrei-me do nome. Lera, alguns anos atrás, a notícia da viagem de Lord e Lady Yardley aos Estados Unidos. Lord Yardley, de acôrdo com os jornais, divertira-se muito com as estrêlas de Hollywood, o que enciumara a espôsa que, por despeito, flirtava com um galã muito conhecido — como era mesmo o nome? — Gregory Rolf! O marido de Mary Marvell!

— Vou contar-lhe um segredo, sr. Poirot. Os Yardley e nós estamos combinando um negócio. Queríamos filmar uma película na propriedade dêles, e parece que chegaremos a um entendimento. Êle pede um preço muito elevado, e por isso vamos passar lá o fim de semana para acertar uns detalhes.

— Mas será necessário levar o diamante?

— Quero usá-lo lá.

— Lady Yardley também possui um diamante, não é verdade?

— E'.

Houve uma pausa. Poirot indagou, em seguida:

— A senhora já conhece Lord e Lady Yardley?

— Gregory conheceu Lady Yardley na América.

Nova pausa. Desta vez foi Mary quem falou.

— O senhor lê as notícias mundanas?

Poirot confessou que sim.

— Perguntei porque tem-se falado muito nas joias de Lady Yardley, ultimamente.

Apanhei um jornal que estava em cima da mesa. Havia um artigo sôbre joias famosas. Mary Marvell mostrou-me um parágrafo:

"...Entre outras pedras famosas há a Estrêla Oriental, propriedade da família Yardley. Um antepassado de Lord Yardley trouxe a joia da China, e há uma curiosa lenda a respeito. Consta que a joia era o ôlho direito da estátua de um Deus. Um outro diamante, exatamente igual, que era o ôlho esquerdo, também fôra vendido. E diz a lenda que um iria para o este e o outro para o oeste, até se encontrarem; então, serão apreendidos e restituídos ao Deus. E' curioso notar que a Estrêla Ocidental, propriedade da atriz Mary Marvell, é exatamente igual à Estrêla Oriental. Será a confirmação da lenda?"

Parei de ler.

— Extraordinário! — exclamou Poirot. Virou-se, depois, para Mary Marvell. — E a senhora não tem medo de que, juntando-se as duas pedras, um chinês apareça e furte as joias?

O tom era de brincadeira, mas êle falava sério.

— Não creio que o diamante de Lady Yardley seja tão bom quanto o meu — respondeu Mary. — Em todo o caso, veremos.

Não sei o que Poirot tencionava dizer em seguida, porque, nesse instante, abriu-se a porta e entrou um rapaz — Gregory Rolf, galã cinematográfico da cabeça aos pés.

— Prometi que viria buscá-la, Mary. Aqui estou. Que é que o senhor Poirot acha dessa história? Uma brincadeira, não é verdade?

— Brincadeira ou não, aconselhei sua espôsa a confiar-me a pedra.

— Acho que tem razão. Não devia levá-la para Yardley Chase. Mas é a vaidade, sr. Poirot. Ela não quer ficar atrás na beleza das joias.

— Bobagem, Gregory! — replicou Mary. Mas corou.

Poirot deu o assunto por concluído:

— Madame, eu a aconselhei. A senhora recusou-se a seguir o meu conselho. Nada resta a fazer.

Despediram-se a estrêla e o marido.

— Ah! — comentou Poirot, assim que tinham saído. — O marido tem tôda a razão, mas falta-lhe tato.

Contei-lhe, então, o que sabia de Rolf e Lady Yardley.

— E'. Já sabia. Bem, eu preciso sair, meu amigo. Não demoro.

Eu cochilava numa confortável poltrona, quando o criado anunciou outra senhora que desejava ver Poirot. Mandei entrar.

Reconheci-a imediatamente: Lady Yardley.

— Sente-se, Lady Yardley — convidei. — Meu amigo saiu, mas não deve demorar. — Ela agradeceu e sentou-se. O tipo de Lady Yardley era diferente: alta, cabelos negros, olhos brilhantes, rosto pálido.

Pretendia colocar-me à altura da ocasião e mostrar que também sabia solucionar enigmas.

— Lady Yardley, sei porque veio aqui. A senhora recebeu cartas ameaçadoras a respeito do seu diamante.

Não houve dúvida que acertara. Ela encarou-me boquiaberta e sem côr.

— O senhor sabe? Como?

Demonstrei como era simples deduzir aquilo, depois da visita de Mary Marvell, que relatei. Ela confessou que também recebera cartas anônimas. Exultei. Quis saber si as dela também tinham sido entregues por um chinês. Ela disse que não. As que recebera tinham vindo pelo correio, mas os termos das cartas, tanto da atriz como de Lady Yardley, eram exatamente idênticos. Perguntei-lhe si guardara as cartas, mas ela respondeu que as tinha rasgado, pois ao recebê-las pensara tratar-se de uma brincadeira de muito mau gôsto. Finalmente, levantou-se, dizendo que não poderia esperar mais por Poirot. Prometi que lhe contaria tudo assim que êle chegasse.

♦

Quando meu amigo voltou, experimentei vivo prazer ao relatar-lhe o sucedido. Interrogou-me sôbre a conversa e eu percebi logo que não estava muito satisfeito, mas não encontrou nada a censurar na maneira pela qual eu me conduzira.

Pediu-me o livro sôbre a nobreza que estava em cima da mesa. Entreguei-lho. Folheou-o, uns segundos, em silêncio. Encontrou afinal o que queria. A nota sôbre Lord Yardley, mas pouco adiantou. Em todo o caso soube que Lady Yardley era a quarta filha do Barão de Cotteril e que do seu casamento tinham nascido duas filhas.

Poirot informou-me, depois, que tinha telegrafado ao Lord e, diante da minha surpresa, disse que estava investigando o caso por conta própria, agora que Mary Marvell se recusara a seguir o seu conselho.

Perguntei-lhe si estava certo de que iam tentar roubar o colar. Êle me pediu que não lhe perguntasse nada.

♦

Lord Yardley não demorou. Por volta das cinco horas batia à nossa porta. Era um homem alto e barulhento, de rosto corado e expressão de bonhomia.

— Negócio extraordinário, êste, sr. Poirot! — comentou.

Poirot não perdeu tempo. Mostrou-lhe o jornal com o artigo sôbre a lenda dos dois diamantes. O aristocrata negou, enfaticamente, a história do Deus. Poirot aludiu, em seguida, à filmagem de uma película na propriedade de Lord Yardley. Êle confessou, então, que as suas finanças iam mal e que, por êste motivo, resolvera fazer uma das duas coisas: vender o colar, ou dar a permissão para a filmagem em Yardley Chase. Lady Yardley era contra a venda da pedra. Preferia a outra alternativa.

Terminada a entrevista, Poirot aconselhou o aristocrata que fôsse para casa e que o esperasse lá muito breve. O Lord quis explicações, mas meu amigo perguntou-lhe si não confiava nele. O outro respondeu que sim. — Nesse caso — concluiu — vá para casa e fique lá à minha espera.

♦

Chegamos a Yardley Chase às seis e meia. Um solenissimo mordomo nos conduziu a um hall onde queimava um fogo crepitante e acolhedor.

Lady Yardley brincava com suas filhas, e o Lord, de pé, próximo dela, observava sorrindo. A entrada de meu amigo e dêsse seu criado surpreendeu Lady Yardley, que se voltou para o marido, de olhos interrogativos. Poirot apressou-se em assegurar que estava alí para investigar o caso de Mary Marvell. Isso tranquilizou a dama. Conversaram. Por fim, Lord Yardley convidou Poirot a ficar hospedado na casa alguns dias. Meu amigo aceitou, ante as instâncias do Lord.

Soou o gongo. Era a hora de vestir-se para o jantar. Nesse momento entrou o mordomo com um telegrama que entregou a Lord Yardley. Êste pediu licença e o abriu. Quando acabou de ler, dirigiu-se a Poirot.

— Isso talvez lhe interesse. Eu tinha mandado procurar um comprador para o diamante. Holfberg, o homem a quem confiei a tarefa, mandou êste telegrama, avisando que o encontrou: um milionário americano que partiria para os Estados Unidos amanhã. Vai mandar um joalheiro hoje à noite para examinar a pedra. Si eu conseguir vendê-la...

Lady Yardley empalidecera. Virou-se para o marido:

— Você sabe o que eu acho. Antes alugar a casa. O diamante é uma joia de família há tantos anos...

Lord Yardley não respondeu. Ela suspirou.

— Bem, então, pela últim avez, vou pôr o colar. E verão, senhores, o colar mais horroroso do mundo com o diamante mais lindo do universo.

Queria falar em tom de brincadeira, mas a voz tremia e os olhos estavam cheios de lágrimas.

Meia hora depois, estávamos reunidos no salão, esperando Lady Yardley.

De repente, um fru-fru de saias e apareceu Lady Yardley, com um vestido decotado. No peito brilhava como fogo um colar magnífico. A mão da dama pousava sôbre o coração que parecia bater apressadamente.

— Eis o diamante. Acendam todas as luzes para admirar melhor.

Ela levou a mão ao comutador. De repente apagaram-se tôdas as luzes, uma porta bateu e, do outro lado, partiu um grito de mulher.

— Meu Deus! Mande... — gritou Lord Yardley.

Corremos para a porta, tropeçando no escuro. Finalmente encontramos Lady Yardley que jazia, sem sentidos, no [illegible] com uma marca vermelha no pescoço onde lhe fôra arrancado o colar.

Inclinamo-nos sôbre ela. Abriu os olhos e murmurou:

— O chinês... o chinês... porta lateral.

Lord Yardley endireitou-se com uma exclamação:

— Novamente o chinês!

A porta mencionada era pequena e estava situada no ângulo da parede, [illegible] do lugar onde ocorrera o roubo. Corremos para o local. Pertinho da porta estava o brilhante colar que o ladrão deixara cair na fuga precipitada. Apanhei-o, mas — outra surpresa — havia um espaço vasio bem no centro: a Estrêla Oriental desaparecera.

— Está claro. Não era ladrão comum. A pedra era o que queriam.

— Como entrou o ladrão?

— Por esta porta.

— Mas está sempre trancada!

— Está aberta, agora.

Havia, prêso ao trinco, um [illegible] de seda. O bordado era chinês. A [illegible] de um chinês.

— Na pressa da fuga prendeu [illegible] no trinco e rasgou. Vamos, êle não pode estar longe.

Em vão procuramos. Na escuridão da noite, o ladrão tivera fuga fácil. Voltamos para casa e Lord Yardley mandou um criado buscar a polícia.

Lady Yardley, de quem Poirot cuidara, melhorou o suficiente para contar o que acontecera.

— Ia acender o outro lustre para iluminar tudo, quando um homem me agarrou e arrancou o colar do meu pescoço com tal violência que caí. Ao cair vi-o desaparecer pela porta lateral. Usava rabicho e usava túnica. Era um chinês.

Estremeceu ao recordar-se.

O mordomo entrou. Falou em voz baixa com o Lord.

— Um senhor está aí. Quer falar-me. Diz que vem a mando do sr. Holfberg.

— Meu Deus! Que vou dizer? — perguntou o Lord, desorientado.

— Vou recebê-lo. Faça-o entrar para a biblioteca, Mullings.

Chamei Poirot e segredei-lhe:

— Escute aqui, Poirot. Você não acha melhor irmos embora?

— Você acha, Hastings? Por quê?

— Bem — eu fiquei embaraçado — você não conseguiu nada, não é verdade?

— E' verdade que não foi um dos meus maiores triunfos — respondeu Poirot.

Sorri. A vaidade de Poirot é, às vezes, excessiva.

— Portanto, tendo — desculpe a [illegible]queza — atrapalhado tudo, não acha [illegible] seria melhor irmos embora?

— E o jantar? O ótimo jantar [illegible] o cozinheiro de Lord Yardley sem dúvida nos preparou?

— Que é que tem o jantar? E' [illegible] nisso que você pensa?

— Vocês, ingleses, são de indiferença criminosa em assuntos culinários!

— Há outro motivo para [illegible] partir.

— Qual?

— O outro diamante!

— Que é que tem o outro diamante?

— Obtiveram um e agora vão [illegible] o outro.

— Mas esperarão, sem dúvida, a Lua Cheia, conforme dizia a carta.

(Continúa na pagina [illegible])

GRAFICAS DO RIO

Quando foi iniciada a abertura da Avenida Presidente Vargas — que muitos, então, ainda denominavam erroneamente a Avenida Getulio Vargas — as atenções maiores concentraram-se nos diversos templos existentes no perimetro da Praça da Republica á rua da Candelaria. Desde logo soube-se que a igreja da Candelaria seria a única destinada a manter-se no seu lugar. E as outras? A incognita erguia-se, provocando os mais desencontrados comentários. Enquanto a derrubada dos demais prédios era feita quasi sem quebra de continuidade, os templos iam se deixando ficar, despertando novos entre-choques de opiniões. Foi anunciado, mais tarde que uma experiência arrojada, a primeira, no gênero, a ser feita na capital da Republica, se realisaria com a histórica igreja de São Pedro, situada na esquina da desaparecida rua do mesmo nome com a Miguel Couto, antiga Ourives. Pondo em prática um processo especial de "congelamento" dos alicérces desse velho templo, este seria deslocado alguns metros para onde não quebrasse a continuidade da grande Avenida. Foi quando a curiosidade aumentou, em relação á igreja de São Pedro. Da noite para o dia, um extenso andaime a envolveu em todos os angulos, não permitindo que os transeuntes, naturalmente bisbilhoteiros, acompanhassem o desdobrar dos trabalhos. E os mêses fôram passando... Mais um, mais outro... Cada manhã, descendo na Avenida rumo ao trabalho, o carioca, sempre bem humorado, olhava de relance para certificar-se si a igreja havia, *já, caminhado* para qualquer dos lados... Em pura perda! Ela continuava onde sempre havia estado. Surgiram os "prós" e os "contras". Vai! Não vai! Parece que já se deslocou um pedacinho... E' ilusão! O processo do "congelamento" falhou!

E surgiram, até as infaliveis anedotas.

❋

Agora, sabe-se enfim que o velho templo será demolido. O andaime vai ser retirado. Não ha mais nada para esconder aos olhos do carioca. Editais fôram publicados convocando quem o quizésse demolir em melhores condições.

Quando esta edição circular si essa demolição não tiver sido iniciada — estará por pouco.

E era uma vês a esperança do "congelamento!" — JOE.

A igreja de São Pedro — foto obtida quando as casas em frente, na rua dos Ourives, iam ser derrubadas.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. $ 3,00.

SABONETE HIGIENIC
HIGIENIZA O CORPO E AS MÃOS
CR$ 1,90

REVISTA DO INSTITUTO BRASIL-ESTADOS-UNIDOS

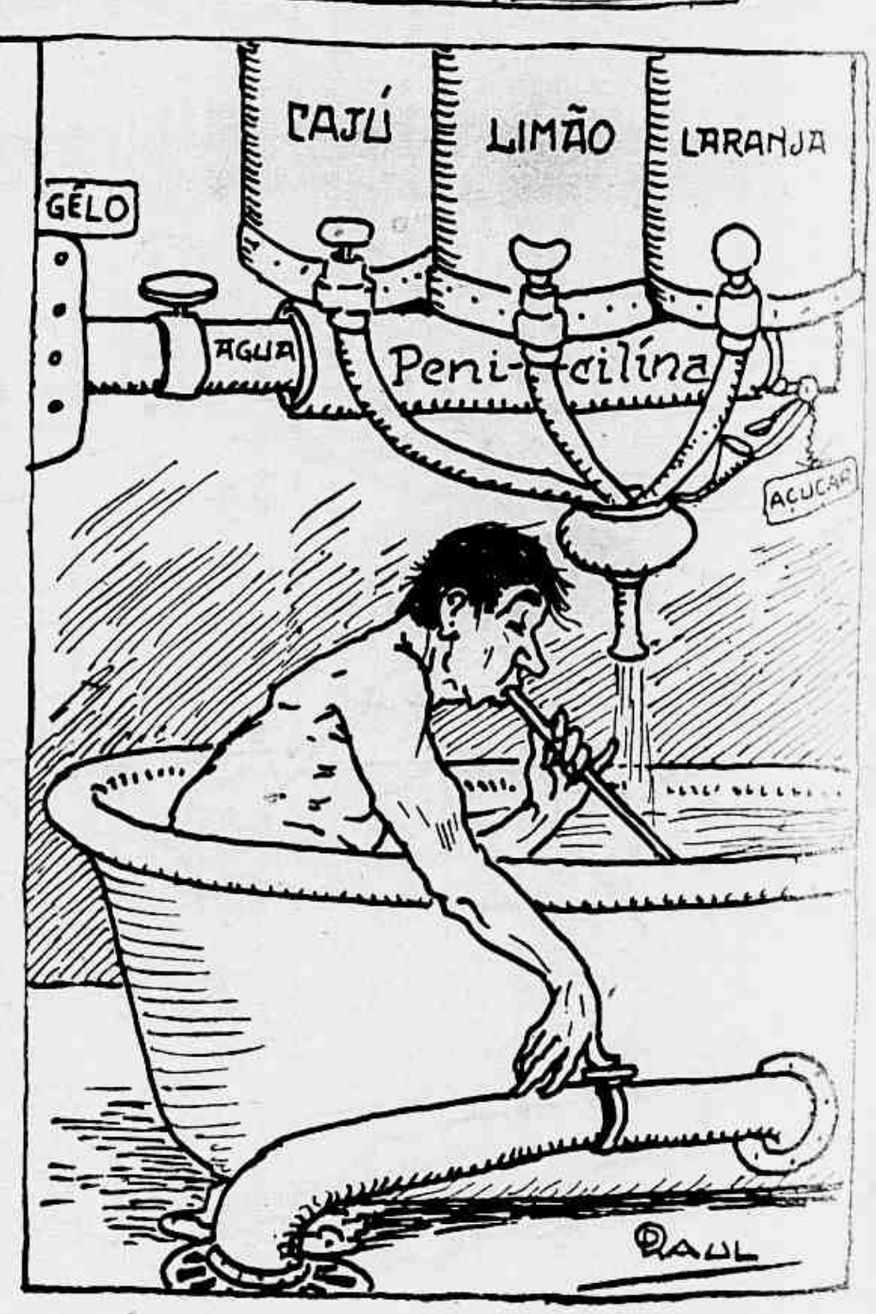
Recebemos o n. 4 (volume XX) referente a Janeiro de 1944 da *Revista do Instituto Brasil—Estados Unidos*".

Repleto de trabalhos interessantes, o número em causa oferece, como os anteriores, leitura útil e feição gráfica agradavel.

Nomes da maior autoridade subscrevem artigos diversos em tôrno do Brasil e dos Estados Unidos.

Timborósa
O SABONETE DO SECULO XX
COM AS PROPRIEDADES GERMICIDAS DO TIMBÓ E O PERFUME DAS ROSAS
ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR A CÚTIS E COMBATER A CASPA

REFRIGERANTES



A CARTOMANTE

Conto de Machado de Assis.

Hamlet observa a Horacio que ha mais coisas no céo e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na vespera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade.

— Feiticeira, interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela serio e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual sabe! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda-Velha; não passava ninguem nessa occasião. Descança; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês devéras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciencia; mas o certo é que a cartomante adivinhára tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Tambem ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso teve um arsenal inteiro de creadices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desappareceram. No dia em que deixou caír toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total.

Camilo não acreditava em nada. Por que? Não poderia dizê-lo, não possuia um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentava-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ella. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não o estava, mas via-a enternecer e arriscar-se por ele, correr as cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direcção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda-Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, tres nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pae, que queria vê-lo médico; mas o pae morre, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranjou um emprego público. No principio de 1869, voltou Vilela da provincia, onde casára com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— E o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Realmente, era graciosa e viva nos gestos.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras.

Depois, Camillo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a acção do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os tres. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufragios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguem o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quasi uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si proprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam ás noites; ela mal, — ele para lhe ser agradável pouco menos mal. Até aí as coisas. Agora a acção da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insolitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela, uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lapis, e foi então que ele poude ler no proprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhetinho. Palavras vulgares; ; mas ha vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as coisas que o cercam.

Camilo quiz sinceramente fugir, mas já não poude. Rita como uma serpente,

(Continua na pag. 42)

Este pintor inglês, de extraordinário mérito, sabe combinar em suas telas o colorido alegre dos impressionistas franceses, e a elegancia, sem afetações, da pintura tradicional britânica, representada por Turner e Constabloe.

A arte de Steer é, pois, o resultado dum estudo inteligente, e cheio de sinceridade, das tradições francêsas e inglêsas.

Como paisagista, o artista ocupa um dos primeiros lugares na pintura contemporânea britânica.

Steer, que faleceu recentemente com 83 anos de idade, nasceu em Birkenhead no ano 1860, estudando em Gloucester e mais tarde em París, cidade em que fixou residência em 1882, para trabalhar com Bouguereau num dos ateliers de Julian.

Regressou para Londres em 1885, observando-se nas obras correspondentes à sua primeira época a influência dos impressionistas: posteriormente mudou de escola, acusando-se antes em suas telas o estilo de Whistler.

No entanto, nos seus primeiros retratos, Steer se inspirou no chamado "grande estilo" que caracterizava a pintura tradicional inglêsa.

O paisagista Philip Wilson Steer

(ATLANTIC PACIFIC PRESS)

Por **TOMAS DE SANCHA**

E' porém nas paisagens onde Steer nos manifesta o excepcional de sua arte, e embora produzisse na França uma série admiravel de obras, sempre evidenciou preferência pelas cenas do campo inglês.

Dominam quasi sempre em suas telas os verdes e amarelos caraterísticos da campina de sua terra. As matas ou paisagens de denso arvoredo constituem os seus motivos prediletos, e sabe captar magistralmente os contrastes de côr da Primavera e Outono.

Apesar da variedade de estilos nas suas diferentes épocas, sempre lograva imprimir em suas telas extraordinária personalidade, sendo notável, nas obras de sua ultima época, o seu estilo insuperável e inconfundivel.

Ao contrário dos impressionistas, Steer trabalhava sempre portas a dentro, pintando na tranquilidade de seu atelier com a ajuda de esboços tomados do natural.

Na passada guerra exibiu na exposição da Real Academia um quadro alusivo à luta, no entanto, sempre se manteve afastado de toda atividade oficial e também permaneceu fiel às tradições anti-académicas do "New English Art Club", sendo em 1886 um dos fundadores do movimento "rebelde".

Com a morte de Steer, a pintura contemporânea inglêsa perdeu um dos seus mais destacados expoentes.

Uma reportagem de
SARAH MARQUES

Especial para a
REVISTA DA SEMANA

Começou a estudar farmácia. O dinheiro faltou no fim do ano para as taxas de exame. Parou. Entrou na Escola Normal. O dinheiro acabou. Saiu.

Quantas vêses os olhos enormes sondavam, insônes, a treva da noite, procurando um caminho? Um caminho qualquer que a levasse para longe daquela vida sem ar, sem nenhum sôpro dos ventos fortes que giravam pelo mundo moendo o grão de ouro dos grandes ideais? A cidade pequena, enfurnada no interior paulista, asfixiava qualquer ansêio de libertação. Era como se, nasruas plácidas, armadilhas invisiveis se

ANESIA a pioneira do azul

extendessem, aprisionando as azas livres. E em vão, ávidos de uma luz inatingivel, os quinze anos de Anésia se debatiam. O puritanismo protestante lapidava arestas ásperas na bondade materna; o pai lutava obscuramente para manter a casa; os dois irmãos estudavam.

— "Mamãe nos legára a paixão da música. Os meninos tocavam violão. Eu queria estudar também; havia notas, escalas doidas, acordes sentimentais nas pontas dos meus dedos; mas nunca pude ter um professor."

Ela me conta essas velhas historias numa gloriosa manhã do Posto Seis. A musica do mar vem até ao salão austero e suntuoso; um raio de sol se instalou no lustre de Murino, precioso e frágil como uma renda. E é muito longo o caminho de volta para a paisagem antiga: numa saleta triste e feia de casa provinciana, a adolescente, curvada sobre costuras grosseiras, aumentando ponto a ponto o orçamento doméstico. Depois, na oficina sórdida da folha local, escrevendo, compondo, ajudando a virar a Marinoni emperrada.

—"Uma vez houve uma enchente pavorosa; inundaram-se todas as estradas. Os trens do Sul ficaram presos na estação. Soube que o Conde d'Eu era um dos viajantes. Fui entrevistá-lo. Eu caçava ávidamente as sensações. Mas elas fugiam daquele silêncio e daquela tristeza de fim do mundo."

Revelação

1920. — Na festa do Divino houve barraquinhas, feira, parque de diversões, bombas estrondando na hora da novena, sinos cantando durante a procissão. E houve uma cousa nunca vista naquele perdido interior: um avião. A garôta caçadora de emoções viu-o chegar, nitido e bulhento numa tranquila manhã, procurar do alto um pouso seguro, descer em curva suave sobre a cidade. Todos os burguêses endinheirados quizeram dar um passêio pelo céo; nos serões à porta da rua, todas as cadeiras das calçadas tagarelavam sobre a sensação do primeiro vôo.

A menina paupérrima não tinha dinheiro para vôar. Mas Orton Hoover, o aviador, teve pena da sêde de aventura daqueles olhos enormes; carregou-a para a revelação do azul.

Eu posso fazer alguma coisa

Toda a cidade ficou indignada quando, pouco depois, outro aviador apareceu por ali, quiz conhecer Anésia, levou-a para longos vôos, ofereceu-lhe um lanche no único botequim apresentavel da terra. Isso foi pelos fins de maio de 1921.

No dia 31 na placidez azul do fim de outono no planalto, uma bomba caiu na cidade: o rapaz sofrera um acidente no lugarêjo visinho, viria no primeiro trem para o hospital local. Presa a todas as convenções burguêsas, Anésia contêve a noite inteira a angustia desesperada de ignorar o que se estaria passando no quarto caiado e triste em que o seu grande amigo sofria. Pela madrugada, ainda com restos de estrelas no céo, levantou-se pé ante pé, saiu cosendo-se ás casas fechadas. No hospital, atirado a um leito de ferro, o rapaz agonisava. Nem sequer tinham lavado o sangue e a lama que se colavam em placas duras na palidez do rosto. Os labios, gretados pela febre, em vão tinham pedido água. Aguia que a fatalidade ferira na mediocridade de um poleiro burguês, nenhuma solidariedade humana tinha ido ao encontro do seu sofrimento, com palavras de teor, chamando-o para a vida. E até às onze horas da manhã — hora marcada pelo suspiro final — só Anesia permaneceu junto dele. Talvez nessa hora, nesse primeiro encontro com a morte, o generoso idealismo da menina tivesse feito um juramento: — "Ser uma aza no azul, recordando a que a tragédia esfacelára..."

— Uma cousa é certa. Diante do egoismo daquela gente que deixára morrer abandonado um moço cheio de sonhos, eu compreendi que não podia mais permanecer. Se ficasse morreria asfixiada sobre as pedras que me atiravam, só porque eu não me deixara ainda vencer pelo comodismo e pela mesquinhez espiritual do ambiente. Ou podia acontecer cousa pior: ser vencida. Acabar casando com o filho do açougueiro, falando mal da vida alhêia, deixando morrer à minha porta creaturas que enobrecem a vida".

No dia 5 de junho, mamãi foi ao culto. Anésia reuniu numa trouxa todos os seus livros de escola e foi vendê-los a um amigo por 120 cruzeiros que, naquela época, eram mil réis. Foi à casa de outro e disse: — "Preciso que me arranje algum dinheiro." Quando a mãi voltou, ela estava diante da mala fechada, com os olhos obstinados e a voz firme. Possuia ao todo, 250$000.

Este é um memoravel instantâneo, feito ha vinte e dois anos passados. No dia 8 de setembro de 1922, quando o Brasil festejava o Centenario da Independencia, Anésia saltava no Campo dos Afonsos, encerrando um bem sucedido "raid" São Paulo-Rio.

Anésia submeteu-se a um rigoroso treino em sua recente permanência nos EE. UU. Aqui a vemos, subindo para o avião no Aeroporto La Guardia em Nova-York. A única mulher brasileira que ainda atingiu tais sucessos aviatórios, prepara-se para novas acrobacias.

Mamãi, eu sei que posso fazer alguma cousa. Ser alguem. Vou para São Paulo. Ah! não pense que rolarei na sargêta, o que poderia acontecer aqui mesmo. Não rolarei porque não quero. Quero subir. E subirei".

Choros. Censuras. Discussões. Mas uma grande vontade consciente é invencivel. E passado o dia santificado, logo na 2ª. feira, o pai foi entregá-la em casa de uns parentes em São Paulo.

Vôo!

Anésia não rolaria na lama. Aos 17 anos era um carater. E os olhos enormes que iluminavam os seus fragilimos 40 quilos já eram, como hoje, uma expressão de vontade e inteligência. Foram essas as suas únicas armas. Convenceu um instrutor a dar-lhe lições e um pequeno Caudron — G. B. — em troca da gloria de formar a primeira aviadora nacional.

Entretanto, uma italiana rica e belissima, que hoje é uma respeitavel matrona burguesissima e obscura, resolveu roubar o sonho da mocinha pobre. Comprou um avião, um instrutor, a banca de exame, o brevet 76. O de Anésia, tirado no dia seguinte, é 77. Está, portanto, entre os 100 primeiros da aviação nacional.

Ninguem, nem o instrutor, aprovava o *raid* do Centenário. Mas Anésia Pinheiro Machado, quando quer, quer. Foi no dia 8 de Setembro, pela manhã, que a imprensa carioca viu descer de um avião verde a mocinha magra e palida, de mãos tão pequenas e dedos tão frágeis que sugeriam apenas ternura, quasi piedade. Era ela mesma, a triunfadora. E tão simples que, desde então, ficou sendo o *enfant gâté* dos *reporters*, diretores, cronistas.

Na manhã seguinte, na pensão familiar, foram dizer a Anesia: — "Está na sala um senhor à sua espera." Era Santos Dumont. "O pai da aviação", a gloria maior que o Brasil ostentava aos olhos do mundo no primeiro século de independência, ali estava, generoso e paternal saudando a caçula da aviação civil, a pioneira da aviação feminina. Levava-lhe dois presentes: uma pequena medalha de ouro e uma carta autógrafa.

Desterro

Estava aberto o caminho da Gloria. Anésia tinha cumprido a promessa feita no umbral da casa paterna: subira. Mamãi recebeu grande parte do premio de 50.000$000 votado pelo Conselho Municipal sob proposta de Adolpho Bergamini: ofereceram-lhe

Uma Anésia diferente. A pioneira do azul está habilitada a sevir tambem como enfermeira, e si as emerêgencias assim o exigirem, poderá cuidar dos soldados feridos. Mas seu campo de atividades maior é em pleno espaço, onde não ha fronteiras e tudo é arriscado...

almoços, jantares, cock-tails. Seu nome apareceu na primeira pagina de todos os jornais. a imprensa estrangeira ocupou-se dela, com retrato e biografia. O almirante Alexandrino fez-lhe presente de um avião J. N. Estava aberto o caminho da Gloria.

Mas veiu 24. Um sopro de revolução rondava pelo Brasil, invadia os quarteis. Em São Paulo acendeu-se a fogueira. Izidoro Dias Lopes tinha necessidade de aviões e de aviadores. Mobilisou Anésia e o seu J. N. Quando o éco dos ultimos tiros enveredou pelas trilhas da "Coluna" Anésia Pinheiro Machado foi presa. E teria ficado anos na prisão se Candido Campos não tivesse reunido os maiores nomes da imprensa numa petição ao Presidente de São Paulo. Fidalgo e cavalheiresco, recebendo o pedido junto às felicitações pelo seu aniversario, Carlos de Campos não poude negar. Apenas, o tempo de chegar a ordem ao carcereiro.

— Se você quizer saber quem é o mais belo coração deste Brasil, eu lhe digo: Candido Campos."

Anésia estava livre; o avião, não. Cassaram-lhe, mesmo, a licença de vôo em território nacional. Quinze anos que se arrastaram, lentos, no desterro do azul. Estenógrafa da Camara Municipal, oficial de gabinête do ministro José Américo, funcionaria do D. I. P., procurou em vão uma brécha para o seu mundo, o mundo amplo e solitário dos passaros e dos ventos. A brecha apareceu em 1939.

Culminancia

Foi em Manguinhos, em 1941, que o acaso teceu o fim desta historia. Alice Higer Rogers, jornalista americana especialisada em assuntos aviatórios e, então, em missão oficial no Brasil, assistiu um vôo de Anesia Pinheiro Machado. Ficou impressionada pela segurança e pela técnica, raras mesmo entre azes do mancho. Não disse nada. Não fez promessas. Mas deve ter dito muita cousa nas esferas oficiais do seu país. O certo é que, mêses depois, um duplo convite chegava à nossa grande aviadora: o Coordenador dos Negócios Interamericanos e o Civils Aeronautics Administration ofereciam-lhe um estágio de alta especialisação em Hunston (Texas) — aerodromo que só recebe azes consagrados, instrutores e inspetores da maior aviação civil do mundo — onde, jamais, vulto feminino penetrou.

E' depois dessa viagem de quasi um ano que Anésia nos conta a sua história em sua bela casa em Copacabana.

— Você me pede impressões. Acha possivel dizer com palavras tranquilas o que eu senti, solando a primeira vez em céos americanos? Aclamada, festejada, acarinhada em toda a parte, não como Anesia, mas como a "brasileira"?

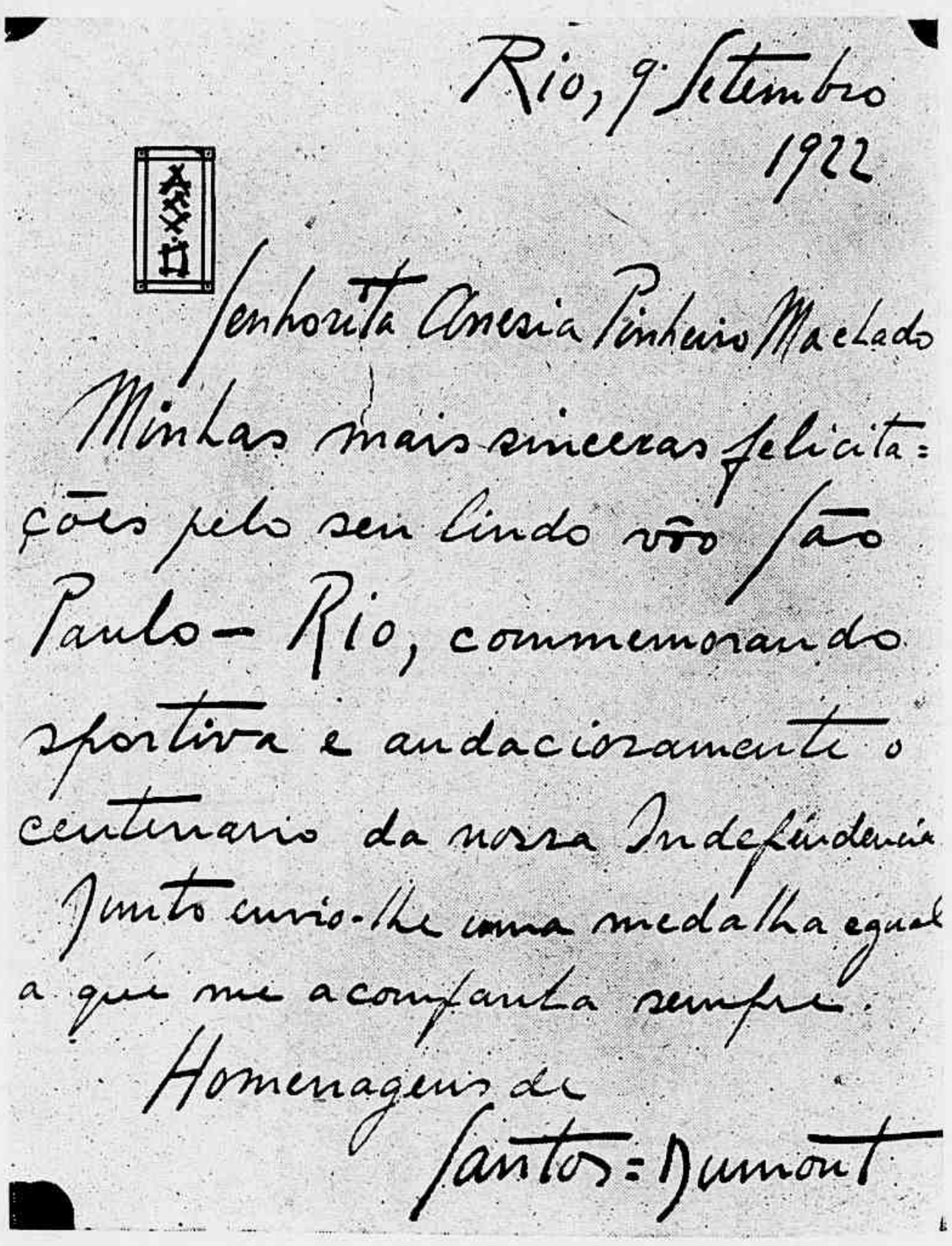
Revistas americanas, espalhadas no sofá, contam a trajetória dessa mulher gloriosa nos Estados Unidos; o *New York Times* tão parcimonioso em espaço, traz o seu *cliché* em duas colunas; *Skywais*, a primeira revista de aviação no mundo, ofereceu-lhe um cock-tail no *cristal-garden* do Ritz-Astoria, convidando todo o corpo consular de New York. E ali estão, no espaldar da poltrona, as flamulas azues, vermelhas e douradas dos aerodromos que a acolheram carinhosamente como uma irmã gloriosa, filha do mesmo céo sem fronteiras da América.

Em aviação civil, ela não tem mais o que aprender; está na culminância absoluta. Transborda do desejo idealista de servir; de ser util ao Brasil; de guiar pelas estradas do azul a juventude àvida das belas aventuras. Repartir fraternalmente a gloria conseguida com tanto esfôrço.

No *robe* muito feminino, de um purpura quente e rico, ela se afunda na poltrona enorme, cruza as mãos que ainda são frageis e pequeninas, sem nenhuma sugestão de força e de máquina. E remata.

— Eu seria mentirosa e falsa se dissesse que não me envaideço algumas vezes. Acho que lutei duramente e venci integralmente. E' isso a Gloria?

Fotocópia da carta de Santos Dumont endereçada a Anésia Pinheiro Machado no dia imediato ao da sua chegada ao Rio, dando por concluido, vitoriosamente, seu "raid" que se iniciou na terra bandeirante. O Pai da Aviação oferecia-lhe uma copia da medalha que habitualmente usava.



Rio, 9 Setembro 1922

Senhorita Anesia Pinheiro Machado

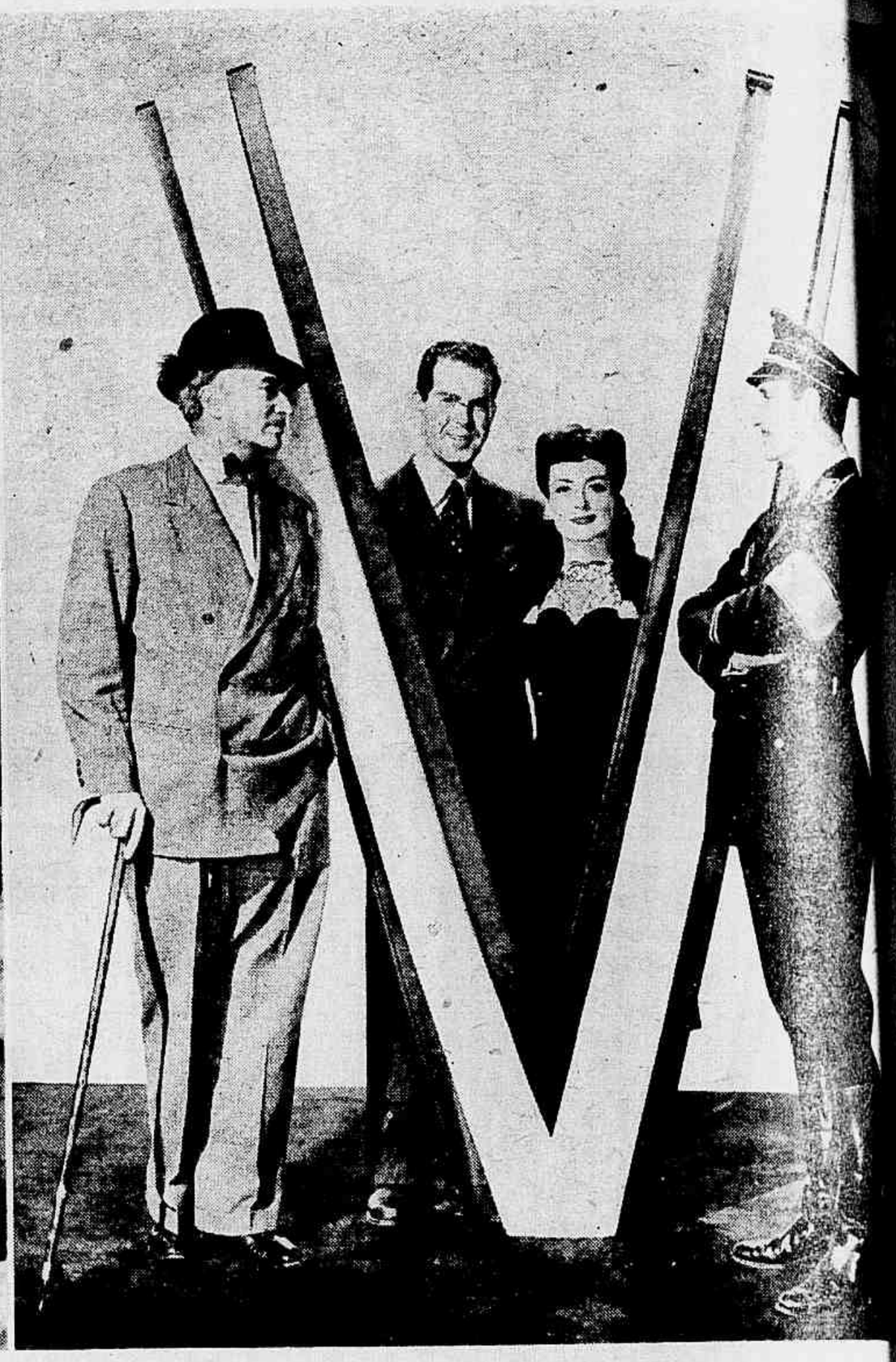
Minhas mais sinceras felicitações pelo seu lindo vôo São Paulo — Rio, commemorando sportiva e andaciosamente o centenario da nossa Independencia. Junto envio-lhe uma medalha egual a que me acompanha sempre.

Homenagens de

Santos-Dumont

UM CASAMENTO EM HOLLYWOOD

ELA é Susan Peters, a rival de Greer Garson em *Na noite do passado* e a apaixonada de Pierre Aumont em *Encontro com o perigo*. Ele, Richard Quine, apareceu em *A's portas do inferno*. Enamoraram-se nos estudios da Metro e consorciaram-se recentemente, seguindo em rápida viagem de núpcias para Nova-York. Muito rápida, até, porque Richard Quine teve de apresentar-se novamente á Marinha de Tio Sam, onde se encontra. A noiva continuará em Hollywood mas disposta a não filmar até que a guerra acabe.

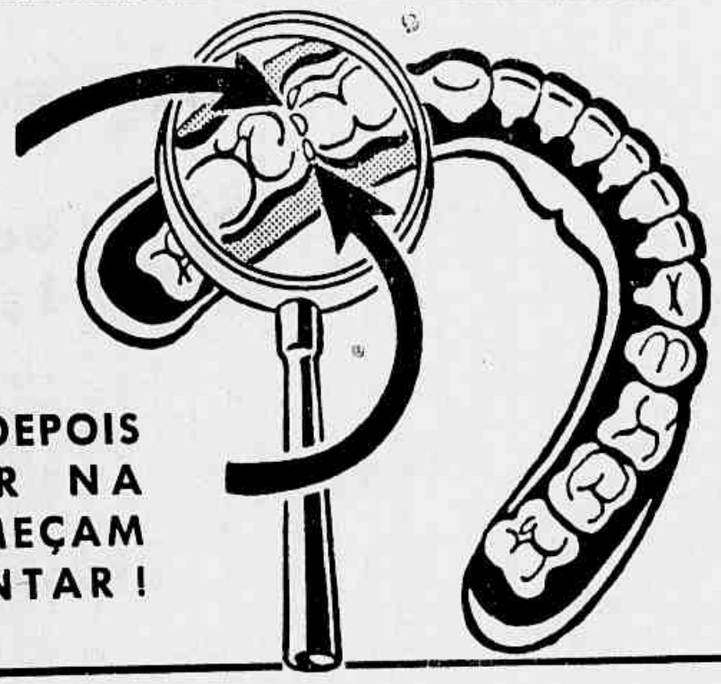


DE CINEMA

Hollywood, fevereiro. — O afastamento de Joan Crawford, dos estúdios da Metro, constituiu um dos assuntos mais palpitantes dos fins de 43. Desde seu aparecimento em *Sally, Irene e Mary*, a presença dessa *estrêla*, em Culver City, éra quasi uma tradição, e aproximadamente dezesseis ou dezoito anos transcorreram desde então. Joan Crawford éra, a esse tempo, uma joven bailarina, tipo *taxi-girl*, conhecendo os apuros de uma existência sem ponto de apoio permanente. Começou fazendo o que lhe davam, *pontinhas* sem maior importância, mas não tardou a revelar-se uma comediante bem aproveitavel, e a Metro que então atravessava — como agora sucede — um periodo de transição, deu-lhe ótimas oportunidades. Mais tarde, Douglas Fairbanks Jr. dela se enamorou, e o casamento foi aquêle desastre de que devem lembrar-se os *fans* mais antigos. Malograda a experiência, matrimonial, a *estrêla* continuou no seu reduto da Metro e foi Douglas Junior quem teve de se afastar, rumando então para a Inglaterra. Dêste o crepúsculo do ator que alí devia encontrar, mais tarde, novas oportunidades artisticas. Quanto a Joan Crawford, vinha a fazer nova experiência no amôr, casando-se agora, com Franchot Tone. Segundo casamento — segundo desastre. Divórcio pouco mais tarde. Mas nem assim Crawford teve de se afastar da Metro. Foi ainda êle, Franchot Tone, quem desapareceu de Culver City. E recentemente, nós o vimos num film da Paramount, *Cinco cóvas no Egito*. A exemplo do que sucedeu com Douglas Junior, foi tambem êle o prejudicado na sua carreira de artista. Crawford, permaneceu, á vontade, na Metro... Agora, porém, éis que seu contrato deixa de ser renovado! Não houve interferência sentimental de nenhuma natureza. Crawford terminou o film *Insuspeitos* com tres bons atores — Fred Mc. Murray, Basil Rathbone e o falecido Conrad Veidt e foi embora. Disséram que seu novo contrato seria assinado na Warner. Mas não houve ainda confirmação. O certo é que, pela primeira vêz, depois de quasi três lustros, Joan Crawford deixa de receber o seu chéque semanal da *marca-do-leão*. Isso é alguma coisa de sensacional...

Mais feliz foi Norma Shearer, aparecida quasi simultaneamente a Joan Crawford. Ela casou-se com um dos *maiorais* da Metro, Irving Thalberg. Depois Irving Thalberg morreu legando-lhe toda a fortuna. Hoje, Norma Shearer ingressa numa velhice bonançosa, tranquila. Pode não fazer mais a *Maria Antonieta*. Mas está a coberto de qualquer necessidade... Tem uma quantidade enorme de ações da Metro. Ações que valem ouro!

CUIDADO!
Aqui atacam os micróbios!
2 HORAS DEPOIS DE ESTAR NA BOCA COMEÇAM A FERMENTAR!



Os resíduos alimentares que ficam nos interstícios dos dentes, fermentam *2 horas após as refeições*. Somente um dentifrício medicinal como o Odorans, póde penetrar nesses restos de alimento e embebê-los, evitando assim a fermentação, causa da cárie e do mau hálito. Faça de Odorans o complemento da sua higiene bucal em bochechos e gargarejos diários.

ODORANS
O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Greer Garson e Walter Pidgeon irão repetir o successo fabuloso de *Rosa de Esperança*, em *Mme. Curie?* Essa é a grande incognita do momento. Duas vezes esse casal de comediantes já se encontrou no mesmo elenco, em *Rosa de Esperança* e *Flores do Pé*. Agora, novo encontro em *Mme. Curie*, prova decisiva. Alguem pode lembrar que *conta de três, o Diabo a fêz*, mas os produtores de filmes não iriam reuní-los pela terceira vêz, sem a certeza absoluta de um sucesso. Greer Garson será a interprete ideal de madame Curie? Fisicamente, parecem existir algumas diferenças, mas o ponto de vista artistico é diferente e, no filme, este deve prevalecer. Quanto a Walter Pidgeon, êle sabe adaptar-se a qualquer tipo e vence qualquer situação. Mas, si outra coisa acontecer, então a Metro ha de ter uma pontinha de remorsos de tão precipitadamente *despachar* figuras femininas da importancia de Greta Garbo — e de Joan Crawford.

❁

Olivia de Havilland está disposta a não fazer mais *meninas-moças* tímidas, retraidas e sonhadoras. Ela afirma que a experiencia feita em... *E o vento levou*, a convenceu

de seu melhor aproveitamento em tipos onde exista muito sentido humano, certa dóse de sofrimento. E amôr. Principalmente amôr. Errol Flynn terá perdido sua *partenaire* ideal si isso acontecer, de vêz que a Warner não compreende essa atitude de Olivia de Havilland. E ou miss Havilland submete-se, passivamente, ás determinações do estúdio, continuando a ser a bôa moça e mais nada, ou então irá *pregar em outra freguezia*...

❁

Merle Oberon — ou melhor dito: a senhora Alexander Korda — será a provavel substituta de Greta Garbo? Claro que jamais se admitiu semelhante paralelo. Garbo foi a mulher enigmatica, cheia de reticencias. Merle Oberon vive as mulheres amorosas, de vida clara, transparente e limpa, por excelencia. Como póde admitir-se tão acentuada evolução? Ninguem admite que a protagonista de o *Pimpinela Escarlate*, venha a convencer no desempenho de um papel tipo *Mata-Hari*. No entanto, foi o *Variety* quem deu o *consta* e sabe-se que esse jornal tem responsabilidades, desfrutando da melhor confiança. Merle Oberon seria, nesse caso, uma imposição do marido aos estúdios com os quais entra em grandes negociações? Tudo é possivel mas, por enquanto, gira tudo no terreno das suposições. E quando a colônia cinematográfica vive presa

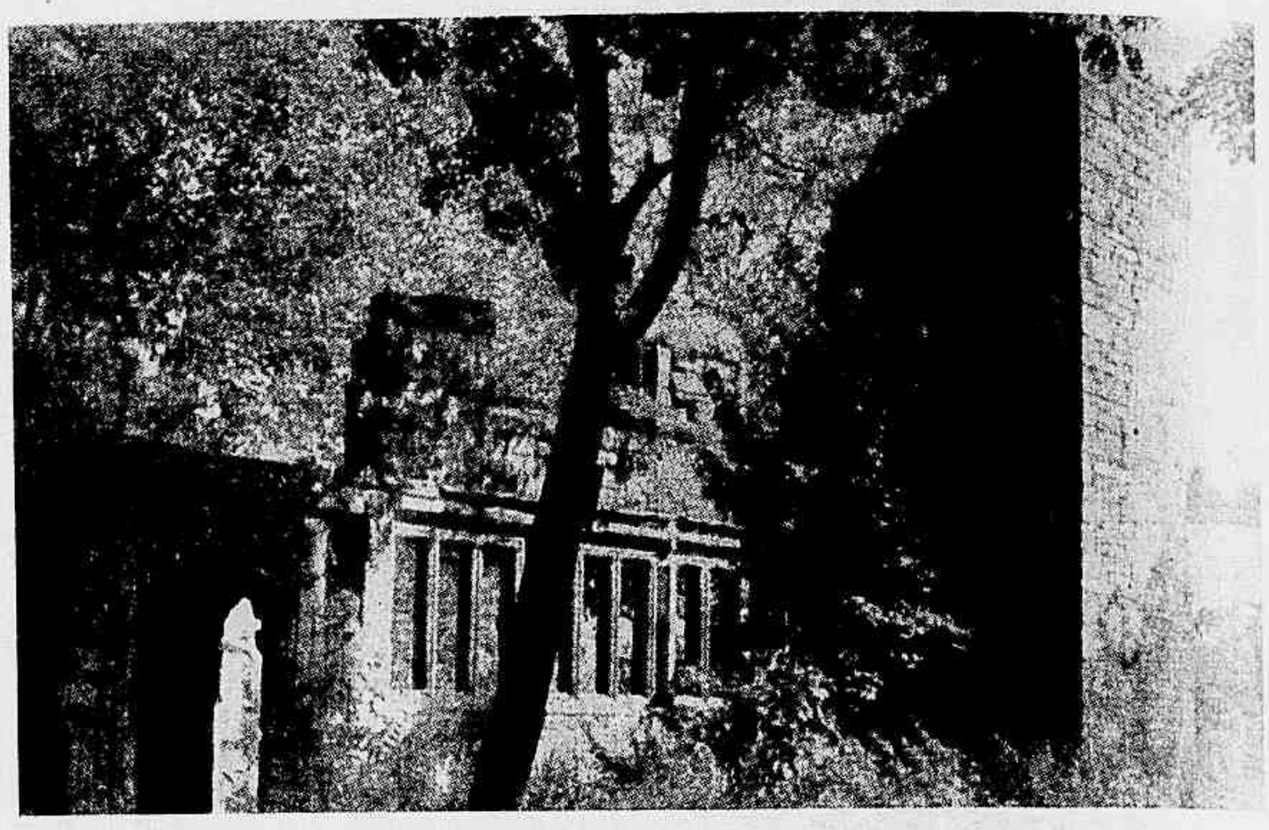
ao escandaloso caso de Carlito, pai ou não da criança, a substituição de Greta Garbo por Merle Oberon, reduz-se às minimas proporções de um detalhe. E detalhe da menor importancia, convenhamos.

❁

GRAVURAS NESTAS PÁGINAS. — *Em cima, á esquerda, Joan Crawford num estudo fotográfico de seu ultimo filme feito na Metro* INSUSPEITOS — *e, logo a seguir, o V da Vitoria, com Joan Crawford, Fred Mc. Murray, Basil Rathbone e Conrad Veidt.* — EM BAIXO, *Olivia de Havilland e Anne Shirley.* — AO ALTO, *na gravura pequena, o casal Pierre Curie numa evocação fotográfica ao lado da reconstituição da mesma cêna com Greer Garson e Walter Pidgeon.* — A' DIREITA, *Merle Oberon. Finalmente, em baixo, Joan Crawford e Fred M. Murray, já velhinhos, no filme mencionado acima:* INSUSPEITOS.

A FAMILIA BRONTE

1 — O Rev. St. John Rivers — encontra Jane exausta e desamparada e leva-a para casa onde viverá com suas duas irmãs. Desejando levá-la para a India tenta persuadi-la a casar-se com ele. Influenciada pela sua forte personalidade, Jane está a ponto de consentir, mas um chamado telepático de Rochester, fá-lá voltar a Thornifield Hall.



3 — Ferndeam Manor para onde se retirou Rochester depois que ficou cégo, quando tentava retirar sua esposa de um incêndio em "Thornifield Hall". Junto a esta larcira arruinada, Jane Eyre encontrou o homem com quem se casou.

2 — As ruinas de Thornfield Hall saúdam Jane quando da sua volta. Soube então que a esposa de Rochester morrera no incêndio e este ficára cégo ao tentar salva-la. Jane segue Rochester para o seu novo lar, Ferndeam Manor onde se reconciliaram e eventualmente casariam.

A propósito da recente publicação em língua portuguesa do livro de Robert de Traz, A FAMILIA BRONTE, *julgamos de interêsse a reprodução dêste artigo do notável crítico Edmond Jaloux, saido a lume em* LES NOUVELLES LITTERAIRES.

O Sr. Robert de Traz consagrou á familia Bronte um ensaio a um tempo biográfico e crítico que ficará como um dos melhores livros que ela inspirou. Não que a bibliografia dos estudos brontescos não seja considerável, sobretudo na Inglaterra. Na França, *Wuthering Heights* foi revelado ao público pelo excelente esquadrinhador que era Téodor de Wyzeva, que traduziu êste livro sob o título de *Um amante*. Muito se censurou a Wyzeva, poteriormente, por ter escolhido êsse título. Censuraram-no, aliás, bem entendido, da maneira mais absurda, e sem conhecerem as circunstâncias sob as quais seu livro apareceu. Ora, foi editado cerca de 1891-92, numa época em que a moda era hostil aos romances estrangeiros, e Wyzeva confessou-me que seu editor só o aceitara sob a condição de que o título atraisse o público. Ninguém conhecia, então, em França, o nome de Emily Bronte e foi Remy de Gourmont que apresentou essa desconhecida aos leitores do *Mercure de France*. Pouco tempo depois, Mme. Mary Duclaux consagrou a Emily Bronte um maravilhoso estudo cheio de finura e bastante concentrado. Mais tarde tivemos a obra admirável do cônego Dimenet, em que a vida das Bronte era estudada com tanta lucidez, como dolorosa emoção.

Mau grado êsses precedentes, Robert de Traz conseguiu fazer uma obra original e que nos tràz elementos novos. E' verdade que a erudição na Inglaterra, voltou-se para esta enigmática familia com respeitosa paixão. Até agora, o reverendo Patrick Bronte foi bastante sacrificado por seus biógrafos, e não só sacrificado mas, por vezes, maltratado. E' nêle, entretanto, que reside um dos segredos do gênio da familia. O reverendo Patrick Bronte nasceu em Lisnacreery, Drumbalyroney, Country Down, Irlanda, em 1777, de uma família de camponeses. Aí sabemos que seu pai, Hugh, já era um famoso contador de histórias. De fato, é preciso que consideremos que um tal poder de fabulação deve possuir raizes atrás de si. Pode-se aprender a escrever perfeitamente. O que não se adquire é a invenção. O contista-nato é tão raro quanto o perfeito escritor. E' uma faculdade misteriosa do espirito que sempre foi altamente admirada na Inglaterra e que o é menos em França, onde o cuidado da observação e da verificação pessoal, a eterna necessidade, em suma, de não se deixar enganar é maior que o desejo de se deixar levar pela imaginação.

Esse Patrick Bronte conseguiu adquirir alguma instrução. Em breve, tornou-se mestre-escola numa aldeia cujo pastor lhe confiou a educação de seus filhos. Quando obteve algumas economias, atravessou o mar e ingressou em Cambridge. Vemos, segundo Roberto de Traz, que tinha um carater bastante dificil e naturalmente azêdo. O que nos interessa é saber que gostava de contar a seus filhos histórias terrificantes que ouvia de pessoas da paróquia, dramas estranhos e cruéis que se haviam desenrolado em moradas distantes, longe das aldeias, entre pessoas maníacas. Muitas vezes, também, evocava seu país natal do outro lado do mar, povoado de espectros, de feiticeiras e onde os poços mágicos se abrem entre casas mal assombradas".

Os sábios que fazem a crítica das fontes raramente pensam nesses germes desconhecidos que são as primeiras emoções da vida, os contos da ama, das empregadas, as recordações de familia, os infinitamente pequenos da existência e da sensibilidade que precedem as primeiras leituras e as primeiras emoções conscientes. Não há dúvida que as moradas trágicas ou os maníacos evocados pelo pastor no sombrio presbitério de Haworth não sejam a verdadeira origem de *Wuthering Heights*, de *Jane Eyre* e de *Agnés Grey*.

Do mesmo modo que Robert de Traz focaliza Patrick Bronte, põe violentamente em foco a trágica figura de Branwell. Figura bastante incompreensivel aliás, pois quasi ignoramos porque teria êle fracassado. Talvez, simplesmente porque não tivesse autêntico gênio e disso não se consolasse. Sabemos que era maravilhosamente eloquente.

"Quando um escritor o interessava, diz uma testemunha talvez indulgente, erguia-se e, numa linguagem admirável, descrevia a personalidade do autor com um ardor e uma facilidade que não encontrei em ninguém". Sua espantosa memória permitia-lhe recitar poemas inteiros de Shakespeare, Shelley, Byron, sem nunca hesitar. Falava diversas linguas. Dava a impressão de tudo ter lido e de tudo saber. A nossa dificuldade em explicar a verdadeira natureza dêsses seres é tanto maior quanto nos é impossível aquilatar a vida de puros intelectuais, possuidores de uma imaginação devoradora e vivendo numa sociedade que nos é desconhecida e que pesa duramente sôbre êles. Um detalhe explicará melhor o que quero dizer. Branwell foi, em Haworth, durante um certo tempo, simultâneamente membro da Sociedade de Temperança e secretário da Loja Maçonica das Três Graças da qual John Brown se integrava grão-mestre. Ambos eram amigos. Branwell chamava-se "o Filósofo" e dava ao coveiro o apelido de "Velho Valete de Copas". E' verossimil que Branwell, mentalmente dissipador, grande frequentador de festas locais e grande amador de albernias, cedo adquirisse o habito de deslumbrar os humildes aldeões ou camaradas de taverna por sua facúndia irlandesa. O que queria dominar a qualquer preço acaba por se contentar com o reino mais modesto si o governo zinho. Júlio Cesar disse-o, outrora, numa fórmula impressionante. Si um homem semelhante era sensível a tal sentimento que dizer do incerto Branwell Bronte, que tinha mais belos dons, mas que os possuia em demasia e que gostava de ofuscar o próximo?

—Os biógrafos dos Bronte atribuiram a desorientação de Branwell ao amor que nutria por Mrs. Robinson, em cuja casa foi preceptor. Não me demorarei nesta história que é sem

jamente conhecido. Sabe-se que Mr. Robinson descobriu a intriga de sua mulher com o jovem Branwell que expulsou de casa. Regressou ao lar desesperado, objeto de escândalo, veressimilmente censurado pela familia e entregue a um desespero odiento. Abandonou-se então ao álcool com uma paciente tenacidade.

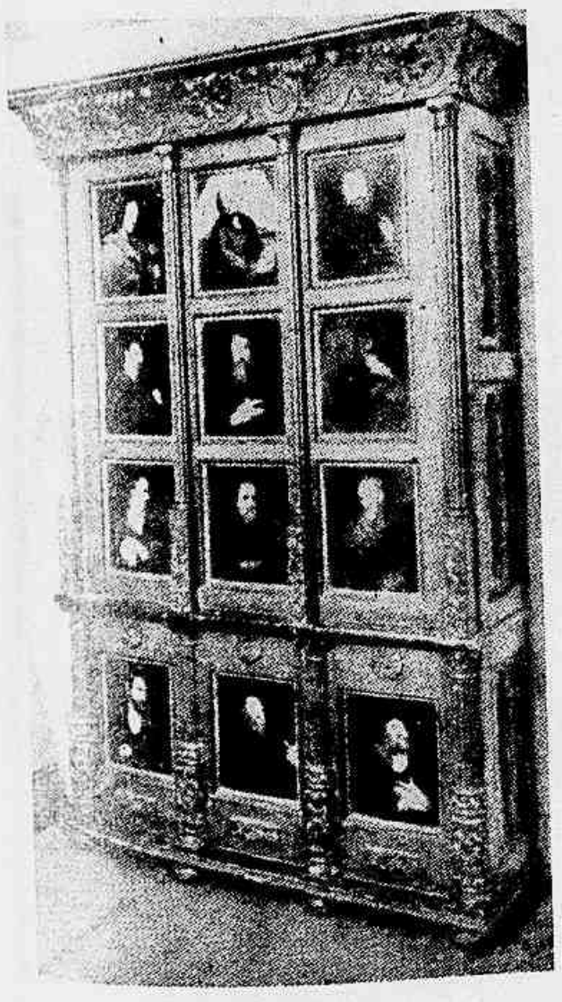
Em maio de 1846, soube da morte de Mr. Robinson. Ora, sua esposa prometera ao rapaz despesá-lo caso se tornasse livre. Retomou confiança e uma exuberância que possue al o de grandioso. Robert de Traz conta que o viram dançar de alegria diante da casa, entre os túmulos do cemitério. Mas soube, um dia que Mrs. Robinson, não mais queria despesá-lo. O testamento de seu marido deserdava-a caso voltasse a casar-se. Branwell, em tal conjuntura, quasi ficou louco. Entregou-se sem reservas ao alçoolismo e acabou sua vida nas alucinações do *delirium tremens*. Recentemente, publicou-se o testamento de Mr. Robinson. Aí não se trata de interdição de casamento após sua morte. Após esta descoberta concluiu-se que todo o romance de Branwell era uma invenção de sua parte. "Apaixonado por Mrs. Robinson e por ela repelido, explicaria dêsse modo seu afastamento", nos diz Robert de Traz. Teria sido para se vingar, ou para se erguer a seus próprios olhos? Robert de Traz aceita de bom grado esta explicação. Devo dizer que seus argumentos não me persuadiram. Chega a falar da "ficção" paixão de Branwell e de sua dôr "sincera". Disto não nos quer fornecer uma só prova. "E' impressionante, diz-nos êle, que após a despedida de Branwell, Mrs. Robinson permitiu a suas filhas irem a Haworth ver Ana, sua antiga governante. Não se compreenderia esta visita si tivesse havido um escândalo real". No entanto Robert de Traz tem o escândalo por autêntico. Que tenha sido expulso por Robinson ou por sua mulher, não deixou, em todo caso, de ser expulso. No caso da tese contrária poderia ver-se em Mrs. Robinson o desejo de obter noticias de Branwell enviando suas filhas á casa de Ana. E' mais complicado, no meu entender, imaginar que Branwell fôra mitomano, a ponto de inventar um romance fictício, com manifestações de desesperêro tão violentas como essas de que temos o testemunho, como supôr simplesmente que estivesse sinceramente apaixonado por Mrs. Robinson, e mesmo, que tivesse sido seu amante. E' até muito natural admitir que uma mulher mais ou menos solitária, num país sem distração possivel, não fôsse insensivel ao encanto de um homem do qual já sabemos que seduzia de um modo extraordinário todas as pessoas que o cercavam e que possuia irresistível eloquência. A tese era agradável de mostrar-nos um Branwell inventando viver seu romance pelo espírito em vez de escrever como o fizeram suas três irmãs. Mas não estou convencido de que houvesse aqui um romance imaginário, mau grado o prazer de romancista e filósofo que experimentamos ao dizer que *Wuthering Heights*, que é por certo o mais belo romance de amor jamais escrito, e que é em grande parte o reflexo do espetáculo oferecido a Emily Bronte pelo desespero passional de Branwell, foi apenas uma invenção, criada de outra invenção.

Devo a Mme. Simone, que é não só uma das nossas melhores romancistas, mas ainda um dos espíritos mais maravilhosamente alertas sôbre tudo que se relaciona á verdade na ordem do romanesco, uma interpretação de *Wuthering Heights* que me parece a única verossimil. A seus olhos, *Wuthering Heights* é a confissão do amor de Emily por seu irmão. Que não haja engano sôbre o sentido desta palavra. Não se trata aquí de um amor maculado de atos ou sentimentos equívocos, mas do amor no sentido mais absoluto da palavra, isto é dessa paixão tirânica, dêsse furor de posse que uma amante pode alimentar por seu amante, mas que um pai pode ter por sua filha (ver Mr. Barrett e Elizabeth Browning), um irmão por sua irmã, uma mãe por seu filho, etc. Não se deve esquecer que em *Wuthering Heights* trata-se de uma paixão dessa ordem. São duas crianças educadas juntamente, crescendo juntas e que não podem nem se unirem, nem se esquecerem, o que é exatamente a situação que puderam viver os dois jovens em questão. Esta explicação só poderá parecer extraordinária aos que vêem no amor uma gentil afeição cotidiana ou um prazer sem continuidade, tanto mais deliciosamente atormentado quanto menos compromete o futuro. *Wuthering Heights* é da ordem de *Tristão e Isolda* e das cartas de Mlle. desespinasse. Por mais mitomano que se seja, não se inventam tais sentimentos. Ora, na vida de Emily Bronte, que morreu aos 29 anos, e como muito bem o diz Robert de Traz, "muda e estoica", e que conhecemos muito bem em seus detalhes, não vemos sombra de homem, nem siquer a menor sentimentalidade, nada que lembre uma afeição qualquer, além dos laços familiais. Além do mais, em *Wuthering Heights*, temos constantemente a impressão de um obstáculo invisivel entre Catarina e Heathcliff. Esse obstáculo é justamente o que lhe era impossivel nomear. E nunca uma palavra, um gesto siquer, não lhes escapa, que possa indicar êsse despotismo implacável, ciumento, quasi demoniaco, que essas duas pessoas exercem uma sôbre a outra. Esta versão seria a chave do romance prodigioso. Acrescentemos que Emily restriou se no entêrro de Branwell e que morreu três meses depois.

Outra questão se levanta, ignoro si foi objeto de estudos particulares. Mas, quando se lêem romances ingleses da mesma época, espantamo-nos com a preferência geral manifestada em muitos autores por temas que encontramos nos romances das Bronte: atmosfera angustiada e quasi fúnebre, apêlo á angústia, influência quasi incompreensivel de um ser sôbre os outros, perseguições de indíviduos que não se podem atingir, etc. Haveria ocasião aquí de indagar si a influência das Bronte exerceu-se rápidamente ou, antes, si não havia na Inglaterra, no meio do século um certo dom moral particular que se exercia de uma maneira difusa e que se teria exprimido genialmente nelas, da mesma maneira como poderíamos entrever que Edgar Poe elevou á mais alta potência e deu fôrça eterna a um gôsto pelo fantástico bastante disseminado a seu redor.

Todos os que amam a família Bronte lerão com prazer o livro de Robert de Traz e desejo aos que não o conhecem poderem lê-lo também. Contou com fôrça, com emoção, com clareza, com o calor de uma experiência como vivida por êle próprio, essa espantosa história de uma família de escritores e de visionários que se assemelha ao mesmo tempo a um conto de fadas, a uma tragédia antiga e a um estudo rudemente realista. Si insisti particularmente sôbre o pai e sôbre Branwell, é que as duas personalidades eram até agora menos conhecidas em França que as três irmãs. Mas seriam necessários dez artigo para estudar todos os pontos tratados por Robert de Traz. Seria preciso, principalmente, insistir sôbre o poder dessa família de inventar, para sua única satisfação, poemas e romances. Aprecio particularmente esta conclusão da obra.

"Si as tivessem confessado, essa existência de sonho, êsses feitos fictícios, essas paixões quiméricas teriam parecido singularmente pueris aos ambiciosos práticos do salão de Thackeray, a Miss Martineau ou á irônica Mary Taylor. Pueris, seja. Por ventura os Bronte cessaram algum dia de ser crianças? Compreendo, por isso, a ingenuidade criadora, a seriedade, a ausência de espírito e de cinismo, o amor das belas e intermináveis histórias, o temor e o secreto desprezo das pessoas importantes, a ignorância do dinheiro, a convicção de pertencerem a um mundo estranho! Daí sua incompatibilidade com a sociedade, daí suas falhas, sua incapacidade de se apoderarem das coisas e de ocuparem situações. Nem Branwell nem Ana jamais foram verdadeiramente adultos. Emily é uma criança de gênio que se basta a si própria, que não foi deformada por ninguém, que não conheceu nenhum dos amadurecimentos que trazem a ação e o amor correspondido ou traido. Carlota tentou colocar-se no diapasão das creaturas que encontrou, mas embora, se celebrizasse, não se confunde com êlas, permanece inquieta, desconfiada, apressada em fugir como uma jovem intimidada. Nunca os sentimos totalmente diversos de seas irmãs Maria e Elizabeth, fixadas pela morte com dez e oito anos".



4 — Esse toucador — de acôrdo com a descrição de Charlotte, ficava no quarto da esposa louca de Rochester, em "Thornfield Hall". Sua face anterior está dividida em doze painéis, onde se vêem as cabeças dos doze apostolos.

5 — Jane Eyre — a heroina de Charlotte Bronte, é uma órfã que se rebela contra o tratamento cruel de sua tia, Mrs. Reed, e foi mandada para uma escola cujo regime desapiedado amargurou toda a sua infância. Quando cresceu foi mandada como governante para "Thornfield Hall."

6 — Em "Thornfeld Hall" — Jane começa a sentir pela primeira vez a vida. Aí ela apaixonou-se por Edward Rochester, com quem pensou casar-se. Descobrindo que seu amado tinha uma esposa louca que vagava durante a noite pela casa, foge desesperada pelas charnecas.

Podem ser abolidos todos os ditadores, menos um: o que determina, impõe e não admite réplicas, o ditador da Moda feminina. Este continua dizendo o que elas devem ou não vestir. E elas, obedientes, submissas, vestem o que manda Sua Excelência. Por isso as "estrêlas" de Hollywood vivem metade do tempo trocando de roupa. Modêlos bonitos. Modêlos que as outras, pequenas bonitas vão reproduzindo à vontade. Nesta página, quatro vestidos. Os dois superiores e o de baixo, à esquerda, posados por Frances Gifford. O da direita, em baixo, por Bonnie Edwards. A Moda de outros tempos era importada de Paris, mas Hollywood arrebatou-lhe o cetro ainda antes do colapso de 40. E agora, mais do que nunca, Hollywood impõe a sua vontade. Vontade a que as mulheres elegantes se entregam sem muito esfôrço

(Fotos M.G.M.)

Ar livre para cultivar a mocidade e a beleza das mulheres modernas — é um dos princípios adotados pelos nossos amigos da América do Norte. E princípio que o cinema intensifica em larga escala. As "girls" que dansam, cantam — ou não fazem uma coisa nem outra, mas aparecem ao público em filmes — cuidam religiosamente dos predicados físicos que a Natureza, muito generosamente, lhes tenha dado. Vejam nesta página. Ao alto, dois flagrantes de "Ginny" Simms, popular cantora de rádio, que agora vai experimentar o cinema. Em baixo, à esquerda, Betty Wells, que está posando "O Trem do Diabo", com Van Heflin. À direita, Ann Rutherford fazendo o seu habitual giro de meio quilômetro antes do jantar.

(Fotos M.G.M.)

O JOCKEY CLUB MUNDANO

Acostumados já ás emoções fortes do turf, os elementos da nossa elite social procuram nas tardes domingueiras o Hipódromo da Gavea, sem que o calor deste verão tropical possa impedí-los de gozarem horas de prazer esportivo naquele belo prado.

Um verdadeiro desfile de modas as mais modernas e da mais requintada elegancia [illegible] l g r então na *pelouse* do maravilhoso hipódromo onde as graciosas aficionadas do turf espalham a beleza sadia de seu sorriso. Nesta pagina, alguns flagrantes sociais da reunião turfistica de domingo ultimo.

No Teatro da Moda

E' monótono repetir que "nada de novo há na fronteira da Moda". São, até certo ponto, pueris as tentativas de inovações por parte dos criadores de figurinos. Com a queda de Paris, morreu a sedutora deusa, volúvel e caprichosa. Quem floriu em galas renovadas até 1939, hoje se alegra com um detalhe novo, nada mais do que um pequeno detalhe. E' a contingência do momento, e a mulher moderna compreendeu e aceitou o momento que passa, levando nos braços uma mortalha que flutua ao vento de tempestade que sacode a humanidade. E' a dolorosa bandeira, prenúncio de uma paz que resume o sonho máximo da nossa pobre vida.

A Moda tem lutado, em vão, para sobrepor-se e retomar seu antigo prestígio, e — coisa inaudita! — a mulher, mais do que o próprio homem, tem-lhe imposto um lugar secundário: "Nada de novo na moda feminina desde 1939!"...

Arnold Constable fez desfilar os seus manequins nos luxuosos salões do Waldorff Astoria e deu preferência aos boleros, como a mais elegante contribuição para a economia de fazenda imposta pela guerra.

O bolero é realmente gracioso e vai muito bem a qualquer idade ou tipo; mas... o bolero não é novo; há anos que faz parte da *toilette* feminina, desaparecendo por algum tempo, para surgir logo depois.

Ele é uma inspiração da Espanha toureira e, com a guerra naquele país, ele quase estacionou no guarda-roupa da mulher, como traje para todas as horas. A sua volta será, naturalmente, muito bem recebida, pois é uma prenda útil, graciosa e prática.

Outro detalhe que surge como inovação é a saia dos vestidos com os drapeados, franzidos e outros enfeites para o lado das costas, ficando a frente lisa.

Os costureiros já uma vez tentaram fazer voltar as anquinhas, lançando, de começo, as saias com babados e laços atrás. A mulher, nas atuais circunstâncias, dificilmente deixará o seu vestido esportivo, ou mesmo quando o não seja, que não lhe dê trabalho, nem lhe deforme as linhas naturais do corpo. Ela é, inegavelmente, muito lógica, porque sabe adaptar-se às circunstâncias de guerra.

E possível, pois, que ela faça do bolero um motivo de elegância tão prático e popular como o tem sido o costume, tanto mais que é êle mais econômico.

Quanto à moda dos franzidos, é uma *novidade* que satisfaz por dar amplitude às saias, facilitando os movimentos da mulher, que precisa disso na sua laboriosa faina diária.

E assim morreu mais um dos mitos masculinos criados para definir a mulher como um ser frívolo, interessado apenas em modas. A mulher moderna faz é tudo a seu *modo*, dando prestígio e encanto a um sujeito, a uma gola, a uma flor, a um metro de véu ou de fita, pois a beleza e a sedução que emanam de toda sua pessoa são suficientes para dar ao mundo esse encanto poderoso da presença feminina. Isso, afinal, não é mais do que o milagre de uma personalidade que, desde 1914, vem se afirmando cada vez mais forte e cada vez mais alta, unindo-se na ânsia libertária. Mais do que isso, unindo-se ao homem, seu rival egoísta de ontem, seu companheiro vencido de hoje, para a marcha avante da paz, sobre cujos alicerces ambos hastearão, cantando em uníssono, a bandeira flamante da liberdade!

Wally

Figurinos em desfile

JANET MACKENZIE

MISCELANEA

O racionamento do gás, do açucar, da carne e de tantos outros preciosos alimentos trouxe à mulher, em geral, um acervo de pequenos problemas domesticos, que ela vai resolvendo com uma inteligencia surpreendente. Com a Moda estacionaria, a mulher creou a Miscelanea de guarda roupa: acho que realmente nenhum termo é mais adequado à carateristica da moda atual. Tudo está na moda: chapéus grandes e pequenos e a boina à Montgomeri. A saia estreita quasi peada nas pernas e a saia ampla. Blusas de lingerie ou sedas estampadas, casacos de côrte alfaiate e de fantasia, de uma grande variedade; póde-se mesmo dizer que o traje militar comodo e pratico impôs de tal forma e casaco que hoje é nele que se concentra e se exerce a imaginação dos creadores da Moda. Mesmo assim, vencendo todas as incertezas, transpondo fronteiras em todas as latitudes, a artista do cinema continua a ser desejada e solicitada como modelo predileto, quando mais não seja pela graça que ela sabe emprestar aos mais repetidos modelos e aos mais bizarros chapéus.

Depois há o "it" esse sutil e capitoso encanto que não se define, e que valorisa tão maravilhosamente bem a propria moda, caduca embora.

Depois, há o gosto pessoal que põe uma nota viva e brilhante em tudo quanto elas usam.

E' interessante saber que esses lindos modelos vivos, copiados por todos os paises, tambem têm suas preferencias e distinguem com premios as mulheres mais elegantes do cinema, como criticam e até ridicularisam aquelas que se vestem mal e mesmo parecendo exagero é preciso dizer que a percentagem não é tão pequena quanto parece. Há no cinema, como na sociedade, creaturas que dão, sempre, a impressão de estarem fantasiadas, tanto se enfeitam e se pintam. A pintura discreta revela bom gosto e bôa educação, como o revelam os trajes e as atitudes.

No contacto diario com as mil dificuldades, que diariamente aumentam, a mulher resolveu simplificar a vida, mas isso, é claro, sem renunciar à sua encantadora feminilidade.

Aquelas que trabalham uniformisadas, sobretudo no serviço de guerra, não negam o prazer que sentem ao se vestirem para uma festa com a gala encantadora de gazes, tulos, flores e fitas.

A mulher não renunciará nunca às suas mais belas armas, porque com isso conserva ela o seu titulo de rainha da creação, titulo que bem significa a vassalagem que à sua beleza e sedução rendem todos os seres da natureza.

A mulher de nossos dias, tão conformada e tão compreensiva, aguarda os tempos propícios que hão de vir para a alegria de todos os que amam a vida e procuram torná-la bela!

3

— Para as praias nos dias de sol, Grace Mac-Donald, da Universal, apresenta esse short gracioso e de estampado alegre. 2 — E' a famosa Deanna Durbin que aqui oferece um lindo modelo para o verão: cinto, sapatos e botões de vernís preto. 3 — Muito interessante este short em algodão quadriculado com barras lisas; sapatos de cortiça. (Grace Mac Donald) 4 — Jeff Darnell, da Columbia, veste a tipica saia camponesa com ilhóses e um "roulouté" enfiado no corpete cortado em cima em forma de coração. Blusa estampada em listas com enfeites de bordado inglês na gola e mangas. 5 — Esta boina originalissima foi desenhada para Deanna Durbin, da Universal, e é usada com um complemento da luva e cachecol da mesma côr.

Modelos da Semana

Para os dias incertos a moda sugere:

O uso de vestidos que são chamados de meia estação; nos paizes de estações definidas.

Realmente não é nada pratico enchermos o guarda-roupa de léves vestidos de verão, quando os dias estão absolutamente instaveis.

Estes modelos de fazendas mais pesadas, sem chegarem a ser de inverno, com mangas ¾, golas ou o classico costume, são os mais aconselhaveis.

Agora que voltam os boleros com o prestigio de sua graça podemos encontrar nele um ótimo auxiliar para a estação. Uma saia, uma blusa léve e o bolero, porque si o calor se torna insuportavel será facil tira-lo e leva-lo no braço.

Outra inovação pratica é a saia e blusa com casacos quadriculados de listras ou estampados que combinem com a côr da saia.

O chapéu branco continúa a ser muito usado e feito de varios materiais como *justão, crochet* ou *laise*.

1 — Vestido em shantung amarelo claro e azul pervenche com pespontos do mesmo tom; bolsos embutidos. 2 — Original vestido de seda com enfeites de tiras em dois tons dégradé. 3 — Bonito vestido de seda com nervuras na saia e na blusa fazendo os bolsos. 4 — Interessante casaquinho com as costas e parte da frente em quadriculado. 5 — Muito original este vestido em brim de seda, pespontado. 6 — Vestido quadriculado, com uma tira reta formando os ombros; revira para fazer uma presilha em feitio de gola, com botão. 7 — Senhoril este vestido enfeitado com tiras de fazenda listrada. 8 — Vestido de shantung, formando a cintura da blusa.

1 Vestido em crepe setim feito pelo lado fosco, com os panos da frente unindo em franzido na saia, com a parte brilhante.

2 Um original vestido, feito com aplicações de recortes mais escuros para o enfeite da blusa, gravata e circulando os bolsos da saia.

3 Este vestido, com a blusa cruzada na frente e a saia drapeada, tem a realçar-lhe a graça enfeite em *pois* de côr viva.

4 Muito juvenil este vestido com a saia pregueada ao redôr da pala e uma gravata franzida saindo do enfeite da gola.

5 Original este vestido em seda, com uma serie de laços como enfeite.

6 Original casaquinho com a gola drapeada em godet formando jabot.

7 Simples e original vestido com enfeites de taxas.

8 Vestido feito com avesso e direito de fazenda "double face", apanhando em drapeados na frente.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
À VENDA EM TODA A PARTE

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

A Cartomante

(Continuação da página 23).

foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca.

Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória deliciante. Adeus, escrupulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e saíram ambos, estrada fóra, braços dados, pisando folgadamente por cima de hervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e a estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camillo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos.

Camilo teve mêdo e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Póde ser que entrasse tambem nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu á cartomante para consultá-la sôbre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou tres cartas anônimas, tão apaixonadas que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais socegado; tenia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possivel.

— Bem disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma fôr igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma aparece; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camillo devia tornar á casa deles, tatear o marido, e póde ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos mezes era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lagrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, á nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saíu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava materia especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas coisas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, á nossa casa: preciso falar-te sem demora — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo.

Camilo estremeceu, tinha mêdo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir à casa; podia achar algum recado de Rita que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguem. Voltou á rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossimil; era natural uma denúncia anônima, até da propria pessoa que o ameaçára antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então — o que era ainda pior — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a propria voz de Vilela. "Vem já, já á nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já para que? Era perto de uma hora da tarde.

A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tilburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote de cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quasi no fim da rua da Guarda-Velha, o tilburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, á esquerda, ao pé do tilburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultára uma vez, nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tilburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinaria, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propoz-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incredulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas azas cinzentas, desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as azas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos...

Na rua, gritavam os homens, sufando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras coisas; mas a voz do marido sussurrava-lhe ás orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorsões do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véo opaco... pensou rapidamente no inexplicavel de tantas coisas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinarios, e a mesma frase do principe de Dinamarca rebolava-lhe dentro: "Ha mais coisas no céo e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degráos comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguem, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, tres pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sotão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruia o prestigio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fóra batia em cheio no rostó de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou tres cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não.

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpoz os maços, uma, duas, tres vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indespensavel muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da belleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele, estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela, vá, *raggazzo innamoralo*...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da propria sibila, e le

(Continúa na pág. 44).

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

(Continuação da pág. 9).

E' que o pôvo gosta de vêr-se retratado nas peças. Gosta de vêr os seus habitos, sua vida quotidiana, reproduzidos. Temos sempre curiosidade em observar nossa propria caricatura, pois o aspecto grotesco ou ridiculo é o que mais dificilmente observamos em nós. Ninguem se anima a escrever para o teatro. Tenho aqui duas peças prontas, "Cartas de Amôr" e "Faro Policial", além de 12 em preparo. Estou aguardando apenas bôas oportunidades.

Já era bem tarde. Nossa vitima, entretanto, não dava o menor sinal de impaciência. Talvez por gentilêza. Talvez também gostasse de recordar. Era uma oportunidade de matar saudades dos velhos tempos em que êle escrevia:

"Saudade, palavra dôce,
Que traduz tanto amargor!
Saudade é como se fôsse
Espinho cheirando a flôr".

Impiedosos, lançamos ainda uma pergunta:

— Você é partidário do modernismo e do futurismo, Bastos Tigre?

— Para mim, todas as épocas têm tido e terão seu modernismo. Eu aceito a bôa literatura em prosa ou em verso, de qualquer escola. O que não posso tolerar é a prosa mal escrita apresentada como verso.

Claro que não seria possivel enumerar tudo o que Bastos Tigre escreveu. Quarenta anos de colaboração dária nos jornais não é brincadeira. Seus versos, alguns bem conhecidos, foram reunidos em volumes. Limitamo-nos a citar algumas obras: "Versos Perversos" (1910), "O Saguão da Posteridade" (1902), "Moinhos de Vento" (1913), "Bolhas de Sabão" (1916), "Brinquedos de Natal" (1924), "Arlequim" (1922), "Penso logo...eis versos" (1923), que obteve menção honrosa da Academia de Letras, "A Ceia dos Coroneis", "Meu Bêbê" (1º. premio da Academia Brasileira de Letras (1924), "Poesias Humorísticas" (1933), "Entardecer" (1935), "Vi, Li, Ouvi", "Parabolas de Cristo" (1937), "Uma Coisa e Outra" (1937), "Recitália".

Estão em preparo: "Aconteceu.. ou podia ter acontecido", "Sol de Inverno" e "Emilio de Menezes e a Academia da Colombo".

Despedimo-nos. Trazíamos uma impressão curiosa: quasi não víamos o riso de Bastos Tigre. Durante toda a entrevista não houve um só trocadilho. Isto prova que os humoristas não são geralmente homens muito alegres. Lembramo-nos outra vez da frase do "D. Xiquote":

"Graça é dinheiro
Dinheiro não é graça".

MATRIZ: SÃO PAULO
Rua Libero Badaró, 103 loja-107 s/loja — 1.º e 2.º ands.
Caixa Postal, 178-B e 2999
Tele { fone 2-4550
grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

A maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos os Estados do Brasil.

Agências em todas as cidades do Brasil.

INSOMNIA?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Quando não é possivel conciliar o somno, é porque os toxicos estão se accumulando no organismo, intoxicando o sangue. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradavel e de effeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue e evita a insomnia. Mas... só o Eno póde produzir estes resultados.

'SAL DE FRUCTA' ENO

ALMA PROTETORA

Conto de PONTSAVREZ

Ilustração de ILDEU

Eram, entre amigos, uns quinze que terminavam alegremente o jantar que lhes oferecia o capitão Raul Dantival. Pertenciam quasi todos ao mesmo regimento do capitão e havia mais um magistrado, um banqueiro e alguns rapazes ricos da pequena cidade da guarnição.

Era um almôço de despedida da vida de solteiro. Dantival, perdidamente apaixonado pela belíssima filha do proprietário de um castelo da visinhança, conseguira, por fim, obter sua mão. O casamento fôra anunciado oficialmente, três semanas antes, e devia realizar-se dentro de dez dias. Dantival, recentemente promovido e garantido numa longa permanência naquela cidade, salvo em caso de guerra, alugara uma velha casa espaçosa. Um tapeceiro de Paris mobilara-a á moderna, com uma rapidez incrível. O noivo, apaixonado e rico, impaciente e pródigo, vira suas ordens e seus caprichos interpretados e cumpridos com um talento, um gosto e uma presteza que só se podem encontrar nos operários franceses, quando a fortuna do cliente lhes garante um farto resultado.

Os convidados não tinham ainda abandonado a mesa.

A conversação, embora viva, entre aqueles bons companheiros, de boa educação, não era tão barulhenta que não deixasse ouvir, nítido e preciso, um rumor que se aproximava na estrada.

A estrada, de resto mais flanqueada de jardins do que de habitações, jazia, até então, em pleno silêncio, naquela hora avançada da noite. Assim, mais claramente se distinguia o som vibrante e claro de uma campainha de prata que se aproximava.

— Que é isto? perguntou o primeiro que o ouviu.

Calaram-se todos e puseram-se a ouvir.

— E' o viático, que o padre leva a algum moribundo, explicou o magistrado.

— Parou aquí, disse outro, surpreendido.

Quasi ao mesmo tempo, uma das ordenanças que faziam o serviço veio dizer ao capitão Dantival que um padre acompanhado de um sacristão desejava ser imediatamente introduzido junto dêle.

— A brincadeira é forte, mas de péssimo genero.

— Mande dizer-lhe que se enganou.

— Que o mistificaram.

Mas, a estas exclamações de seus amigos, Dantival respondeu:

— Não; sejamos cortezes com o pobre homem. Si algum gaiato de mau gôsto quis divertir-se á sua custa e á nossa, aceitemos a brincadeira macabra. Acolhamos delicadamente o enviado e bebamos com êle.

Manda entrar o Sr. padre.

Seria estranho si tivesse vindo por inspiração própria, por pressentimento da oportunidade de seu mister, observou o capitão Kermadec, não sem um leve tremor na voz.

— Oh, manda embora a tua superstição, filho da Bretanha! responde o capitão Briffaut.

— Tu te gabas de ser positivista... mas teu positivismo...

A conversa foi interrompida com a entrada do padre, ao encontro do qual Dantival dirigiu-se risonho e amável.

— Desculpem-me, senhores, si perturbo a festa. Mas o meu dever...

Em suma...O Sr. Dantival?...

— Sou eu mesmo, padre.

— Justo...

— Não estarei enganado? Mas então não compreendo...

Capitão?

— Não...Sem duvida alguém, a quem voluntária ou involuntáriamente, deixei de convidar, pregou-me a peça macabra, e só me aborrece que lhe tenha dado este incômodo.

— Incômodo nenhum... O padre deve estar sempre pronto a ir onde é chamado ou mandado.

— E posso saber quem o mandou aquí.

— Uma senhora.

— Ah! Uma senhora. Ah! Ah! Dantival, tu te casas.

— E abandonas a tua vida de solteiro.

— E assim ela julgou espirituosíssima a idéia de fazer ministrar-me a extrema unção.

E todos riram.

Dantival, embora quisesse guardar deante do padre um pouco embaraçado uma atitude séria, não podia conter inteiramente a grande vontade que tinha de rir.

— E esta senhora...poderá...

— Descrevê-la?

— Não vale a pena; penso como estes senhores que se trata de um gracejo. Desculpe-me; agora só me resta voltar para a igreja.

— Mas...Espere um pouco, padre.. Tal gracejo, pois não pode deixar de ser um gracejo, como dizem os meus amigos, não encontra explicação para mim, porque não conheço nesta cidade, senhora nenhuma que pudesse praticá-lo. A pessoa que o enviou...

— E' daquí? Não creio, porque não a conheço. Eis como se deu o fato: eu saía da igreja, depois da AVE, quando uma senhora ainda moça, de maneiras distintas vestida com certa elegancia, tendo eu notado que trazia uma bela capa guarnecida de peliça, se aproximou de mim e disse:

— Sr. cura, apresse-se em levar o viatico ao capitão Raul Dantival; êle mora na rua do Palácio da Justiça, nº 9. E' coisa urgente, e eu sentiria um remorso eterno si êle não morresse em estado de graça. Volte depressa á sacristia para munir-se dos santos óleos e paramentar-se.

A sra. ficou esperando para certificar-se da minha presteza. Depois, passei deante dela e pude certificar-me do seu aspecto. Levantara o véu e a claridade das velas bentas que eu acendera no alter da Virgem, punha-a em plena luz.

— E não a conhece?

— Não...Mas desculpe-me, quem é aquela sra.?

Um criado havia aberto a porta de comunicação com a pequena sala e o cura havia deparado com um retrato de mulher e de tamanho natural.

— E' minha mãe, respondeu Dantival.

— Sua mãe!

— Falecida há dois anos.

O cura calara-se e não tirava os olhos do quadro.

Dantival, pálido, agitado por um tremor nervoso, tomou-o pelo braço e levou-o para junto do quadro.

— Repare...Repare...Reconhece-a? Foi esta a senhora?

— Tenho receio de dizer...Mas não me engano. E digo com tôda a segurança...Aquele aspecto...aquele rosto...sim, aquela capa de peliça... E' a mesma senhora que há pouco me enviou aquí.

— A capa de peliça, sim, dizia Dantival, êste detalhe é surpreendente. Um dia, muitos meses antes da sua morte, quando já estava doente, tinha arrepios de frio e, entre séria e brincalhona, disse-me:

— Deve fazer muito frio debaixo da terra, com aquela humidade, meu querido filho. Quando eu morrer, cobre-me com meu manto de peliça.

Satisfiz êste seu desejo, uma fraqueza infantil, mas o menor capricho de minha mãe, representava para mim uma vontade sagrada.

Os convidados tinham se levantado e aproximaram-se. As suas fisionomias revelavam emoções diversas, com exceção de Briffault, que se obstinava no seu ceticismo motejador, todos os outros estavam pelo menos embaraçados. Observavam a fisionomia do padre, grave e recolhida, como diante de um mistério e o rosto contraido e pálido do capitão e, por cima de tudo isso, o retrato impassível da senhora.

— Estão ouvindo, meus amigos? A aventura é estranha.

— Espiritismo, murmurou num tom ligeiramente sarcastico Briffault.

— Pois seja, disse Dantival pensativo. Mas é preciso que eu lhes faça uma confidencia de uma particularidade significativa.

Minha mãe, que, jovem ainda, perdeu o marido e alguns filhos, tinha concentrado em mim todo o seu afeto. Era uma alma piedosa, lucida e clarividente.

(Continúa na pág. 45).

— *Mas desculpe-me: quem é aquela senhora?*

Todo o mágico encanto da vida está na beleza da criança. O mundo inteiro para ele é aquele pedaço do lar, o seu amigo mudo e paciente o urso peludo, seu céu a mamãi e divindade o papai.

O que se deve evitar

Mãe e avó versus médico

Dra. SILVIA ROGER

EMBORA pareça incrivel as mães e sobretudo as avós são muitas vezes as maiores inimigas do querido doentinho e os piores obstaculos ao trabalho do médico. Algumas vezes o são por ignorancia, outras por falso amôr e mal entendida pena, o que não deixa de ocasionar sérios transtornos e complicações impedindo que a cura siga sua marcha natural.

E' sobretudo no periodo da convalescença que se manifesta mais a miudo o retrocesso da enfermidade pela condescendência errônea das mães ou avós. No periodo agudo, o medo da morte, ou mesmo da responsabilidade faz com que se desvelem em seguir à risca as prescrições médicas; mas assim que julgam passado o perigo, começam a facilitar: ora substituem um remedio do medico por outro caseiro por ter aquele gosto ruim: ora modificam a dieta porque o garoto não suporta determinado alimento etc.

Tudo isto, aliás, já é velho, é sistema que vem de longe. As mães com um egoismo natural que elas confundem com amôr não contrariam o filho porque elas sofrem de vê-los sofrer; as avós com as suas ninhices típicas.

Já no seculo passado o dr. Bernard, notavel médico francês, queixava-se amargamente deste mal repetindo sempre que: "o único competente para indicar remédios e dietas é o medico e as pessôas que cercam o doente devem cingir-se estritamente a eles sem modificá-los ou *exceder-se*". O pior é praticar todos estes êrros e escondê-los do médico que muitas vezes fica confuso diante dos resultados do *seu* tratamento sem desconfiar dos *intermediarios*.

Como vemos, as mães e as avós, não progrediram nada no que diz respeito aos seus doentes.

E' preciso saber, sobretudo, que existem varias molestias afétas à alimentação, enfermidades da nutrição. Conhecemos a indigestão pelas suas consequências e ignoramos outras, como diabetes, obesidade, raquitismo, gota, etc., que precisam de uma dietetica clinica rigorosa porque o medico geralmente não proporciona o alimento ao apetite do doente e sim à facilidade de digerir.

A compreensão dos deveres que lhes cabe fará com que avós e mães ajudem eficazmente a cura do doente. A elas compete observar que os alimentos prescritos sejam da melhor qualidade, que o doentinho mastigue bem antes de engulir; prestar atenção ao tempo que dura a digestão para notificar o médico; e tudo quanto este recomenmendar.

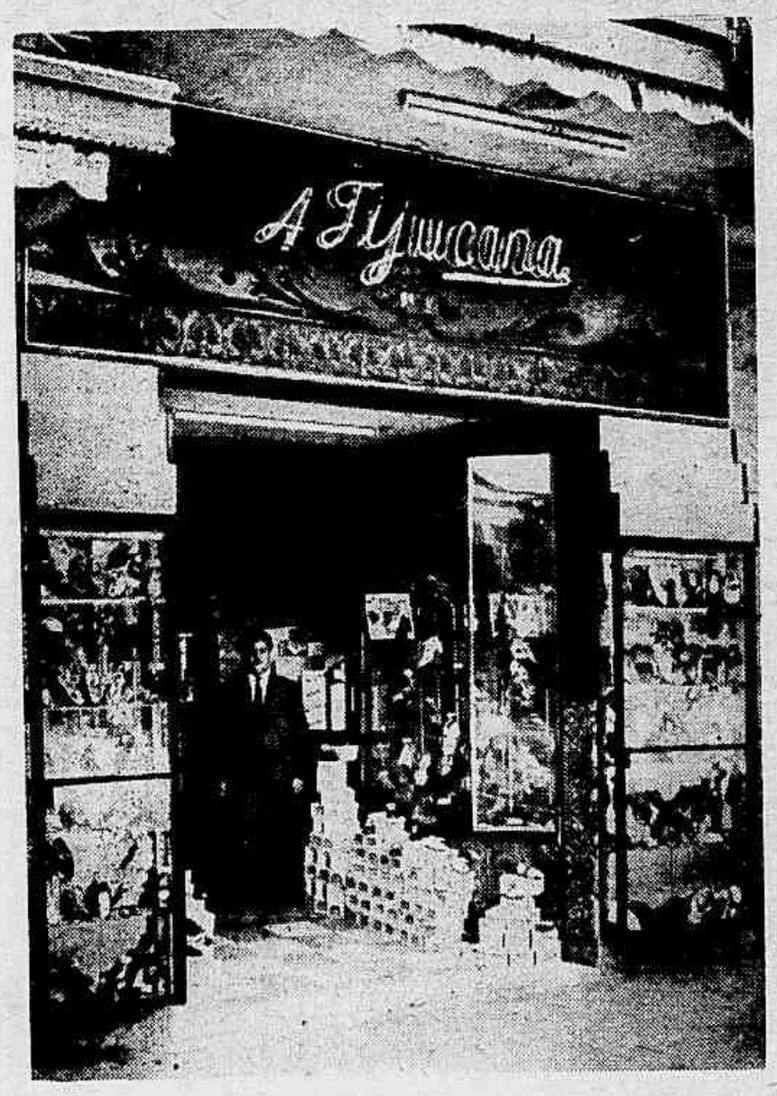
Se o médico não lhe inspira confiança mude-o, será preferivel. Reflita que todo doente precisa de um tratamento especial adequado que só o medico póde prescrever e, que seguindo os mandamentos dele, no que se refere a remedios, alimentação, exercicios fisicos e distrações psiquicas, você, inteligente e cuidadosa mãi, terá contribuido enormemente para o restabelecimento completo do seu doentinho.

Nunca se fie nas receitas caseiras dadas por estranhos que se julgam autorisados, pois só o médico conhece o organismo do seu cliente e as reações que lhe podem produzir determinadas substâncias; alem de que, embora as molestias sejam as mesmas, o organismo de cada um reage de fórma diversa; ha tambem no caso, o inconveniente da mistura de remédios. A vóvó não só é levada a estes erros pelo seu amôr e ternura pelos netos duas vezes filhos como tambem pelo acêrvo de experiências acumuladas atravez duas gerações e ás quais ela não renunciaria por cousa alguma no mundo.

Lembrem-se ambas sempre que a vida dessa criança depende da confiança absoluta no médico e portanto no zêlo empregado em obedecer-lhe.

Vida ao ar livre, exercicios fisicos, tudo dentro de um regulamento prescrito.

Alimentação dietética adequada a cada caso; num ambiente apropriado á criança.



"Praça Saenz Pena, A CINELANDIA DA TIJUCA"

Na reportagem que sob o titulo "Praça Saenz Pena, a Cinelândia da Tijuca", publicámos em nossa edição de 5 de fevereiro último, demos, por engano, o endereço da conhecida casa de calçados "A Tijucana" como sendo — Rua Conde de Bonfim, 432 — quando, em verdade, aquela afamada sapataria funciona á Praça Saenz Pena, 21.

Na foto acima reproduzimos um aspecto da fachada de A TIJUCANA, onde aparecem suas valiosas e artisticas vitrines.

A Cartomante

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 42)

vantou-se também. A cartomante foi á comoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por saír, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil reis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela em baixo, e desceu a escada que levava à rua, e quanto à cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tilburí esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras coisas traziam outro aspecto, o céo estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou puerís; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobria a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravissimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer coisa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade ela adivinhára o objeto da consulta, o estado dele, a existencia de um terceiro; porque não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e continuas que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o misterio empolgava-o com as unhas de ferro. A's vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, *ragazzo innamorato*, e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outróra e nas que haviam de vir. Ao passar pela Gloria, Camilo olhou para o mar, e tendeu os olhos para fóra, até onde a agua e o céo dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminavel.

Dia pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degráos de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cêdo; que ha?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe signal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não póude sufocar um grito de terror: — ao fundo, sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estendeu-o morto no chão.

Alma protetora

(Continuação da pág. 45).

Estava tão acostumada a ler meus pensamentos que muitas vezes me aconselhava a favor ou contra um ato qualquer, antes que o tivesse exposto nitidamente. Depois da sua morte, eu senti ainda, muitas vezes, a influencia do seu pensamento no meu.

— Naturalmente, tu te concentravas para pensar nela. "Como pensaria minha mãe?" e respondias a ti mesmo, inspirando-te na comunhão desses pensamentos. Era deste modo que te falava o seu antigo pensamento que ficara no teu espirito em forma de recordação.

— Pois seja assim; não quero convencer ninguém. Somente lembro-me que, na hora extrema, minha mãe me disse com lágrimas nos olhos e com um sorriso forçado e consolador nos labios:

— Meu querido filho, deixo-te apenas em aparencia, mas na realidade não me afasto de ti. A minha Alma, que acredito imortal, fica contigo, velará por ti e te advertirá, pois, livre da obscuridade dos sentidos, discernirá melhor. Não quero que sofras. E obterei de Deus que te chame à sua presença antes que possas sentir a crueldade de qualquer sofrimento.

Se minha mãe mandou êste padre, é porque uma grande calamidade me ameaça e o seu voto de protecção foi ouvido por Deus.

Enquanto falava, a sua emoção aumentava, seus olhos umedeciam-se, um tremor agitava-o e para manter-se de pé, foi obrigado a encostar-se ao espaldar de uma cadeira.

— Queres que te diga uma coisa? murmurou Briffault. Tu estás te preparando uma formidavel indigestão.

E voltando-se para o padre, disse num tom de ironia:

— Padre, se algum dia, uma sombra qualquer encarregá-lo de incumbencia igual para mim, tenha a bondade de só executá-la na manhã segunte, quando eu estiver de estomago vasio.

— Senhores, disse o padre com o seu ar serio, estou desolado com a perturbação que a minha presença intempestiva veio trazer á sua festa.

O capitão Dantival não tinha necessidade de mim e eu me retiro.

— Não, não parta, disse apressadamente Dantival, por mais estranha que seja a aventura, a incredulidade de Briffault não diminue a impressão que experimento. O Sr. Cura não veio aqui em vão. Eu vou para o meu quarto e o Sr. me ministrará o ultimo sacramento. Depois veremos.

E os dois entraram no quarto, seguidos do sacristão

Os amigos ficaram silenciosos, e um tanto impacientes.

O ordenança do capitão apareceu:

— O Sr. Capitão pede que o desculpem; êle deitou-se porque está com uma forte enxaqueca.

— Pois sim. Vai dizer ao capitão que não se incomode conosco.

Depois, voltando-se para os amigos:

— Vão ou ficam? Eu monto-lhe guarda.

— E nós também, responderam todos.

— Iremos em turmas velá-lo.

Dantival adormecera. Sua respiração era regular e sua fisionomia calma. Só seus lobios se moviam, como se falasse em sonho.

Ás três horas da madrugada, tocava ao capitão Briffault velar á cabeceira do capitão. O incrédulo estava mais impaciente que os outros para ver como acabaria aquela história. Dantival mexeu-se várias vezes na cama sem acordar; a sua respiração tornara-se dificil; agitou-se, debateu-se um instante, estendeu-se e não se moveu mais. Seus olhos estavam abertos mas sem olhar.

Ao primeiro movimento, Briffault levantou-se e observou:

— Que tens? Precisas de alguma coisa? perguntou antes de manifestar-se a agitação.

Depois, o comandante estupefato, petrificado, deixou-se cair sôbre a poltrona junto da cama. Via alguma coisa que lhe tolhia a palavra e até os sentidos.

Foi-lhe preciso algum tempo para dominar a emoção que lhe fazia bater o coração no peito como o badalo de um sino.

Finalmente, ergueu-se e precipitou-se para o salão, onde estavam os outros conversando:

— Venham, venham, exclamou com voz aterrada... Está morto.. Está morto.

E eu vi a mãe dêle, do mesmo modo que a descreveu. Fechou-lhe os olhos, beijou-lhe a fronte e desapareceu pela porta fechada.

Todos correram para o quarto. Dantival havia expirado.

No dia seguinte, a pequena cidade, habitualmente tão pacífica, estava sob a impressão das circunstancias daquela morte, quando uma notícia escandalisada veiu tornar ainda mais intensa a excitação dos animos: a noiva do capitão Dantival fugira naquela noite com seu professor de piano.

Os amigos do capitão lembraram-se das ultimas palavras da mãe dele. A coincidência dos fatos deva áquelas palavras uma rigorosa significação.

— Coitado, murmuoru Briffault, abalado no seu cepticismo. Foi-lhe poupado um terrível sofrimento. A alma materna, alma piedosa e clarividente, alma protetora, salvou-o do desespêro e da tristeza.

"Mas Bernardo!... Então você acha que eu posso jantar sem MALZBIER?"

J.W.T.

Feita à base de rico malte — o que lhe garante um elevado teor alimentício — a Malzbier da Brahma completa e equilibra qualquer refeição. É uma bebida gostosa, nutritiva e que facilita a digestão. No seu almoço, lanche ou jantar, lembre-se sempre dessa cerveja, levemente adocicada: Malzbier da Brahma.

Malzbier da Brahma

COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANONIMA BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 7-7669 — S. PAULO

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO INCOMPARAVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

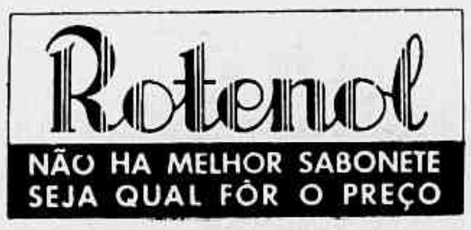
Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.



As Duas Estrêlas

(Continuação da pagina 24)

Eu tinha as minhas dúvidas. Não acreditava muito naquela história de Lua Cheia. Enfim, consegui convencer Poirot a partir.

Minha intenção era irmos imediatamente ao hotel em que estava hospedada Mary Marvell, e contar-lhe o ocorrido, mas Poirot se opôs terminantemente ao plano, dizendo que era melhor esperar o dia seguinte. Acedi, contrariado.

Na manhã seguinte, meu amigo não demonstrou a menor intenção de saír. Comecei a suspeitar de que, tendo errado no princípio do caso, êle não queria prosseguir. De qualquer forma, em resposta aos meus rogos, êle observou que a notícia do roubo estava em todos os jornais e que não havia necessidade de sair dos seus cômodos para comunicar o que todos conheciam. Novamente concordei, mas sem entusiasmo.

Às duas horas, mais ou menos, tocou o telefone. Poirot atendeu. A conversa foi breve. Êle respondeu à pessôa que lhe falava com um rápido "vou imediatamente" e desligou. Virou-se para mim:

— Sabe de uma novidade? O diamante de Miss Marvell foi roubado.

— O que? E onde ficou a Lua Cheia?

Poirot não respondeu.

— A que horas foi o roubo?

— Esta manhã.

— Eu não disse? Eu não disse ontem à noite?

A fisionomia de Poirot demonstrava o seu arrependimento.

— Você tinha razão.

No taxi, a caminho do hotel, expliquei:

— Aquela idéia da Lua Cheia é muito engenhosa. Queriam que esperássemos o roubo na sexta-feira. Antes disso não nos inquietaríamos. E' uma pena que você não tenha compreendido isso.

— Bem, não se pode pensar em tudo.

Senti pena dêle. Era o primeiro caso em que errava, êle que se orgulhava de ser infalível.

— Não se amofine; da próxima vez teremos mais sorte.

No hotel, fomos para o gabinete do diretor, onde estavam reunidos Gregory Rolf, dois agentes de Scotland Yard e um empregado do hotel.

Rolf foi logo dizendo, ao entrarmos:

— E' incrível. Não sei como êsse camarada teve a coragem de fazer aquilo.

Em breve conhecíamos os fatos. Rolf saíra às 11,15. Às 11,30 um cavalheiro muito parecido com êle entrou no hotel e pediu a joia que estava guardada no cofre do hotel. Assinou o recibo, observando despreocupadamente que a assinatura talvez não estivesse direito porque machucara a mão ao sair do taxi. O empregado, sorrindo, afirmou que não notara a diferença. Em seguida, o homem acrescentou:

— Bem, eu posso parecer um impostor. Imagine que tenho recebido cartas ameaçadoras de um chinês e o diabo é que eu próprio pareço um chinês. Já reparou os meus olhos?

O empregado, que contava a história, falou:

— Eu olhei os olhos dêle e reparei que eram ligeiramente oblíquos.

— Mas você não viu logo que não era eu? — exclamou Rolf. — Olhe para os meus olhos. São oblíquos?

O empregado suspirou.

— Não.

Um dos agentes da Scotland Yard observou:

— Camarada audacioso. Viu que os olhos poderiam ser notados e chamou logo a atenção para êles, afim de evitar suspeitas.

— A caixa de joias está aí.

— Foi encontrada no corredor. Só a Estrêla Ocidental fôra tirada.

Ficamos sem saber o que fazer.

Houve uma pausa. Finalmente, Poirot levantou-se.

— Posso ver madame?

— Ela está muito nervosa. Eu acho melhor o senhor esperar um pouco — aconselhou Rolf.

— Então, talvez o senhor pudesse consentir em conversar um instante a sós comigo.

— Pois não..

Sairam. Cinco minutos depois Poirot voltou radiante.

— Vamos, meu amigo. Tenho que passar um telegrama.

— Para quem?

— Para Lord Yardley. — E não me deixou perguntar mais nada.

— Eu sei que todo êsse negócio foi muito mal e que eu fui de uma estupidez extraordinária. Pronto. Está terminado. Vamos almoçar.

Durante o almôço recobrei a serenidade. A confissão de Poirot me espantara tanto que eu passei vários minutos com uma cômica cara de espanto.

Eram quatro horas quando voltamos para casa. Uma pessôa nos esperava. Era Lord Yardley, preocupado e nervoso.

— Recebi seu telegrama e vim imediatamente. Eu telefonei para Holfberg e êle disse que não sabia nada do tal comprador.

— Mil desculpas — disse Poirot. — Foi eu quem mandou o telegrama e pagou o homem para passar por perito.

— O senhor? Mas por quê?

— Eu queria precipitar os acontecimentos.

— Novamente pergunto. Por que?

— Para conseguir o que consegui.

— E o que o senhor conseguiu?

— Isto. — Com um gesto teatral, Poirot tirou do bolso um objeto brilhando. Um diamante!

— O "Estrêla Oriental"! — exclamou Lord Yardley. — Mas não compreendo.

— Nem é preciso que compreenda. Prometi ajudá-lo a conservar o diamante. Aqui está êle. Permita que guarde o meu segredo. E transmita a Lady Yardley os meus respeitos. Passe bem, milord.

Sorridente e tagarela, o belga levou o Lord, confuso e surpreendido, até à porta. Voltou, esfregando as mãos, muito satisfeito.

— Poirot — disse eu — estarei louco?

— Não, meu amigo. Você está, como é seu costume, intrigado.

— Onde achou o diamante?

— Gregory Rolf mo entregou.

— Rolf?

— Sim. As cartas, o chinês, os artigos sôbre ás joias nos jornais, tudo isso nasceu no cérebro inteligentíssimo de Rolf. Os dois diamantes, miraculosamente iguais, nunca existiram. Sempre houve um só diamante, o que pertencia à família Yardley. Êste diamante estava em poder de Rolf que, esta manhã, roubou-o de si próprio com ajuda de um hábil maquillage. Ah! preciso vê-lo representar. Êle é um grande artista!

— Mas por que roubar a si mesmo?

— Por muitas razões. Em primeiro lugar, Lady Yardley.

— Lady Yardley!

— Sim, meu amigo. Lady Yardley, que o marido deixava muito só lá na Califórnia e que flirtava com o sr. Rolf por desfastio. Lady Yardley escreveu cartas comprometedoras — conforme me contou e eu acredito — que poderiam ser mal interpretadas, e teve de dar o diamante para rehavê-las e foi obrigada a substituir a pedra no colar por uma imitação. A coincidência de datas da viagem aos Estados Unidos e do aparecimento do outro diamante chamou logo a minha atenção. E veio a ameaça de vender o diamante que ela não possuia mais. Lady Yardley escreveu a Rolf, desesperada. E êle prometeu arranjar tudo. Preparou, então, um duplo roubo. Dêsse modo, êle acalmaria a dama e receberia o seguro pelo diamante, que passa de cinqüenta mil libras. E conservou o diamante. Mas anuncia-se a chegada de um perito e precipitam-se os acontecimentos. Lady Yardley finge ser roubada. Em vez de acender a outra luz, apaga as duas e bate a porta. Grita. Joga o colar para um lado. A porta lateral já abrira antes, colocando nela o pedaço de seda bordada. No quarto, tirou a imitação do colar com uma pinça...

— Mas nós vimos o colar!

— Ela estava com a mão sôbre o peito, nesse instante, no centro do colar, EM CIMA DO LUGAR DO DIAMANTE, escondendo-o porque ali não havia nada. Assim que Rolf soube do roubo arranjou a comédia que interpretou magistralmente.

— Que é que você disse a êle?

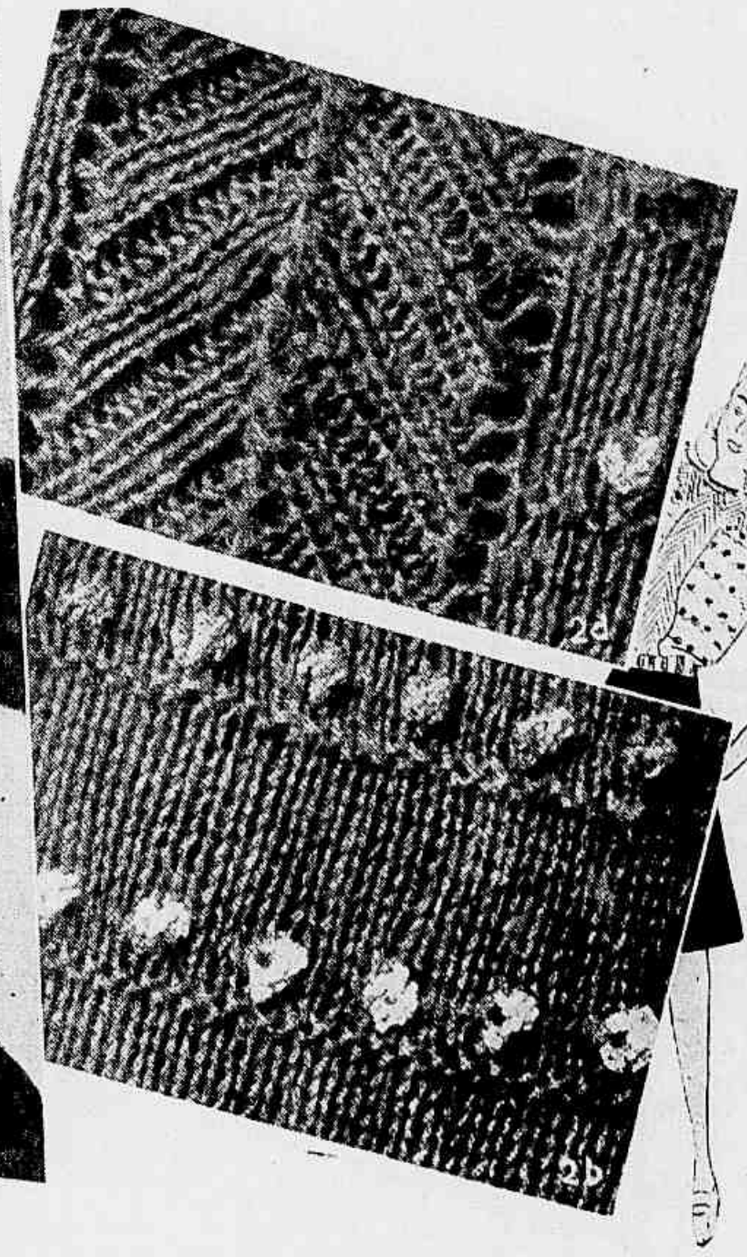
— Disse-lhe que Lady Yardley contara tudo ao marido e que tinha poderes para rehaver a joia, e que, caso se negasse a restituí-la, seria processado. E mais umas outras mentirinhas que me ocorreram. Êle fez tudo que eu mandei.

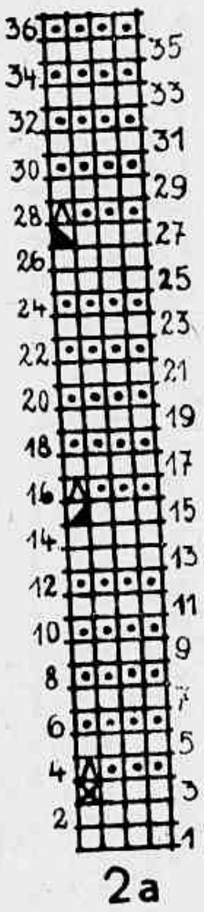
— Quer dizer que Rolf mandou as cartas para Lady Yardley também, para dar mais verossimilhança ao roubo?

— Nada disso, meu amigo. Lady Yardley veio me procurar para pedir um conselho. Queria saber o que devia fazer, si devia ser cúmplice na farça preparada. Umas poucas perguntas que eu lhe fiz, quando voltei para casa, bastaram para que eu me convencesse de que foi você quem sugeriu que ela tinha recebido cartas ameaçadoras.

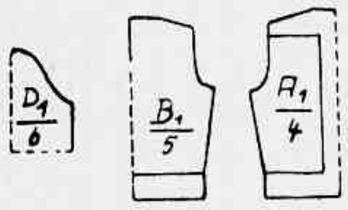
— Ora, bolas! Você não tinha o direito de me fazer de idiota, de brincar assim comigo. Há um limite para tudo. E desta vez, você foi longe de mais!

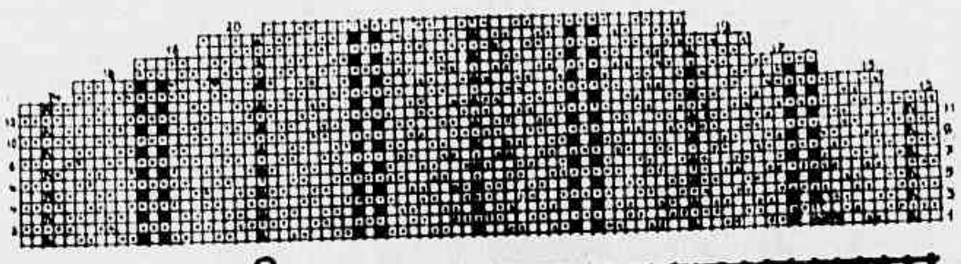
— Mas você estava se divertindo tanto com a imbecilidade do velho Poirot que eu não tive coragem de desmanchar o prazer...



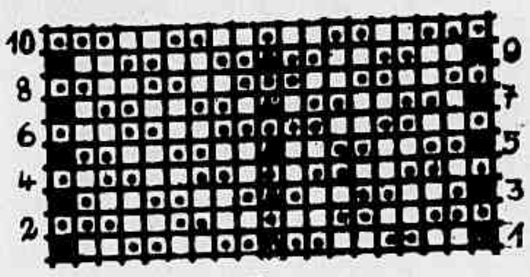


2a





2e



2c

Para o seu tricot

BLUSA DE TRICOT DE LÃ

As medidas dadas conveem para manequim 42 (volta do peito 92c.). São necessarias pouco mais ou menos 200 grs. de lã de grossura media azul marinho, 25 grs. de lã azul claro, igual quantidade de amarelo claro e coral palido, 2 jogos de agulhas de tricot n.º 3 e 3 1/2, agulha de crochet n.º 2, e um pequeno botão.

Pontos empregados: Ponto de gaita: alternando sempre 2 malhas pelo direito, duas malhas pelo avesso. Listas horizontaes: tricotar, segundo o modelo de pontos contados fig. 2 a, examinar tambem o modelo 2 b. O meio da frente é trabalhado com o ponto de gaita duplo convergente, e as 20 carreiras da frente são tricotadas segundo o modelo de pontos contados fig. 2 e 2 e, examinar o modelo 2.

Execução da frente — Pôr, na agulha de tricot n.º 3, 90 malhas e tricotar 6 centimetros e meio de ponto de gaita duplo. Na ultima carreira as 2 malhas do centro devem estar no avesso. Continuar com as agulhas mais grossas, fazendo sobre as 36 primeiras e 36 ultimas malhas listas horizontaes, e sobre as 18 do centro o ponto de gaita de listas convergentes, segundo o modelo de pontos contados 2c. — Tricotar 58 carreiras (19 c. e meio) aumentando de cada lado 1 malha todas as 6 carreiras (largura do trabalho 109 malhas). No decorrer das 14 carreiras seguintes (4 c. e meio), fechar para cada cava 1 vez 4 malhas, 3 vezes 2 malhas e 3 vezes 1 malha (largura do trabalho 83 malhas). Tricotar 28 carreiras (9 c. e meio) com a mesma largura. Tricotar as 20 ultimas carreiras segundo o modelo de pontos contados 2 e. Depois da 20.ª carreira, fechar as 39 malhas medianas.

Costas: Pôr, na agulha de tricot n.º 3, 78 malhas e tricotar 6 c. e meio no ponto de gaita duplo. Continuar com as agulhas mais grossas no ponto das listas horizontaes, fazendo 58 carreiras, aumentando de cada lado 1 malha todas as 6 carreiras (largura do trabalho 96 malhas, 43 c. e meio). No decorrer das 10 carreiras (3 c. e meio) seguintes, fechar para as cavas 1 vez 3 malhas, 1 vez 2 malhas e 3 vezes 1 malha (largura do trabalho 80 m., 36 c.) Tricotar 21 carreiras (7 c.) de largura igual. Em seguida, separar o trabalho no meio para a frente e terminar cada lado separadamente (largura 40m). Continuar 18 carreiras (6 c.) da mesma largura. Juntar 10 carreiras (3 c.) fechando para enviezar o hombro, partindo da cava, 3 vezes 4 malhas e 2 vezes 5 malhas. Fechar as 18 malhas restantes.

Manga: Pôr, na agulha n.º 3, 60 malhas e tricotar dois centimetros e meio no ponto de gaita duplo. Na ultima carreira tricotar 2 malhas em cada 3.ª malha (largura do trabalho 80 malhas). Continuar com as agulhas mais grossas no ponto de listas 30 carreiras (10 c.) de largura igual. No decorrer das 48 carreiras (16 c.) seguintes, fechar de cada lado 3 vezes 2 malhas, 17 vezes 10 malhas, 1 vez 2 malhas, 2 vezes 3 malhas e 1 vez 4 malhas. Fechar as 10 malhas restantes de uma só vez. Quando pregar as mangas nas cavas fazer umas pequeras pregas na parte de cima. Fazer 1 carreira de pontos baixos em volta da gola e da fenda. Fechar na parte de cima por meio de uma alça e um botão.

CORRESPONDENCIA

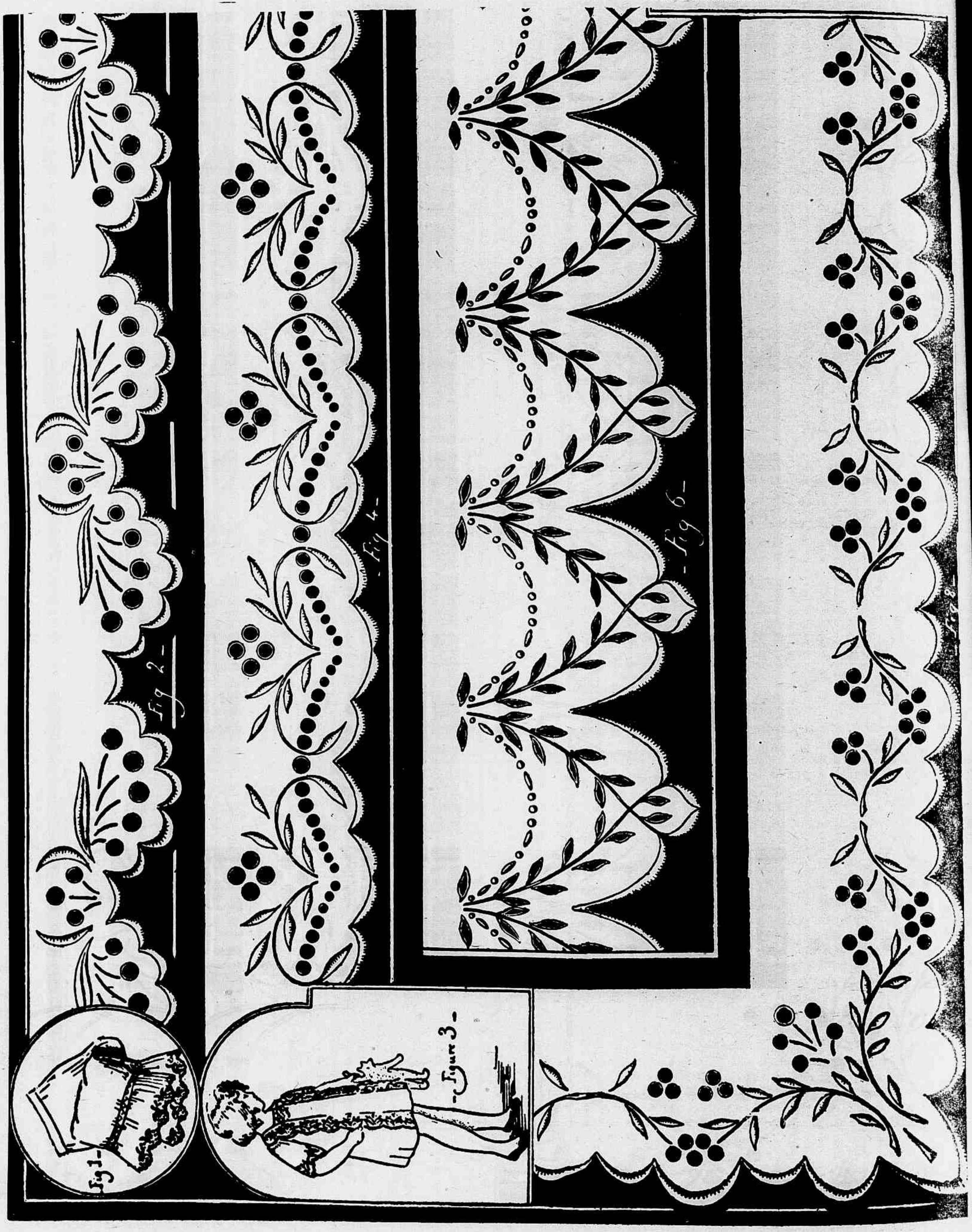
Presada consulente D. Alice Vieira Ferreira — Copacabana.

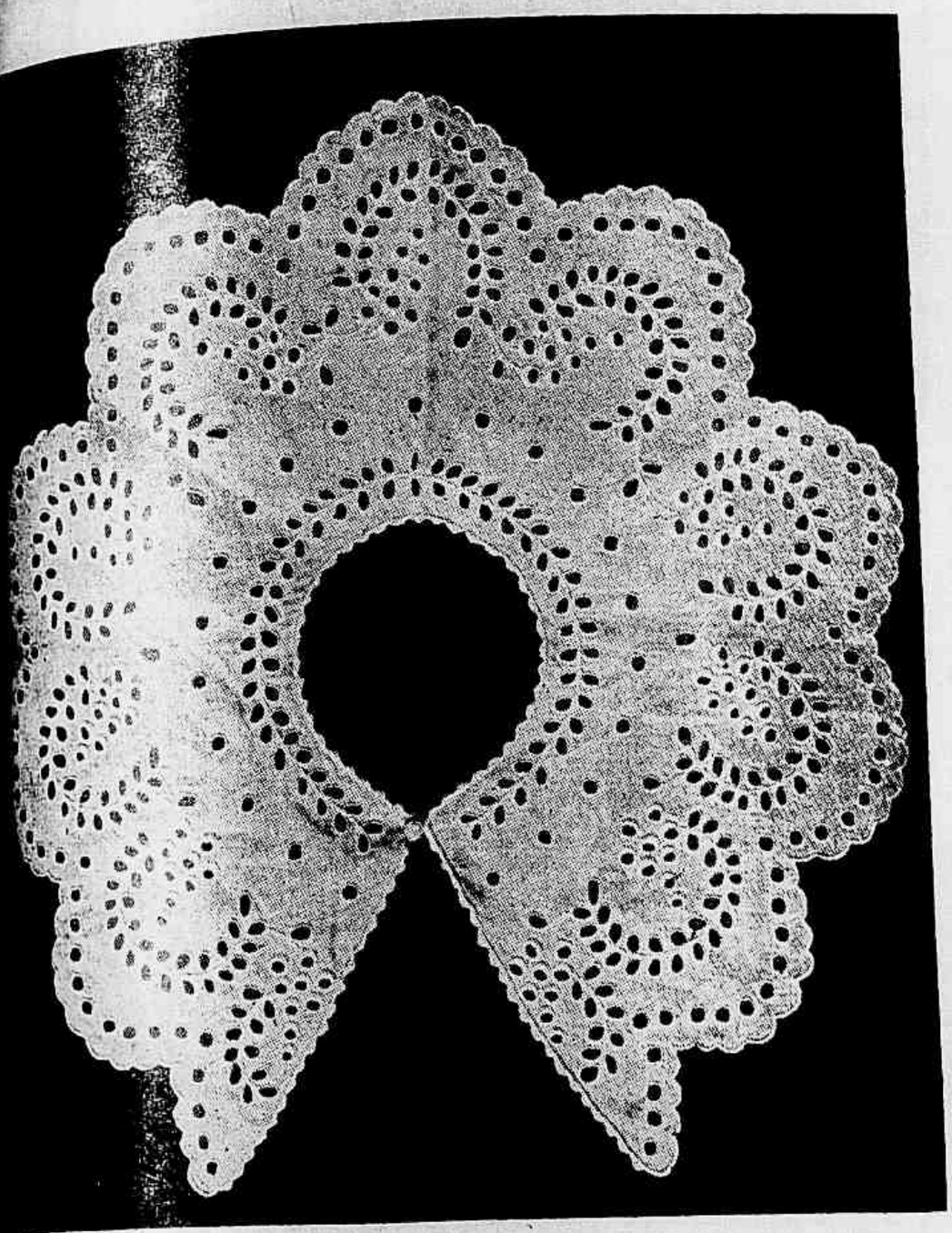
A ordem do serviço da REVISTA não nos permite responder com muita presteza às nossas leitoras, contudo sempre o fazemos com prazer. Atendendo ao seu pedido damos a seguir uma receita de manga comprida ajustada, e no numero do dia 8 de Janeiro encontrará um cliché com uma blusa de tricot com manga comprida de punhos como a que deseja. O estilo que a senhora escolheu é moderníssimo e muito original; felicito-a pelo bom gosto.

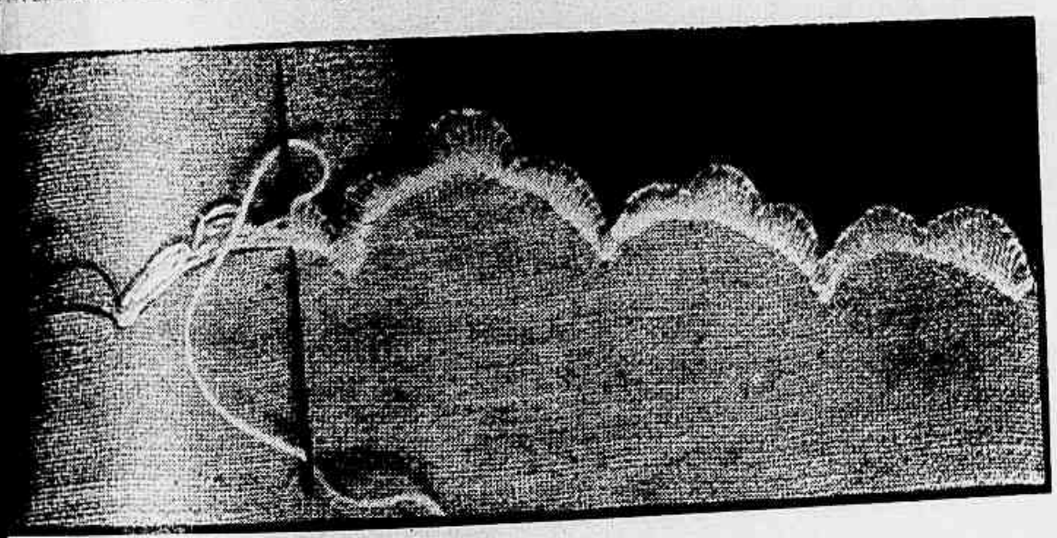
Manga — Cada uma das mangas começa com 42 pontos que se aumentam de 1 p. de cada lado cada 6 fileiras, até ter 96 (cento sessenta e duas fileiras). Cerram-se 5 ao começar as duas seguintes e a seguir um cada quatro carreiras se tomam juntos os dois de cada ponta até reduzir os pontos a 55. Tomam-se os 11 primeiros, em cada começo de volta, tomam-se 2 juntos até terminá-los. Arremata-se e repete-se a mesma cousa em cada grupo de 11 seguintes. Depois é só unir e costurar.

iencarelli
ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

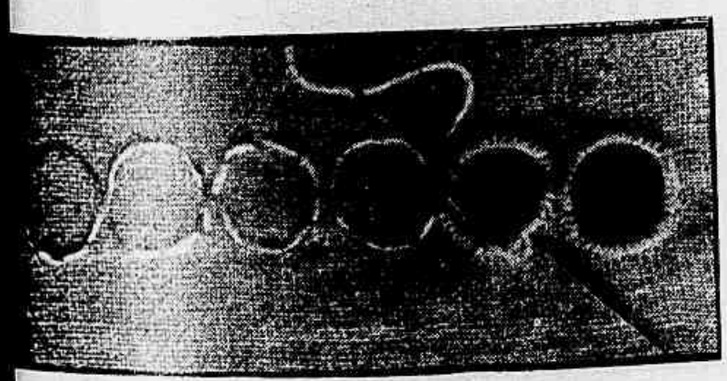
TRABALHOS MANUAIS







Como se faz o festonné dos bicos.



Ao lado:

Como se borda o ponto inglês com o "cordonnet".

Na página à esquerda:

Bordado inglês

O bordado inglês está na moda. Os vestidos brancos de verão em seda ou linho, como os vestidos pretos e de outras côres, tambem são bordados nesse estilo. Golas, punhos e babados para enfeite de vestidos, quadriculados ou lisos, são feitos em ponto inglês. E' de fato, um bordado alegre e de muito efeito pela delicadeza, além de ser de facil execução. No desenho junto, damos varios bicos desse bordado e ponto chato cheio. Os bicos são feitos de festoné comum. Podem ser executados em algodão ou sêda e servem a varios fins. Os furos redondos são feitos com o furador apropriado e os alongados com uma tesoura de bico fino apropriada e sempre devem ser menores que o risco porque o bordado costuma alargar o buraco. Antes de cortar passe um alinhavo com a linha de bordar ao redor do desenho.

GOLA BORDADA

Esta gola, de extrema delicadeza, é toda em bordado inglês, executada com linha mecerisada n.º 6. C. B. O ponto é "cordonnet" cheio, portanto facil de executar. O bordado inglês muito em voga está substituindo a falta de rendas finas até na confecção da lingerie, sendo que algumas vezes é feito sobre a seda com filó por baixo, de grande delicadeza e muito bonito, além de ser bem vistoso.

D. LIDIA NOGUEIRA diz:

Para êle, só dou o melhor!

QUER ver seu filhinho crescer forte, sadio, sempre com apetite e bem disposto? Inclua, diàriamente, Quaker Oats, no seu regime alimentar. Quaker Oats desenvolve o corpo, os ossos, os músculos e enriquece o sangue. Auxilia o crescimento normal das crianças, graças à sua abundância em Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e proteínas. Quaker Oats é, também, de um gôsto agradável. Proporcione, diàriamente, os seus inúmeros benefícios, ao seu bêbê e a tôda sua família. Quaker Oats é econômica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o pêso integral — 567 gramas em cada lata.

Para maior valor — insista em QUAKER OATS

Nem tôda *aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica* ùnicamente *a* original e legítima *Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermèticamente fechada.*

QUAKER OATS

Mais pêso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

O "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944

está á venda em toda parte.
Preço: Cr $ 8,00 em todo o Brasil.
Pedidos á Comp. Editora Americana
Maranguape, 15 -- Rio.

O LAR

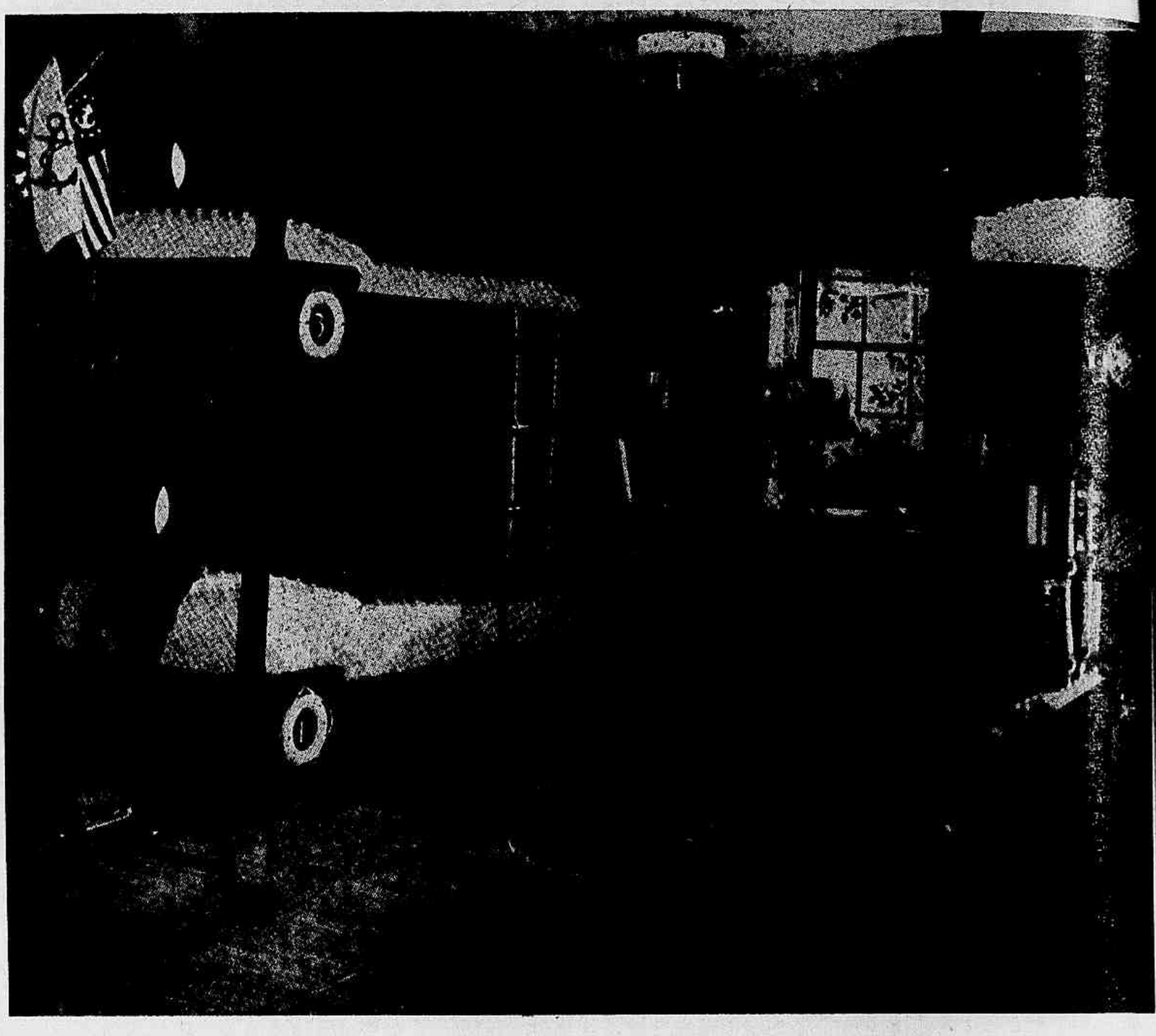
Para imprimir um encanto novo a estas nossas paginas do lar vamos dar hoje modelos de quartos para criança. Um deles é para meninos ou meninas menores de 2 a 8 anos; o outro para rapazinhos. Em ambos não falta a nota original que caracterisa a criação americana.

No pequeno quarto dos bebês menos taludos ha um otimo escorregador, epecie de tubogam aproveitado tambem como estante.

Os desenhistas americanos, que se especialisam nesse estilo de decorações e creações, teem procurado, como aliás em tudo o mais, fazer cousa pratica e util. Crearam moveis desmontaveis e que podem ser facilmente arranjados para servir a fins diversos. Neste pequeno quarto para garotinhos, por exemplo, a cama-berço, com seu vistoso gradeado, póde transformar-se em confortavel cama-divan; retirado o escorregador infantil, ficará uma bôa estante. Agora só teriamos a modificar a pintura, laqueando os moveis de uma côr só, escolhendo de preferencia uma que agradasse aos donos do aposento. Os tambores ou baldes de madeira são facilmente transformaveis em tamboretes; todos os brinquedos seriam substituidos por livros e objetos proprios aos novos ocupantes do quarto.

◈

Nada mais original e mais interessante do que um quarto-navio. Temos aí um amplo camarote com dois beliches bem carateristicos. Os menores detalhes da decoração não foram esquecidos, o relogio é uma roda de leme, no chão está a rosa dos ventos, dois salva-vidas decoram as camas, e até a escada de corda não foi esquecida; os abat-jours teem os pés e os quebra-luz num conjunto de engrenagem de leme e tambores; sobre os dois beliches estão abertas as vigias e no mastro de um dos beliches a bandeira.



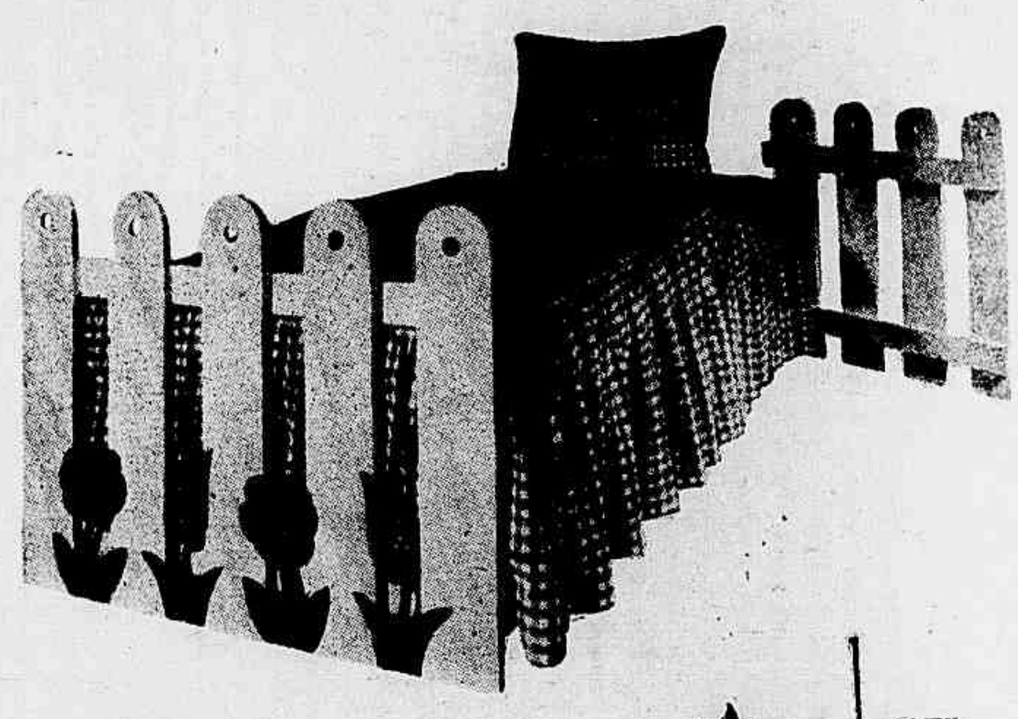
Detalhe do quarto camarote, com todos os objetos tipicos: as cadeiras em lona vermelha ou azul, os salva-vidas, o relogio que é uma roda de leme, e a escada de córda. E' um ambiente propicio a despertar o amôr á vida aventurosa dos marujos.

Todo o sugestivo encanto de um ambiente propicio á vocação maritima de um garoto, onde não faltarão certamente os livros de viagem com as historias de Zimbad o marujo que se equivale ao terrestre Cruzoé, ou ainda a historia de Sir Galeig, um galante fidalgo da côrte de Elizabeth que desde criança sentia uma estranha fascinação pelo mar e foi um intrepido viajante.

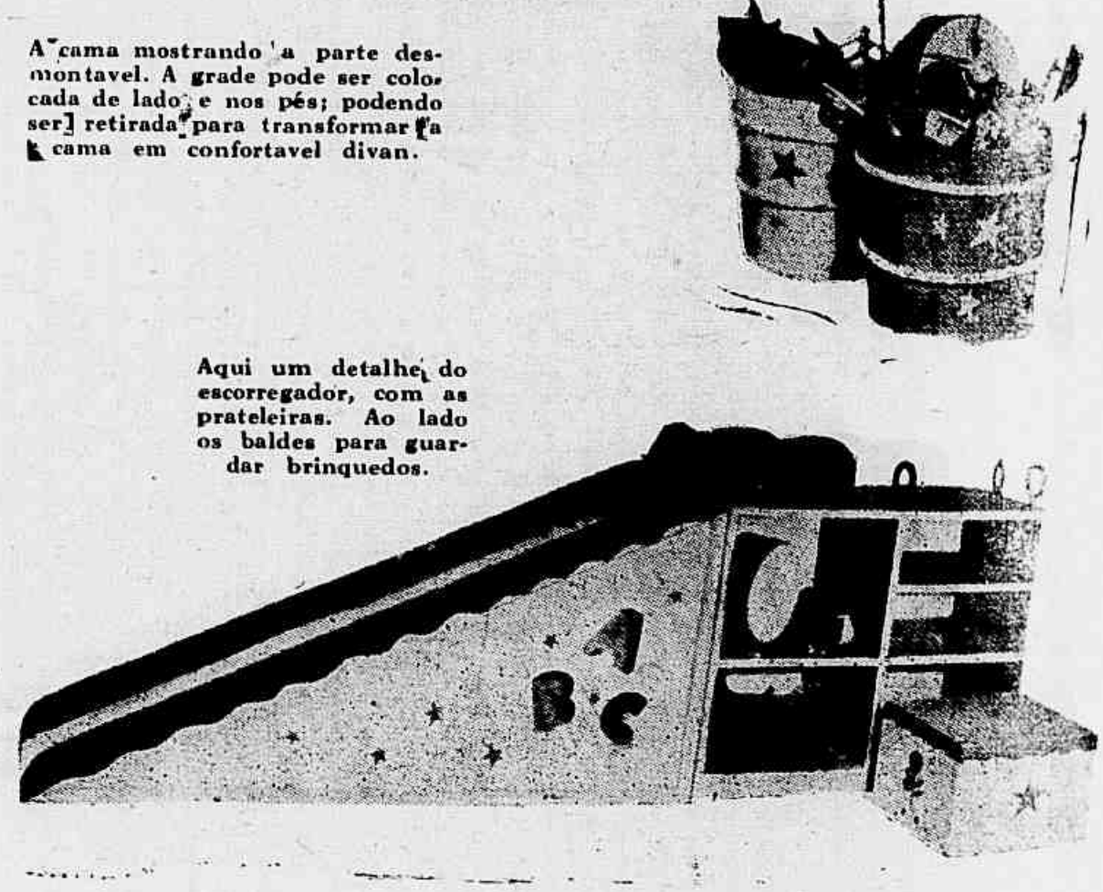
Este interesse e cuidado pela criança na America tem um grande sentido pratico: eles procuram objetivar as teorias transformando-as em ação eficiente e inteligentemente aplicada.

O quarto das crianças deve ser sempre o melhor da casa, o mais arejado e limpo, com espaço bastante para que a criança nele tenha todos os seus objetos. Esse é o seu mundo, e ele deve ser alegre e higienico. A' medida que ela se desenvolva, o seu pequeno mundo vai tambem se modificando, os quadros infantis devem ser substituidos por outros mais artisticos e sua biblioteca deve ser selecionada com carinho e inteligente atenção de maneira a iniciar uma base de cultura séria e capaz de orientar-lhes não só o senso artistico, mas tambem o carater. O mesmo aconselhariamos para a musica; certamente não estamos insinuando o classico propriamente, mas bôa musica, simplesmente.

O Lar como já o dissemos uma vez não é só a casa que habitamos, é o ambiente que formamos dentro da casa, o ambiente que se destina á nossa vida e á dos entes queridos que estão sob nossa guarda, nossa responsabilidade moral e material, nosso carinho.



A cama mostrando a parte desmontavel. A grade pode ser colocada de lado e nos pés; podendo ser retirada para transformar a cama em confortavel divan.



Aqui um detalhe do escorregador, com as prateleiras. Ao lado os baldes para guardar brinquedos.

"FUMOIR"

Neste *fumoir* moderno, podemos observar o efeito artistico de um mobiliario de linhas simples, disposto na peça de modo a aproveitar o maximo de espaço, sem prejuizo da estetica.

As poltronas baixas, de couro cinzento liso, se harmonizam perfeitamente com a mesa central, onde estão embutidos cinzeiros simples e originais. Ao fundo duas poltronas de linhas diferentes e mais pesadas concorrem para maior distinção do ambiente. Completam esta bela sala duas mesas de cristal, uma mais baixa para revistas e jornais e outra para flores ou bustos.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
ASA MARCA
UNES REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE
65 · RUA DA CARIOCA · 67
NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

SIGARROS
Continental
CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
PONTA DE CORTIÇA
SIGARROS
Continental
CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ